O ANÃO

pär lagerkvist

pär lagerkvist

CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

PÄR LAGERKVIST

— Prêmio Nobel de 1951 —
é escritor de projeção universal,
estando sua obra traduzida para mais
de trinta idiomas.

O ANÃO

— romance de linguagem singela e em
que os pormenores se entretecem como
numa *tapisserie* vivaz e colorida —
passa-se numa côrte da Renascença
italiana, mas, na verdade, constitui
a visão dos nossos tempos contraditórios
e angustiosos, em que brutalidade e
idealismo estão em conflito e o ser
humano se interroga sôbre suas
dúvidas e desesperos.

O ANÃO

é a encarnação do Mal, da intriga
e da mesquinhez, das fôrças que abominam
as belezas da vida, a paz e a concórdia
entre os homens.

MAIS UM LANÇAMENTO DE CATEGORIA DA
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

O ANÃO

Pär Lagerkvist nasceu em Växjö, na Suécia, em 1891 — cidade pacata e conservadora, de população pequeno-burguesa e arraigadas tradições religiosas. Filho de um ferroviário casado com uma terna mulher que amava ler a *Bíblia* e os *Salmos* — cujos pais eram fazendeiros — revoltou-se contra êsse lar simples e tranqüilo, dêle saindo para freqüentar a Universidade de Upsala, que também abandonou em 1913, partindo para Paris. Nesta metrópole conheceu Gertrude Stein, passou dias e dias no Louvre e travou conhecimento com o cubismo de Picasso e de Léger.

Admirador de Strindberg, leitor de Dostoiévski, do *Antigo Testamento,* do *Rig-Veda,* do *Alcorão,* do *Kalevala,* de Poe, Baudelaire e Flaubert, passou a Primeira Grande Guerra na Dinamarca, preocupado com a problemática teatral. Em 1919, de retôrno à Suécia, exerceu a crítica de teatro na imprensa de sua pátria. Na juventude mostrou-se simpatizante dos movimentos operários e foi abalado por forte crise existencial. É a época em que se afirmava "um crente sem fé, um ateu imbuído de religião".

Tendo vivido na Dinamarca, França e Itália, em 1930 retornou à Suécia para nela se fixar definitivamente, mas quatro anos depois empreendeu viagens à Grécia e à Palestina, visitando a Acrópole e o Gólgota. Com a ascensão de Hitler ao poder, manifestou-se desde logo tenaz adversário do nazismo, combatendo-o por todos os meios, inclusive aliando-se a outros escritores suecos que se aperceberam imediatamente do perigo que a *nova ordem* representava para o mundo e para a humanidade.

Poeta dos maiores, altíssima voz lírica da Escandinávia, teatrólogo da mesma estirpe de Strindberg, ficcionista de larga repercussão internacional, em 1940 foi eleito para a Academia da Suécia que, em 1951, lhe conferiu o *Prêmio Nobel,* atendendo a sugestões de várias entidades consultadas, além das indicações pessoais de André Gide e Roger Martin du Gard, seus admiradores.

A obra de Pär Lagerkvist está traduzida, hoje, para mais de trinta idiomas. Escritor expressionista a princípio, procurou, ao longo dos anos, uma forma pessoal, inovadora, que superasse as limitações do realismo e lhe permitisse descrever o drama humano de maneira ampla, abrangente. Essa busca levou-o a uma literatura que não foge à realidade da vida, mas a transfigura, a uma literatura que cria símbolos universais e se traduz numa linguagem moderna, simples e precisa a um só tempo.

O Anão é um romance participante, engajado na luta contra as fôrças que obscurecem o espírito e secam as fontes do amor, e apregoam o ódio, o desprêzo pelo sentimento humano, difundem e defendem a prepotência e a escravidão. A história não se passa na nossa época, mas na faustosa côrte de um príncipe da Renascença italiana, cujo amoralismo político e cujo poder fascinam o seu anão — figura intrigante e abjeta, encarnação do mal, um Caliban mediterrâneo e demoníaco, que odeia os homens, abomina as belezas da vida, as idéias elevadas e generosas, a paz e a concórdia.

Romance complexo no seu simbolismo, constitui uma dessas poucas obras que, a cada leitura, abre novas e fascinantes perspectivas de entendimento ou interpretação. Mas sua mensagem mais evidente e nítida está em que constitui uma visão do nosso tempo e de tôdas as suas contradições, sendo ao mesmo tempo, uma constante, crispada e até aflita interrogação sôbre os mistérios do homem, a mesquinhez e sublimidade da condição humana, o idealismo e o pragmatismo das sociedades e dos indivíduos.

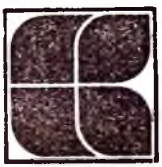
MARIANO TÔRRES

Coleção
BIBLIOTECA DO LEITOR MODERNO
Volume 114

Pär Lagerkvist

O ANÃO

Tradução de
ÁLVARO CABRAL



civilização
brasileira

Título do original sueco:
DVÄRGEN
© Albert Bonniers Förlag, 1944
Traduzido da edição inglêsa:
The Dwarf, publicada por Chatto & Windus, Londres.

Desenho de capa:
ROBERTO FRANCO

Diagramação:
LÉA CAULLIRAUX

Direitos para a língua portuguêsa adquiridos, com
exclusividade para o Brasil, pela
EDITÔRA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA
Rua 7 de Setembro, 97
RIO DE JANEIRO,
que se reserva a propriedade desta tradução.

1 9 7 0

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

TENHO sessenta e seis centímetros de altura mas minha compleição física é perfeita e bem proporcionada, exceto a cabeça, talvez um pouco grande demais. Em vez de negros, como os outros, meus cabelos são arruivados, muito rijos e espessos, recuados nas têmporas, o que torna minha testa mais digna de atenção pela largura do que pela altura. Meu rosto é imberbe; fora disso, parece-se com o de todos os outros homens. Minhas sobrancelhas são unidas. Tenho considerável vigor físico, sobretudo quando estou encolerizado. Quando nos fizeram lutar, Josafat e eu, um contra o outro, estendi-o de costas no chão ao cabo de vinte minutos e estrangulei-o. Desde então, sou o único anão da côrte.

Os anões, em sua grande maioria, são bufões. Devem dizer coisas engraçadas, contar piadas ou fazer palhaçadas que provoquem o riso de seus amos. Jamais me rebaixei a tais manifestações. E ninguém, verdade seja dita, me propôs ainda que as tivesse. Basta o meu aspecto para impedir que façam tal uso de mim. Minha fisionomia não se presta, absolutamente, a facécias ridículas. E nunca riu.

Não sou um bufão. Sou apenas um anão, nada mais.

Por outra parte, confesso que tenho uma língua mordaz, o que pode agradar a certas pessoas de meu círculo de relações. Mas isso não quer dizer, forçosamente, ser um bufão.

Eu disse que o meu rosto se assemelha ao dos outros homens. Isso não é inteiramente exato; êle é muito encarquilhado, sulcado por numerosas rugas. Não considero isso um defeito. Se os outros são diferentes, sob êsse ponto de vista, a culpa não é minha. Sou como sou, sem pretender me embelezar ou enfear. Talvez não seja muito natural mas, em todo o caso, felicito-me por ter êsse aspecto.

As rugas fazem com que eu pareça muito velho. Não sou. Mas ouvi dizer que os anões descendem de uma raça mais antiga do que a que hoje povoa o mundo e que, por conseguinte, já somos velhos ao nascer. Não sei se isso é verdade. Caso afirmativo, seríamos criaturas realmente originais. Não me desagrada de todo pensar que pertenço a outra raça, diferente da atual raça humana, e que tal particularidade seja visível em minha pessoa.

Na verdade, acho a fisionomia dos outros muito insignificante.

Meus amos são muito benévolos comigo, sobretudo o príncipe, grande e poderoso senhor. Um homem que tem grandiosos planos e que sabe cumpri-los à risca. Um homem de ação, embora seja ao mesmo tempo muito culto. Encontra tempo para tudo e adora conversar sôbre os mais diversos as-

suntos. Oculta seus verdadeiros desígnios falando de outras coisas muito diferentes.

Pode parecer inútil uma pessoa interessar-se por tudo (na suposição de que ela se interessa realmente por tudo). Em todo o caso, sua qualidade de príncipe faz com que isso seja um dever. Dá a impressão de compreender e dominar qualquer tema, seja qual fôr, ou de, pelo menos, esforçar-se por isso. É impossível negar que sua personalidade se impõe. De tôdas as pessoas com quem me deparei até hoje, é a única que não me despreza.

O príncipe é muito hipócrita.

Se bem que conheça perfeitamente meu amo, não me atreveria a dizer que o conheço a fundo. Êle possui uma natureza complexa, bastante imperscrutável. Seria errôneo afirmar que ocultas enigmas em seu íntimo; não, não faz isso mas, de certa maneira, é um insondável. Eu próprio não consigo entendê-lo completamente e não poucas vêzes pergunto a mim mesmo por que razão o sirvo com uma fidelidade canina. Aliás, êle tampouco me compreende bem.

Não se me impõe tanto quanto aos outros, mas estou contente por ter um amo tão imponente. Diria de bom grado que é um grande homem, se porventura se pudesse ser grande para o seu anão.

Sigo-o constantemente como uma sombra.

A PRINCESA Teodora depende muito de mim. Guardo o seu segrêdo em meu coração. Jamais deixei transpirar uma só palavra. Poderiam jogar-me aos horrores da câmara de torturas que nunca revelaria coisa alguma. Por quê? Ignoro-o. Odeio-a, gostaria de vê-la morta, ardendo e consumindo-se nas chamas do Inferno, com as pernas afastadas e as labaredas lambendo seu ventre repugnante. Detesto seus hábitos dissolutos, as cartas lascivas que me manda levar a seus amantes e cujas palavras incandescentes abrasam meu coração. Mas não atraiçoo. Estou constantemente arriscando a vida por ela.

Quando me chama a seus aposentos privados e, segredando suas ordens em meu ouvido, esconde sob o meu gibão uma mensagem amorosa, todo o meu corpo estremece e o sangue me sobe num alvoroço à cabeça. Mas a princesa nada nota, não imagina por um segundo sequer que estou arriscando por ela a vida. Não a dela, a minha! Limita-se a esboçar um sorriso, quase imperceptível, um pouco distraído, que lhe é característico, e deixa-me partir para a perigosa missão. O papel que desempenho em sua existência secreta não conta aos olhos da princesa. Mas tem confiança em mim.

Odeio todos os seus amantes. Sempre senti vontade de me lançar sôbre êles, de punhal em riste, e ver o sangue dêles correr dos incontáveis golpes que lhes desferiria. Detesto, sobretudo, Don Ricardo, com quem ela já tem caso há vários anos e de quem não consegue desligar-se. Tenho por êle uma verdadeira aversão.

Ela me chama por vêzes à sua alcova, antes de levantar-se, e mostra-se a mim sem pudor. Já não é jovem, seus seios pendem enquanto, ainda estirada preguiçosamente no leito, brinca com suas jóias, retirando-as uma a uma do pequeno cofre que lhe é apresentado por uma aia. Não compreendo que alguém possa amá-la. Ela nada mais tem de desejável. Apenas se percebe que já foi bela.

Pergunta-me que jóias deverá pôr nesse dia. Gosta de me dirigir essa pergunta. Fá-las escorrer entre seus dedos finos e espreguiça-se voluptuosamente sob a pesada colcha de sêda. É uma autêntica cortesã. Uma cortesã no leito de um grande e magnífico príncipe. O amor enche sua vida. Esboça um sorriso sonhador quando faz as jóias escorrerem-lhe entre os dedos.

Nesses instantes, fica um pouco triste ou finge entristecer-se. Num movimento dolente da mão, passa um colar em tôrno do pescoço e, vendo rebrilharem os grossos rubis entre os seios, que ainda são muito belos, pergunta-me se deve pôr êsse colar. Em volta de seu leito flutua um aroma que me faz mal ao coração. Detesto-a. Gostaria de vê-la ardendo no fogo do Inferno. Mas respondo que não poderia ter escolhido coisa melhor e ela me dirige um olhar de gratidão, como se, compartilhando de sua aflição, eu lhe tivesse proporcionado uma consolação melancólica.

Por vêzes, me chama de seu único e verdadeiro amigo. Certo dia, perguntou-me se eu estava apaixonado por ela.

SUSPEITARÁ o príncipe de alguma coisa? De que suspeita êle? De nada? Ou de tudo?

Parece que a vida secreta da princesa é um assunto em que êle está desinteressado. Mas fica-se na ignorância, pois nada há de que se possa ter a certeza com tal homem. A vida conjugal dos dois parece não ser turvada por qualquer sombra; aliás, o príncipe dá sempre a impressão de que, com êle, tudo é claro e transparente como um dia de sol. É estranho que seja justamente um tal homem que permaneça impenetrável para mim. Talvez por eu ser o seu anão. E, como já lhe disse, êle tampouco me penetra! Conheço muito melhor a princesa, o que não é surpreendente, pois que a detesto. É difícil compreender um ser humano que não se odeie, pois ficamos desarmados perante êle, de nada dispomos para lhe penetrar o ser.

Quais são as suas relações com a princesa? Ainda a ama? Será seu único e verdadeiro amante? E será por isso que êle parece tão indiferente a tudo o mais que ela faz? Quanto a mim, tudo isso me perturba... E a êle não?

Não consigo explicar a impassibilidade dêle. Êsse ar de desprendimento me irrita, me causa um mal-estar de que não posso me livrar. Gostaria que êle fôsse como eu.

A CÔRTE fervilha de estranhas gentes. Sábios que se deixam ficar sentados, a cabeça entre as mãos, para indagar o sentido da vida; sábios que acreditam poder acompanhar com os velhos olhos lacrimejantes o curso das estrêlas, sim, e nelas verem até refletido o destino humano. Celerados a quem a fôrca espreita para seu alimento e aventureiros que lêem às damas da côrte seus versos lânguidos mas a quem encontraremos na manhã seguinte jazendo por terra e vomitando. Nesse estado um dêles foi apunhalado e recordo-me de que outro foi açoitado por ter escrito um panfleto contra o cavaleiro Moro-

celli. Artistas que levam uma vida dissoluta mas abarrotam as igrejas de imagens de santos, desenhistas e escultores que devem erigir o campanário da nova catedral, sonhadores e charlatães de tôda a espécie. Vão e vêm como vagabundos que são; alguns dêles vão ficando por mais tempo, quase podendo dizer-se que fazem parte da côrte. Todos abusam por igual da hospitalidade do príncipe.

É incrível que êle consinta em receber aqui tantos intrusos. Mais inacreditável ainda que escute suas estúpidas charlas. Entendo que se possa, ocasionalmente, escutar os poetas recitando poemas; é aceitável considerá-los uma espécie de bufões; sempre existiu gente dessa espécie nas côrtes. Cantam a nobreza e a pureza da alma humana, celebram os grandes eventos e as grandes proezas e nada se pode dizer contra isso. O ser humano tem necessidade de ser lisonjeado, caso contrário não se converterá jamais naquilo que está destinado a ser... nem mesmo a seus próprios olhos. Muitas coisas existem no presente e no passado que só são nobres e belas porque foram cantadas. Os poetas celebram sobretudo o amor e têm tôda a razão, pois nada existe que tenha mais necessidade do que o amor em ser transformado naquilo que não é. As damas tornam-se então melancólicas, os suspiros dilatam-lhes o seio e os homens assumem um ar sonhador, pois todos se dão perfeitamente conta de que um poema que disfarça a tal ponto a realidade deve ser profundamente belo. Também compreendo que sejam precisos artistas para pintar ou esculpir as imagens dos santos, a fim de que a gente vulgar possa adorar alguns sêres que não se mostram tão sujos e miseráveis quanto ela. Mártires de belo rosto, de uma suavidade celestial, que recebem tôdas as honras após seu suplício, que foram revestidos de roupagens valiosas, de coroas de ouro... tal como os pobres artistas serão consagrados e louvados após se extinguir sua humilde vida. As imagens mostram à plebe que não existe esperança possível aqui embaixo, pois seus Deus foi crucificado porque tentou fazer reinar um pouco de justiça na terra. Êsses simples artesãos são indispensáveis a um príncipe — o que pergunto, simplesmente, é o que virão fazer aqui no castelo. Ajudam os homens a viver dando-lhes uma igreja, câmara de torturas opulentamente ornada onde qualquer um pode refugiar-se para encontrar a paz. Aí, Deus está eternamente pre-

gado na cruz. Conheço tudo isso, também sou cristão, sim, recebi no batismo a mesma fé que todos êles. E o meu batismo é válido, embora me tenha sido outorgado por gracejo nos esponsais do Duque de Gonzaga com D. Helena, onde fui apresentado na pia batismal da capela do castelo como sendo o primogênito dos noivos, dado à luz nesse mesmo dia para grande espanto de todos os circunstantes. Ouvi contar inúmeras vêzes como fôra cômico, o que, aliás, pude ajuizar pessoalmente, pois contava dezoito anos quando o príncipe me emprestou para figurar nessa cerimônia nupcial.

Não compreendo que se possa dar ouvidos aos que falam do sentido da vida; os filósofos, com suas reflexões profundas sôbre temas eternos ou suas dissertações melífluas sôbre a virtude, a honra e o espírito cavalheiresco, ou ainda os que imaginam conhecer as estrêlas e acreditam estar o destino dos homens vinculado aos astros. São blasfemos, se bem que eu não saiba muito bem, na verdade, o que é que êles profanam; aliás, não é que isso me importe grande coisa. São ioucos que não alimentam a menor suspeita sôbre sua própria loucura. Os outros tampouco desconfiam dela; ninguém ri na cara dêles, ninguém se diverte com suas invenções e tôlas fantasias. Quanto a compreender por que diabo são chamados à côrte, é algo impossível. Mas o príncipe escuta-os como se as palavras dêles tivessem enorme importância; acaricia a barba com ar pensativo, enquanto me faz encher-lhes amiúde os gomis, que são de prata como o dêle. A atitude de todos êles provoca o riso, salvo quando me soerguem em seus joelhos para que eu possa mais fàcilmente servir-lhes o vinho.

Quem sabe alguma coisa das estrêlas? Quem pode decifrar seus segredos? Acaso êles podem? Julgam-se íntimos do universo e rejubilam em vão, crentes de que lograram extrair-lhe respostas coerentes. Desdobram seus mapas astrológicos e lêem no céu como se êste fôsse um livro aberto. Mas foram êles que escreveram êsse livro e, ignorantes do que êle contém, as estrêlas prosseguem em seus misteriosos cursos.

Eu também leio no livro da noite. Mas não posso interpretá-lo. Minha sabedoria consiste em ver o que está escrito e compreender que nada do que leio pode ser interpretado.

Munidos de seus quadrantes e lunetas, êles sobem de noite à torre oeste do castelo e acreditam entrar em comunicação com

o universo. Fico na tôrre do lado oposto, onde estão instaladas as antigas acomodações do anões e onde, depois que estrangulei Josafá, vivo sòzinho sob os tetos baixos que convêm a nossa raça, atrás de janelas estreitas como séteiras. Outrora, aqui viviam muitos anões, vindos de todos os pontos do horizonte, de longínquos países, até mesmo do reino dos Mouros, doações de príncipes, de papas e cardeais ou mercadorias de troca, segundo a usança. Os anões não têm pátria, nem pai nem mãe; somos engendrados por uns estranhos quaisquer, em qualquer terra; para que a nossa raça se perpetue, aceitamos nascer em segrêdo, entre as gentes mais miseráveis. E quando êsse pais adotivos se apercebem de que puseram no mundo um ser de nossa estirpe, vendem-nos a poderosos senhores, a quem nossa deformidade diverte e a quem servimos de bufões. Assim fui vendido por minha mãe, que evitava olhar-me, tomada de horror ao ver que espécie de criatura brotatra de suas entranhas, sem compreender que eu descendia de uma raça muito antiga. Com os vinte escudos que ela recebeu, comprou três varas de tecido fino e um cão de pastoreio para seu rebanho.

Sentado à minha janela de anão, contemplo a noite, como fazem aquêles homens de que falei há pouco. Não preciso de luneta nem de telescópio, pois meu olhar, por si só, e bastante profundo. Também leio no livro da noite.

HÁ UMA explicação muito simples para o interêsse que êsses sábios, artistas, filósofos e astrólogos despertam no príncipe. Êle quer dar grande fama à sua côrte e adquirir, pessoalmente, o máximo de ilustração possível. Ambiciona granjear em renome que todos possam admirar e que todos os humanos, ao que me parece, se esforçam por obter.

Compreendo isso perfeitamente e aprovo.

O *condottiere* Boccarossa chegou à cidade e instalou-se com grande séquito no palácio Geraldi, desabitado desde o exílio dessa família. Fêz uma visita ao príncipe que durou várias horas. Ninguém mais estava presente.

É um grande e célebre *condottiere*.

Teve início a construção do campanário da catedral e fomos ver onde estavam os artesãos. Êsse campanário erguer-se-á muito acima da cúpula da catedral, os sinos como que soarão no próprio céu. É uma bela idéia, como deve ser tôda a idéia digna de respeito. Êsses sinos serão os mais altos de tôda a Itália.

O príncipe interessa-se imenso pelas obras, o que é perfeitamente compreensível. Examinou de nôvo o projeto no próprio lugar dos trabalhos; os baixos-relevos que representam a vida de Cristo, sendo intenção usá-los para ornamentar a parte inferior da tôrre do campanário, deixaram-no entusiasmado. As obras ainda estão pouco avançadas.

Talvez nunca se acabem. Muitas outras construções projetadas pelo meu amo ficaram incompletas. Erguem-se, inacabadas e belas como ruínas de alguma grande concepção antiga, por todo o principado. Mas as ruínas também são monumentos comemorativos daqueles que as edificaram e jamais neguei que êle seja um grande príncipe. Quando passeia nas ruas, não me é desagradável caminhar a seu lado. Todo o mundo o olha, ninguém me vê. É natural. Saúdam-no respeitosamente, como se saúda um ser superior, mas é porque êles não passam de um rebanho vil e bajulador, não porque o amem ou respeitem, como, por seu lado, êle supõe. Quando passeio sòzinho na cidade, então sou imediatamente notado e as injúrias me perseguem. Eis o anão dêle! Dando um pontapé no servo, agredirás o seu amo! Não se atrevem a fazê-lo mas jogam-me ratos mortos e outras imundícies retiradas do lixo. Quando, exasperado, desembainho a minha espada, troçam de mim. Puxa, que poderoso senhor nós temos! — gritam, em ruidosa galhofa. Não posso defender-me, pois não lutamos com as mesmas armas. Sou forçado a fugir, as roupas sujas e amarrotadas.

Um anão sabe sempre mais a respeito de tudo que o seu próprio amo.

Aliás, não fico descontente por suportar essas diabruras, por culpa do meu príncipe. Isso prova que faço parte dêle ou que, em todo o caso, represento sua augusta pessoa! Essa ralé ignara compreende, apesar de tudo, que o anão de

um nobre senhor é, em suma, o senhor — do mesmo modo que o são o castelo, com suas tôrres e ameias, a côrte com suas pompas e todo o seu fulgor, o carrasco que faz rolar cabeças na praça pública, o tesoureiro-mor que manipula incalculáveis riquezas ou o intendente que distribui pão aos indigentes, durante as epidemias de fome. Sim, tudo é Êle. Por isso se apercebem da fôrça que represento. E fico bastante satisfeito ao comprovar que sou odiado.

Esforço-me por copiar o melhor que posso o meu príncipe em seu modo de trajar — as mesmas fazendas e o mesmo corte. É fácil de conseguir, aproveitando para mim os retalhos que sobram quando fazem um traje para o meu amo. Tal como êle, levo sempre uma espada à cinta — mais curta, é claro. Quem se desse ao trabalho de observar minhas posturas e modo de caminhar perceberia sem esfôrço que cada um de meus gestos é tão majestoso quanto os dêle.

Assemelho-me muito ao meu amo, pondo de parte o fato de eu ser muito menor. Se me vissem através dos instrumentos que os visionários da tôrre poente assestam sôbre as estrêlas, não seria difícil confundirem-me com o príncipe.

Há uma grande diferença entre os anões e as crianças. Pensa-se que são semelhantes por terem o mesmo tamanho, mas isso é um disparate. Fazem os anões brincar com as crianças, forçam-nos a isso, sem pensar que um anão é justamente o inverso de uma criança, pois nasceu velho. Tanto quanto eu sei, as crianças anãs jamais brincam entre elas — por que brincariam? — pois apenas ofereceriam aos outros um espetáculo lamentável, com seus rostos envelhecidos e cheios de rugas. Usar os anões em tais práticas é, verdadeiramente, torturá-los. Mas os homens nada sabem de nós.

Os meus amos jamais me pediram que brincasse com Angélica. Foi ela quem me forçou a isso. Não quero dizer que o tenha feito por crueldade mas, quando me recordo dêsse tempo, sobretudo do tempo em que ela era muito pequena, tenho a amarga impressão de que fui vítima de uma malvadez consciente. Essa criança, que alguns achavam tão extraordinária, com olhos azuis muito redondos e lábios finos, fêz-me sofrer mais do que qualquer outra pessoa da côrte — ou quase.

Tôdas as manhãs — ela ainda mal andava mas já contraíra êsse hábito — eu podia estar certo de vê-la aparecer nos aposentos dos anões, seu gatinho de estimação enroscado sob um braço:

— Piccolino, queres vir brincar conosco?

— Impossível — respondia eu. — Tenho hoje ocupações mais sérias.

— O que é? — indagava ela, teimosa.

— Nada que possa ser explicado a uma criança.

— Mas tu vais sair, não? Por certo não irás ficar aí deitado o dia todo. Eu já estou a pé há muito, muito tempo.

E assim me via forçado a sair com ela, sem ousar uma recusa por causa de meus amos, se bem que ìntimamente enfurecido. Angélica me tomava pela mão, como se eu fôsse um camarada de sua idade; segurava-me sempre a mão; ora, nada me inspira maior repulsa do que os dedos pegajosos das crianças. Cerro os punhos de cólera mas ela contenta-se, então, em pegar-me pelo pulso e levar-me por aqui e por ali, tagarelando sem parar. Ora no meio de suas bonecas, a quem é preciso dar de comer e vestir; ora com os cachorrinhos recém-nascidos que, semicegos, tentam galgar aos tropeções sua cesta, diante do canil; ora no roseiral, para brincar com o gato de estimação. Ela manifesta um interêsse cansativo por animais de tôda a espécie ou, pelo menos, pelas pequenas crias e filhotes dos mais diversos animais. É capaz de ficar brincando horas a fio com o gato e acha que eu, por ser pequeno, também devo entrar no jôgo. Crê que também sou uma criança, que sinto prazer em tudo isso! Eu, que não sinto prazer em coisa alguma.

Pode ocorrer, por vêzes, que um pensamento razoável lhe perpasse no espírito, quando nota até que ponto estou exaltado; encara então o meu rosto enrugado com perplexidade e diz:
— Não achas divertido brincar?

Como não recebe resposta alguma de meus lábios cerrados nem de meus olhos frios de anão, uma sombra fugaz tolda seu olhar inocente de criança e emudece por instantes.

O que é um jôgo? Uma atividade despida de senso — a propósito de nada; uma estranha maneira de se divertir fazendo de conta que as coisas são o que não são. Os astrólogos brincam com as estrêlas, o príncipe com suas construções, suas igrejas, seus crucifixos e seus campanários, Angélica com suas

bonecas. Todos jogam, todos brincam e se divertem "fazendo de conta". Só eu desprezo essa comédia. Só eu.

Certo dia, deslizei furtivamente até ao pequeno leito de Angélica enquanto ela dormia, o detestável gato enroscado ao lado dela e, tirando o meu punhal da bainha, decepei a cabeça do animal. Depois, lancei-o numa montureira, sob uma das janelas do castelo. Estava tão enraivecido que nem sabia ao certo o que fazia. Melhor, sabia-o perfeitamente: concretizava um projeto que fermentara em mim durante longo tempo, enquanto sofria aquêles odiosos momentos de brinquedo no roseiral. Ela ficou inconsolável quando se deu conta do desaparecimento do gato e, como todo o mundo lhe dizia que o bicho certamente morrera por qualquer canto, caíu doente com uma febre desconhecida que a reteve por largo tempo de cama, de modo que, graças a Deus, vi-me livre dela durante êsse período. Quando Angélica se restabeleceu, por fim, tive de ouvir, naturalmente, suas queixas angustiadas sôbre o inexplicável sumiço do seu querido gatinho. Ninguém se preocupava com o modo como o animal desaparecera mas a côrte ficou apavorada com uma bizarra mancha de sangue no pescoço da menina, o que se considerava de péssimo augúrio. Todo e qualquer sinal que pudesse ser considerado um presságio interessava loucamente aos cortesãos.

Em resumo, ela não me deixou tranqüila durante tôda a sua infância; só que os jogos e brinquedos tornaram-se, mais tarde, diferentes. Ela me assediava sempre e tomava-me por seu confidente, embora eu não tivesse vontade alguma de ouvir suas confidências. Pergunto a mim próprio, algumas vêzes, se a sua importuna afeição por mim não teria a mesma causa da atração exercida sôbre ela pelos gatos, os cachorrinhos e os patos. Talvez não se divertisse no mundo dos adultos, talvez êstes lhes causassem mêdo. A culpa não era minha! Se ela se sentia isolada, que podia eu fazer contra isso? Mas era sempre a mim que ela se prendia, mesmo quando já deixara de ser uma menina. Sua mãe só se ocupara de Angélica enquanto ela tivera o ar de boneca — a princesa brincara de mamãe com aquela ânsia de "fazer de conta" característica de todos os sêres humanos — e seu pai tinha muitas outras preocupações. Talvez o príncipe não se interessasse por Angélica por outro motivo, que prefiro não falar.

Só entre os dez e doze anos é que ela se tornou taciturna e reservada, o que me permitiu, finalmente, escapar-lhe. Desde então, deixou-me tranqüilo e depressa se converteu numa môça ensimesmada. Mas ainda tremo de cólera quando penso em tudo o que ela me fêz sofrer.

Agora, ela começa a deixar de ser uma criança — completou quinze anos — e não tardará a ser considerada uma dama. Mas continua sendo pueril e de maneira nenhuma se comporta como uma pessoa de alta linhagem. Parece-me impossível apurar quem é seu pai; Angélica tanto pode ser uma filha bastarda como a filha do príncipe e, nesse caso, não vejo qualquer razão para tratá-la como princesa. Alguns dizem que é bonita. Quanto a mim, não encontro qualquer espécie de encanto nesse rosto infantil, de bôca semi-aberta e grandes olhos que parecem nada compreender.

O amor é uma coisa que morre. Uma vez morto, apodrece mas pode servir de húmus a um nôvo amor. O amor defunto continua vivendo sua vida secreta em um nôvo amor, de modo que, na realidade, o amor é imortal.

Até onde pude depreender, a princesa amou. E foi sôbre essa experiência que ela alicerçou sua felicidade. Pois não há dúvida que a princesa é feliz. Derrama felicidade à sua volta... à sua maneira. De momento, Don Ricardo é feliz.

O príncipe talvez o seja também. Pois o sentimento que êle outrora despertou na espôsa deve continuar vivo. Em todo o caso, o príncipe finge acreditar nisso. Ambos fingem acreditar.

A princesa teve certa vez um amante que ela deixou torturar porque a enganara. Fêz com que êle fôsse condenado pelo príncipe por uma falta que o desgraçado não cometera. Fui o único a saber o que realmente se passara. E tive de presenciar as torturas para poder depois descrever à minha ama e senhora o modo como êle as suportara. Sua atitude nada teve de heróica; pareceu-se, juro, com a de todo o mundo nesses apuros.

Talvez seja êle o pai da jovem Angélica. Quem sabe?

Também é possível que seja o príncipe. Em todo o caso, a princesa soube convencê-lo disso pelos meios mais doces e o amor de ambos viveu então uma nova primavera. Ela enlaçava

o espôso a todo instante e, noite após noite, oferecia-lhe seu corpo enganador, que suspirava de mágoa pelo amante desaparecido. Acariciava-o como se acaricia qualquer um a quem se deseje torturar. E o príncipe dedicava-lhe suas carícias como nas primeiras noites de ardente paixão. O amor defunto continuava vivendo uma vida secreta no nôvo amor.

O CONFESSOR da princesa vem à mesma hora todos os sábados de manhã. Ela já se lavou e vestiu há algumas horas, passando largo tempo a rezar em seu oratório. Preparou-se como convinha para a confissão.

Nada encontra a confessar. E não é por hipocrisia ou ludíbrio; pelo contrário, fala de coração aberto. Mas não faz a mínima idéia do que seja pecado. Acredita nada ter feito de mal. Quando muito, impacientou-se com a camareira, por ter esta alguns gestos desastrosos enquanto a penteava. É uma página em branco sôbre a qual o padre confessor se debruça, sorridente, como sôbre uma virgem imaculada.

Os olhos da princesa são puros e radiantes, de uma luz interior, após as preces, quando ela estêve por longas horas mergulhada no reino do crucificado. Sofrendo por ela, aquêle homenzinho pregado na cruz apagou da alma da princesa até a própria lembrança do pecado. Ela sente-se forte, rejuvenescida e, ao mesmo tempo, num estado de fervor recolhido, com o qual se harmonizam o rosto puro, sem pintura, e o severo vestido negro sem ornamentos. Escreveu uma carta ao seu amante para narrar-lhe o que está sentindo, uma carta amistosa e calma, onde nem uma só vez se fala de amor ou de encontros. Nesse estado de alma, ela não suporta a mínima palavra frívola. Sou encarregado de levar a carta ao amante.

É impossível duvidar de sua fervorosa devoção. Para ela, a religião representa algo de essencial, algo de absolutamente real. A religião é uma parcela inalienável de sua alma, de seu coração.

O príncipe também é devoto? Eis um ponto difícil de responder. Naturalmente, é piedoso à sua maneira, pois êle é

tudo o que se pode ser e tudo abraça — mas poder-se-á dar a isso o nome de devoção? Certo, êle rejubila pelo fato de existir religião, gosta de ouvir falar dela, de escutar belas e eruditas discussões sôbre as idéias religiosas... como poderia alguma coisa com um vago resquício de humano ser-lhe indiferente? Gosta dos quadros de altar, das madonas dos mestres mais célebres e das belas igrejas, sobretudo das que êle manda edificar. Não sei se isso terá o nome de devoção. É possível. E, naturalmente, êle é tão devoto quanto príncipe; dêsse ponto de vista, é mesmo tão devoto quanto a princesa, sem dúvida. Compreende que as necessidades religiosas do povo devem ser satisfeitas e a porta de meus amos sempre se abre a quantos se ocupam em saciá-las. Os padres e as pessoas religiosas de tôdas as espécies entram aqui à vontade e saem quando lhes apetece, como se fôssem gente da casa. Mas êle próprio, em seu íntimo, será tão devoto quanto a espôsa? Isso é outra questão... e não me passa pela cabeça dar-lhe resposta.

Talvez ambos sejam igualmente devotos, cada um à sua maneira.

O QUE é a religião? Refleti muito sôbre essa questão mas foi inútil. Refleti muito, sobretudo naquele dia em que, revestido dos mais suntuosos paramentos sacerdotais, fui forçado a celebrar como arcebispo numa festa de carnaval, há alguns anos, e a distribuir a santa comunhão aos anões da côrte de Mântua, que o seu príncipe trouxera consigo no séquito para tal ocasião. Reuniram-nos diante de um pequeno altar, instalado numa sala do castelo, e à nossa volta sentaram-se, trocistas, os convidados, cavaleiros e grandes senhores, entre os quais jovens pretensamente graciosos, cheios de trejeitos e ridìculamente enfeitados. Ergui o crucifixo e todos os anões se ajoelharam.

— Eis o vosso Salvador! — declamei em voz forte, os olhos inflamados. — É o Redentor de todos os anões, Êle próprio um anão que sofreu sob o consulado do grande Pôncio Pilatos e foi suspenso em sua pequena cruz de brinquedo, para gáudio e alívio de todos os homens da Terra!

Empunhei o cálice e apresentei-o:

— Eis o seu sangue de anão, que lava os mais hediondos pecados e torna as almas pecaminosas mais brancas do que neve!

Depois apresentei a hóstia e, finalmente, comunguei diante dêles com o vinho também, segundo o costume, enquanto lhes explicava o sentido do mistério sagrado da Eucaristia:

— Como o Seu corpo, que era disforme como o vosso. É amargo como fel, pois está cheio de ódio. Que todos vós pudésseis comê-lo! Bebo o Seu sangue, que queima como um fogo inextinguível. É como se bebesse o meu próprio sangue. Redentor dos anões, que o teu fogo possa consumir o mundo inteiro!

E lancei o vinho sôbre os assistentes, que contemplavam com estupor, o rosto exangue, de uma palidez de cêra, a nossa sinistra cerimônia.

Não sou um profanador. Eram êles que desrespeitavam as coisas santas, não eu. Mas o príncipe ordenou que me pusessem a ferros durante vários dias; eu estragara êsse inocente divertimento e, em vez de alegrar os nobres convidados, tinha-os perturbado, quase assustado. Os grilhões eram demasiado grandes para mim, foi preciso forjar uns especiais. O mestre ferreiro opinou que, para tão curta punição, nem valia a pena o trabalho de forjar tais grilhões. Mas o príncipe retorquiu que seria útil tê-los à mão para a próxima oportunidade. Mandou-me soltar antes do dia fixado; tive a impressão de que punira, sobretudo, por causa dos convidados, pois recuperei a liberdade assim que êles partiram. Nos primeiros dias que se seguiram, êle me olhava de soslaio, como que atemorizado, e não queria ficar a sós comigo; dir-se-ia que eu lhe causava mêdo.

Os anões nada haviam entendido. Tinham-se dispersado como galinhas alvoroçadas, cacarejando em suas lamentáveis vozes de castrados. Não sei onde foram arranjar essa voz ridícula; a minha é profunda e austera. Mas êsses pobres diabos estão acovardados e castrados até o mais recôndito da alma; sêres grotescos que lançam a vergonha sôbre a nossa raça com suas piadas grosseiras a respeito do seu próprio corpo.

É um espetáculo desprezível. Para não vê-los, convenci o príncipe a vender, um após outro, todos os que viviam na côrte, até ficar eu sòzinho. Estou contente por ter provocado a saída dêles e viver nos aposentos vazios e desertos dos anões. Sobretudo, alegra-me estar só quando me absorvo, à noite, em minhas meditações. Estou contente por Josafá também já não estar aqui; assim escapei ao suplício de ver seu velho rosto encarquilhado e ouvir sua voz de falsete. Sim, contenta-me estar só.

Meu destino é odiar a gente da minha espécie. A minha própria estirpe me é execrável!

Mas também odeio a mim mesmo. Devoro minha carne impregnada de fel. Bebo meu sangue envenenado. Bispo sinistro do meu povo, cumpro dia a dia meu ritual solitário.

A PRINCESA, após o incidente que causara todo êsse escândalo, comportou-se de modo bastante estranho. Na mesma manhã em que me libertaram dos ferros, mandou-me chamar por um lacaio. Quando entrei em seu quarto observou-me em silêncio, com ar pensativo. Eu esperava censuras, recriminações acerbas e nova punição mas, quando finalmente falou, foi para confessar que a minha missa lhe causara profunda impressão. Algo houvera de terrível e sinistro que atraíra uma certa região de sua natureza íntima. Como pudera eu penetrar assim no mais fundo de sua alma e interessá-la?

Nada entendi. Aproveitei a princesa ter fixado no espaço um olhar distante para rir furtivamente.

Perguntou-me o que, em minha opinião, poderia sentir-se pregado numa cruz. E o que se sentiria ao ser flagelado, sujeito a mil torturas e morrer. Acrescentou dar-se agora conta de que o Cristo devia odiá-la. Que devia estar repleto de ódio enquanto sofria por causa dela.

Como eu não me desse ao trabalho de responder, a princesa interrompeu a conversa mas permaneceu deitada por largo tempo, os olhos divagando no espaço, sonhadores.

Depois, esboçou um leve movimento com sua bela mão, o que significava ser tudo o que ela tivera a dizer-me. Chamando

então a aia, pediu-lhe que trouxesse seu vestido roxo, pois queria levantar-se.

Ainda hoje não entendo que bicho teria mordido a princesa nessa manhã.

NOTEI que, em algumas ocasiões, inspiro temor. Mas cada um tem, sobretudo, mêdo de si próprio. Os homens imaginam, errôneamente, ser eu a causa de sua inquietação. O que os atemoriza, na verdade, é o anão que se oculta nêles, a caricatura humana de rosto simiesco que, por vêzes, põe a cabeça de fora das profundezas do seu ser. Mostram-se tanto mais apavorados porquanto ignoravam a existência dêsse gnomo interior. Ver surgir à tona êsse desconhecido que lhes parece nada ter em comum com sua verdadeira vida, enche-os de terror. Quando nada emerge dessas profundezas, êles têm a alma em paz. Caminham de cabeça erguida, impassíveis, fisionomia descontraída e sem expressão. Mas há sempre nêles alguma coisa diferente que fingem ignorar; podem viver múltiplas vidas simultâneamente sem que o saibam. São criaturas estranhamente enigmáticas e incoerentes.

E são disformes, embora isso não seja visível.

QUANTO a mim, vivo apenas a minha vida de anão. Não ando de cabeça levantada e de fisionomia descontraída. Sou sempre o mesmo, vivo uma só vida. Não guardo dentro de mim desconhecido nenhum. E reconheço tudo o que vem de mim, nada emerge do fundo do meu ser pois nada aí se esconde nas sombras. Por isso não tenho mêdo do que atemoriza os outros, êsse hóspede bizarro e misterioso. Nada disso existe em mim, nada de estranho...

Mêdo? O que é isso, afinal? É a impressão que sinto quando, deitado à noite, sòzinho, nos aposentos dos anões, entrevejo a sombra de Josafá acercando-se de minha cama, o rosto inchado e vermelho, e estendendo para mim o pescoço manchado de nódoas violáceas, a bôca escancarada? Será isso o mêdo?

Não, ignoro a angústia e o remorso, desconheço qualquer sentimento que possa emocionar-me de um modo especial. Quando vejo Josafá, digo simplesmente a mim próprio que êle está morto e que, depois de sua morte, estou só.

Quero continuar só, não quero gente por perto de mim. E sei perfeitamente que Josafá está morto. Aquilo é apenas o seu espectro. Estou completamente só na obscuridade, como sempre estive desde aquêle dia em que o estrangulei.

E nada existe de aterrador nisso.

ACABA de chegar na côrte um homem de elevada estatura a quem o príncipe disse que se sentia feliz por ter, enfim, a honra dessa visita. Comporta-se com o seu hóspede como se êste fôsse um de seus pares.

Na côrte ninguém acha ridículo êsse tratamento deferente e alguns insinuam até que o visitante é, na verdade, um grande homem, igual a um príncipe. Mas, em vez de trajar roupas principescas, veste-se com muita simplicidade. Ainda não consegui descobrir o que o recém-chegado terá de tão maravilhoso. Talvez isso se note mais tarde. Garantem que êle permanecerá entre nós por largo tempo.

Devo confessar que existe no homem algo que inspira respeito, uma dignidade mais natural do que na maioria das pessoas. Tem a fronte alta e meditativa, como se costuma dizer; o rosto, emoldurado por uma barba grisalha, é nobre e verdadeiramente belo. Uma distinção harmoniosa emana de tôda sua pessoa e seus gestos, seu porte, estão impregnados de uma calma soberana.

Deve possuir com certeza alguma deformidade, como os outros; pergunto a mim próprio qual será.

O NOTÁVEL hóspede faz suas refeições à mesa com o príncipe. Falam dos mais diversos assuntos. Enquanto sirvo o meu senhor (que quer ser sempre servido por mim), constato que o forasteiro é um homem culto. Sua erudição parece abranger todos os domínios possíveis. Nada escapa à

sua curiosidade. Procura explicar tudo mas, ao invés dos outros, duvida por vêzes da sabedoria e justeza das próprias explicações. Após ter exposto longa e minuciosamente um assunto, é capaz de ficar silencioso e cogitativo, acabando por murmurar, com semblante grave: — Enfim, talvez não seja precisamente isso.

Empenho-me em indagar como se deve considerar semelhante disposição de espírito. É possível aí vislumbrar uma espécie de sabedoria mas também se pode concluir que êle nada sabe de preciso e concreto, sendo seus laboriosos raciocínios completamente destituídos de bases. A minha experiência faz-me pender para a segunda hipótese. A maioria das pessoas não se dá conta de que a impotência do espírito humano deveria inspirar uma certa dose de modéstia. Talvez êle o compreenda.

O príncipe não formula tantas interrogações; bebe as palavras do seu comensal, como se se encontrasse perante uma límpida fonte de sabedoria e argúcia. Embora conservando a dignidade que covém a um senhor de tão alta linhagem, o príncipe fica atento ao outro, qual um modesto escolar diante de seu professor. Por vêzes chama-o de "o grande mestre". Então pergunto aos meus botões qual poderá ser a verdadeira causa dessa insinuante humildade. O sábio finge quase sempre não se aperceber da denominação lisonjeira. É possível que êle seja, de fato, um homem despretensioso. Mas, por outro lado, exprime-se algumas vêzes com uma grande segurança, sustenta suas opiniões num tom convicto, expõe suas razões de um modo que denuncia a inteligência viva e penetrante. Nem sempre duvida das próprias idéias.

Fala com calma, numa voz agradável e extremamente nítida. Mostra-se benévolo a meu respeito e parece até que lhe desperto interêsse. Não sei porquê. Tenho por vêzes a impressão de que êle se parece um pouco com o príncipe, embora não saiba explicar de que modo.

Em todo o caso, não é hipócrita.

O NOTÁVEL estrangeiro iniciou uma obra no convento franciscano da Santa Cruz, um quadro na parede lateral do refeitório. Então é isso! Nem mais nem menos do que um fabricante de imagens santas, como tantos outros daqui. E eis no que êle é notável!

De modo nenhum pretendo insinuar que não seja superior aos artesãos daqui. Não. Êle produz uma impressão mais vigorosa, sabe impor-se e compreendo que o príncipe o escute com um interêsse todo particular. Mas que o ouça constantemente como um oráculo e o faça comer todos os dias à sua mesa, eis o que já me parece menos compreensível. No fim de contas, êsse estrangeiro tem apenas um ofício manual, embora seja inteligente e sua cultura lhe permita abranger muita coisa — até demais para que possa tudo compreender! Ignoro como suas mãos trabalham mas espero que saibam de seu ofício, pois o príncipe o contratou. Entretanto, êle próprio confessa que sua inteligência tem desígnios excessivamente grandiosos. Deve ser um espírito quimérico. Apesar da lucidez e riqueza de suas idéias, a imaginação arrasta-o para terrenos pouco seguros e o mundo que pretende criar não passa de uma miragem.

Coisa estranha, não consigo fazer sôbre êle um juízo definitivo. Por quê? Tenho o hábito de formar opiniões seguras sôbre todos aquêles com quem me defronto. É possível que a sua personalidade, tal como a sua estatura, ultrapasse o nível habitual. Mas não sei donde me vem essa impressão. Ignoro no que consiste tal superioridade, se acaso existe. No fundo, êle deve ser igual aos demais.

Em todo o caso, estou convencido de que o príncipe tem uma noção exagerada do valor dêsse homem.

Chama-se Bernardo, um nome banal.

A PRINCESA não se interessa por êle. É um velhote — aos olhos dela. E as conversas masculinas deixam-na soberanamente indiferente. Quando assiste a essas grandes trocas de idéias, permanece silenciosa e parece distraída. Creio que não entende palavra do que diz êsse homem notável.

Mas êle, em compensação, parece muitíssimo interessado pela princesa. Observa-a discretamente, de soslaio, que eu bem

vi. Sonda-lhe o rosto como se nêle procurasse alguma coisa, com um olhar que se torna cada vez mais pensativo. Que terá a princesa para atraí-lo tanto?

A fisionomia dela, em minha opinião, não oferece qualquer espécie de interêsse. É fácil perceber que se trata de uma cortesã, embora ela o dissimule sob uma aparência de pureza enganadora. Não é preciso uma demorada contemplação para que qualquer um se aperceba disso. Que se poderá procurar, então, nesse rosto lascivo? Que se poderá nêle encontrar de atraente e sedutor?

É verdade que o notável hóspede se interessa por tudo. Vi-o apanhar uma pedra e examiná-la com atenção extraordinária, dando-lhe voltas e mais voltas entre as mãos; finalmente, meteu-a num bôlso como se a insignificante pedra fôsse um objeto precioso. Sim, tudo o cativa. Será louco?

Um louco bastante invejável! Um homem para quem uma simples pedra tem semelhante valor deve estar rodeado de tesouros, seja qual fôr o lugar onde se encontre.

É de uma curiosidade incrível. Mete o nariz em tudo o que é lugar, quer saber tudo, faz perguntas incessantes. Interroga os artesãos sôbre ferramentas e métodos de trabalho, instrui-os e corrige-os. Regressa de seus passeios pelos arredores da cidade com braçadas de flôres, cujas pétalas desfolha para examinar-lhe as entranhas. A sua atenção é mesmo atraída para a cabeça dos assassinos e ladrões empalhados diante da porta do castelo, e tão velhas, tão carcomidas, que já ninguém tem sequer coragem de olhá-las; examina-as demoradamente com ar pensativo, o ar de uma pessoa que procura resolver misterioso enigma. Depois, desenha as cabeças com um lápis prateado. E quando Francesco foi enforcado há poucos dias nessa praça, êle estava entre os espectadores, na primeira fila das crianças. De noite, contempla as estrêlas. Sim, a sua inexaurível curiosidade tudo abrange.

Que interêsse poderá isso oferecer?

Pouco estou ligando para os objetos de sua bisbilhotice, desde que não recomece a mexer comigo. Se êle voltar a tocar-me, sacarei da minha adaga. Estou bem decidido a isso, custe o que custar.

Esta noite, quando eu lhe servia o vinho, tomou a minha mão para examiná-la. Retirei-a encolerizado, mas o príncipe disse, rindo, que eu devia deixar o *maestro* fazer aquilo. Então, o homem estudou-a com o nariz quase em cima da minha mão, olhando as articulações e as dobras do pulso, arregaçando a minha manga para espiar no braço, tudo isso com um descaramento inigualável. Retirei a mão pela segunda vez, pois a cólera já refervia em mim. Ambos riram, enquanto eu me conservava quieto, a certa distância, os olhos chamejantes.

Sim, se êle me tocar de nôvo farei seu sangue correr.

Não suporto a mínima ofensa contra meu corpo.

Circula na côrte uma estranha nova: êsse homem teria obtido do príncipe o cadáver de Francesco, para abri-lo e observar as entranhas de um corpo humano. Não pode ser verdade, certamente não passa de boato. É inacreditável. Acho impossível que tenham despendurado êsse corpo que, conforme a sentença, deve permanecer exposto para edificação das gentes e opróbrio do malfeitor. Por que não há-de êle ser debicado pelos corvos e urubus, como os outros condenados? Conhecia Francesco, sei muito bem que êle merecia a mais grave das punições. Quantas vêzes êle me lançou injúrias na rua. Se não o deixarem apodrecer na fôrca, sua punição terá sido diferente daquela dos outros enforcados.

Ouvi falar disso esta noite, pela primeira vez. No escuro, não posso ver se o cadáver de Francesco continua pendurado.

Como acreditar que o príncipe tenha consentido semelhante coisa?

Mas é verdade! Êsse miserável já não está pendurado na fôrça. E sei para onde o transportaram. Surpreendi o velho sábio em sua vergonhosa tarefa!

Eu já notara ontem que devia se passar algo de estranho no lado dos subterrâneos do paço, pois fôra aberta uma porta

que habitualmente se encontrava aferrolhada, mas não prestara grande atenção a isso. Fui hoje até lá ver o que se passava e dei com a porta entreaberta. No final de um corredor longo e sombrio, cheguei diante de uma segunda porta que tampouco estava fechada; num vasto recinto, sob a luz da clarabóia da parede sul, o velhote estava debruçado sôbre o cadáver esventrado de Francesco! No princípio, nem acreditei no que via, mas o corpo ali estava, aberto em dois, as entranhas, o coração e os pulmões expostos. Dir-se-ia um animal. Jamais vi espetáculo mais repelente; não, jamais imaginara que o interior do corpo humano fôsse assim tão nojento. Mas o velhote, debruçado sôbre o corpo retalhado, examinava-o com um interêsse apaixonado; preparava-se para desprender o coração com um fino estilete. Estava tão absorto que nem notou a minha chegada. Nada mais parecia existir para êle no mundo, senão essa ocupação repugnante. Mas acabou por erguer a cabeça, com um brilho de alegria nos olhos. Seu rosto estava tão extasiado como se tivesse cumprido um ritual solene. Pude observá-lo à vontade, pois mantinha-se no círculo de luz ao passo que eu permanecia na sombra. Dava a impressão de perdido em seu êxtase, como um profeta que fala com Deus. Era verdadeiramente ignóbil.

O igual de um príncipe, vejam só! Um príncipe que procura resolver os problemas que as entranhas de um malfeitor lhe oferecem! Que rebusca e chafurda em cadáveres!

ESTA noite ficaram ambos acordados muito além da meia-noite. Falaram, falaram ainda mais do que era costume. A conversa empolgava-os. Falaram sôbre a natureza, sua grandeza e opulência infinitas. Um todo harmonioso, uma maravilha de continuidade. As veias fazem o sangue circular tal como as canalizações transportam a água debaixo da terra; os pulmões respiram como o oceano, com seus fluxos e refluxos; o esqueleto suporta o corpo, tal como uma fieira de rochas serve de ossatura ao solo de que a argila é a carne. O fogo que referve no seio da Terra pode ser comparado ao calor da alma e, igual que êste, provém igualmente do Sol, dêsse Sol sagrado cujo

culto se celebrava outrora, o Sol donde emanam as almas, fonte de tôda a vida e de luz que ilumina os astros do universo.

Estavam ambos como que possessos. Tinha de escutá-los, de aceitar o que diziam, sem que pudesse responder-lhes. Tenho a convicção cada vez maior de que o velhote é completamente louco e está transmitindo sua loucura ao príncipe. É lamentável que meu amo se mostre tão fraco e maleável nas mãos do seu companheiro.

Como levar a sério tais fantasias? Como acreditar nessa divina harmonia do Todo, como o velhote chama por vêzes o universo? Como é possível empregar essas pomposas e belas palavras desprovidas de senso? As maravilhas da natureza! Ora! Só de pensar nas entranhas de Francesco tive um sobressalto.

Que felicidade, exclamavam os dois entusiastas, poder contemplar o admirável reino da natureza, que abre às nossas investigações um domínio ilimitado! E que poderoso, e rico, ficará o Homem se aprender a desvendar e se se familiarizar com essas fôrças ocultas, servindo-se delas! Os elementos, dominados, vergar-se-ão à sua vontade: o fogo, domado apesar de tôda a sua brutalidade selvática, servirá o Homem com humildade; a terra produzirá cem vêzes mais frutos, assim que forem descobertas as leis da vegetação; os rios serão escravos submissos, os oceanos levarão navios ao redor do mundo, êste mundo que paira no espaço como uma estrêla maravilhosa. Sim, o homem chegará mesmo a subjugar o ar, saberá imitar o vôo das aves e, liberto da gravidade, vogará como elas e como as estrêlas rumo a distantes metas que o pensamento humano não pode ainda enxergar nem conjeturar.

Ah, como é belo viver! Que grandeza infinita a vida humana contém!

O entusiasmo dos dois não conhecia limites. Eram como crianças que vêem seus brinquedos em sonho, tantos, tantos brinquedos que nem sabem o que fazer com êles. Eu observava-os com meus olhos de anão, sem que meu velho rosto enrugado mudasse de expressão. Os anões não são crianças. Levantava-me para voltar a encher seus gomis de vinho cada vez que os esvaziavam, ao correr do animado bate-papo.

Como sabem êles que a vida é tão grandiosa? Não passa de um modo de falar, de uma frase que se sente prazer em

proferir. Poder-se-ia igualmente sustentar que a vida é pequena. Que é insignificante, totalmente desprovida de sentido, um inseto que se pode esmagar com a unha, sem que êle tenha sequer tempo ou idéia de protestar. Por que não aceitaria êle, tranqüilamente, seu desaparecimento puro e simples? Por que defenderia sua existência mesquinha ou qualquer outra coisa? Por que não lhe seria tudo indiferente?

Penetrar no seio da natureza! Que prazer poderá haver nisso? Se fôsse realmente possível, semelhante espetáculo deixá-los-ia apavorados. Os homens imaginam que a natureza é feita para êles, para o seu bem-estar e felicidade, para que sua vida seja longa e bela. Que sabem da natureza? Como sabem que ela se preocupa com a humanidade e seus desejos tão pueris quanto bizarros?

Acreditam que o livro da natureza está aberto sob seus olhos e que podem folheá-lo à vontade, quer as páginas que já estão escritas como as ainda em branco. Loucos presunçosos! A mediocridade dêles é ilimitada.

Quem pode adivinhar o que a natureza abriga em suas entranhas, que fruto delas sairá? Como seria uma mãe capaz de prever o que seu ventre engendrará? Ela aguarda pacientemente a hora de dar à luz. Então já fica sabendo com o que deve contar. Um anão pode ensinar essa verdade melhor do que ninguém.

Modesto, êle! Enganei-me quando o supus. Pelo contrário, é o homem mais orgulhoso que já conheci. A presunção constitui a própria essência do seu ser. O seu pensamento gostaria de reinar soberano num mundo que não lhe pertence.

Pode dar a impressão de modéstia, isso sim; no decorrer de suas especulações em todos os domínios possíveis, chega a dizer, por vêzes, que não está seguro dêste ou daquele pormenor e que apenas se esforça por encontrar a melhor explicação possível. Mas acredita conhecer o conjunto, a finalidade e o sentido do universo! Sua humildade só se manifesta nas pequenas coisas. É uma espécie deveras estranha de modéstia.

Sob certo ponto de vista, talvez tudo tenha um sentido, tudo o que acontece aos homens, tudo aquilo de que êles se ocupam. Mas a vida não tem nem pode ter sentido. Portanto, é impossível querer descobrir-lhe um.

É esta a minha opinião.

Que vergonha! Que infâmia! Jamais sofrera uma ofensa igual à que me foi infligida neste dia terrível. Vou tentar descrever o que me aconteceu mas cem vêzes preferiria esquecê-lo.

O príncipe ordenara-me que fôsse procurar Mestre Bernardo em seu local de trabalho, no refeitório do Convento de Santa Cruz, porque o artista precisava de mim. Lá fui eu, embora me sentisse muito vexado por ser tido em conta de um servo dêsse homem tão altaneiro. Recebeu-me com extrema amabilidade e confessou que os anões sempre lhe tinham despertado muito interêsse. Pensei que uma pessoa que quer, simultâneamente, elucidar-se sôbre as entranhas de Francesco e as estrêlas do firmamento deve interessar-se por tudo o mais, com certeza. Mas, quanto a mim, o anão, êle nada sabe, pensei também. Após mais algumas palavras tão amáveis quanto vazias, disse então que ia fazer meu retrato; pensei, de início, que talvez o príncipe lho tivesse encomendado. Sem que pudesse deixar de sentir-me envaidecido, respondi que não queria pousar.

— Por quê? — indagou êle.

— A minha cara me pertence, — foi a resposta muito natural que lhe dei.

Êle ficou com um ar de quem achava estranha essa resposta, sorriu mas reconheceu que não era assim tão absurda.

— O teu rosto, mesmo que eu não o retrate, pertence a quem quer que o olhe, isto é, a uma boa porção de gente.

Aliás, explicou êle, tratava-se simplesmente de um desenho para mostrar como sou constituído. Tinha de me despir, para que êle fizesse um estudo do meu corpo. Empalideci. Não sei o que foi mais forte em mim nesse instante, se a cólera se o mêdo; arrebatado por essas duas emoções, todo o meu corpo tremia.

Êle notou o efeito violento que produzira em mim a ofensa. Pôs-se então a explicar que nada havia de vergonhoso em ser anão nem em mostrar que se é. Diante da natureza, êle sentia sempre um respeito profundo, mesmo quando criava algo de estranho, algo que se afastava dos moldes comuns. Não, mostrar-se a outrem tal como se é nada tem de humilhante e, na realidade, ninguém tem a propriedade exclusiva de si próprio.

— Sim, eu tenho! — gritei cheio de raiva. — Você talvez não, mas eu sou dono de mim mesmo!

Meu arrebatamento não diminuiu sua serenidade. Parecia até observar-me com uma curiosidade atenta que ainda mais me exasperou. Depois disse que era tempo de começar... e acercou-se de mim.

— Não tolero ofensa alguma contra meu corpo! — gritei fora de mim.

Mas êle não se impressionou; pelo contrário, percebendo que eu não me despiria de bom grado, fêz menção de que estaria disposto a desempenhar êle próprio essa tarefa. Consegui desembainhar a minha adaga e notei a sua expressão estupefata ao ver a lâmina rebrilhar em minha mão. Mas arrebatou-ma e foi colocá-la prudentemente a uma certa distância.

— Creio que você é perigoso, — disse, com um ar intrigado.

Senti meu rosto estremecer ao escutar essas palavras. Depois, êle começou retirando tranqüilamente minhas roupas, desnudando-me da maneira mais impudica. Resisti encarniçadamente, bati-me contra êle como se estivesse defendendo a própria vida, mas em vão. Era muito mais forte do que eu. Quando terminou sua ignóbil tarefa, ergueu-me para uma espécie de estrado que se encontrava no centro do recinto.

Ali fiquei eu, nu, desarmado, nada podendo fazer senão espumar de raiva. E a alguns passos de mim, perfeitamente impassível, o homem dedicava-se a estudar-me, a observar minha deformidade com uma frieza implacável e cruel. Via-me entregue sem defesa ao seu olhar cínico, que se apossava da minha pessoa como se fôsse sua propriedade. Ficar assim exposto aos olhos de outrem parecia-me algo tão profundamente aviltante que ainda sinto vergonha por ter suportado tudo isso. Não me esquecerei jamais do ruído do seu lápis de prata sôbre o papel, talvez o mesmo lápis com que desenhara a cabeça mirrada dos criminosos e tantas outras coisas abomináveis. Seu olhar estava transformado, agudo como a ponta de um punhal, dir-se-ia que me traspassava.

Jamais odiei tanto os homens como durante essa hora angustiante. O ódio exercia sôbre mim uma tal ação que me julguei prestes a desmaiar; por vêzes, tudo se toldava diante

de meus olhos. Existirá coisa mais vil do que as crianças dessa espécie, haverá gente mais digna de ódio?

Diante de mim, na parede lateral, eu via o seu grande quadro mural; segundo dizem, será uma obra-prima. Naquele momento, estava apenas esboçado ainda mas pareceu-me representar a Ceia, a refeição de amor do Cristo no meio de seus discípulos. Eu contemplava como um louco essas criaturas de rosto puro e solene, que se julgavam no sétimo céu porque rodeavam o seu Senhor, o homem com uma auréola sobrenatural. E ocorreu-me a idéia, que me encheu de alegria, de que Êle seria em breve prêso, de que Judas, todo recurvado a um canto da mesa, não tardaria muito a trair seu Mestre. Ainda é amado e honrado, pensei eu, senta-se ainda em Sua mesa de amor... ao passo que aqui estou de pé, cheio de vergonha! Mas a Sua hora virá! Em vez de estar sentado entre os seus, será pregado numa Cruz e traído pelos que Êle amava. E ficará pendurado nu, como estou neste momento, tão infamemente aviltado! Exposto aos olhares de todos, troçado e injuriado. E por que não? Por que não haveria Êle de sofrer o mesmo tratamento que eu? Êle sempre estêve cercado de amor, alimentava-se de amor, enquanto que me alimento de ódio. Ah, o ódio foi meu alimento desde os primeiros instantes da minha vida, absorvi sua amarga seiva, o seio materno em que repousava meu corpo estava repleto de fel, ao passo que Jesus mamava na doce Maria, a mais terna e suave de tôdas as mulheres, e bebia o leite mais gostoso que um ser humano jamais provou. Em Sua inocência e bondade, Êle não imagina que alguém possa odiar ou Lhe queira fazer algum mal. E por que motivo não lhe haviam de fazer mal? — pergunto eu. Julgava-se amado de todos os homens sôbre a terra porque fôra engendrado por Seu pai celeste. Que ingenuidade! Que ignorância infantil! Pelo contrário, era justamente por isso que ainda mais o detestavam. A humanidade não quer ser violada por Deus.

Ainda olhava para o quadro, liberto, enfim, da minha posição terrìvelmente aviltante, quando parei por instantes na porta dêsse recinto infernal onde sofrera a mais profunda humilhação. Breve serás vendido por alguns escudos aos nobres e sublimes humanos, tal como eu fui! E, cheio de raiva, bati com fôrça a porta sôbre o quadro e sôbre o seu grande mes-

tre Bernardo que, perdido na contemplação dessa obra tão exaltada, parecia já ter esquecido a minha existência, após ter me feito sofrer tão cruéis tormentos.

PREFIRO não recordar minha visita a Santa Cruz. Mas há uma coisa em que não posso deixar de pensar. Enquanto voltava a vestir-me, meu olhar caiu, involuntàriamente, sôbre alguns desenhos espalhados pelo recinto e que representavam os mais estranhos sêres, monstros que ninguém jamais viu e cuja existência me parece duvidosa. Eram um misto de homem e animal — mulheres com enormes asas de morcêgo estendidas entre seus dedos longos e peludos; homens com cara de lagarto e corpo de sapo; outros, com uma cabeça feroz de falcão e munidos de garras no lugar das mãos, esvoaçavam como demônios; havia também alguns que não eram homens nem mulheres mas se assemelhavam a monstros marinhos, com múltiplos tentáculos e olhos frios e traiçoeiros verdadeiramente humanos. Senti-me fascinado por essas imagens aterradoras e ainda hoje não me desembaracei delas; a sua lembrança me assedia, mesmo contra vontade. Como pode a imaginação do velhote ocupar-se com tais monstros? Por que evoca essas formas de pesadelo? Corresponderão a uma imperiosa necessidade interior ou atraí-lo-ão justamente porque não existem na natureza? Não entendo.

Como poderá ser bem formado quem concebe coisas tão horrendas? Quem se compraz no horrível?

Quando se observa sua fisionomia nobre, ao mesmo tempo digna e refinada, custa a crer que seja o autor de tais imagens. Semelhante contraste força à meditação. Êsses sêres sinistros devem existir no seu íntimo, como tôdas as outras coisas que êle cria.

Não posso deixar de cogitar também na sua expressão enquanto fazia meu retrato, como se estivesse transformado e misteriosa fôrça o houvesse convertido em outro homem, com olhar penetrante e desagradável, expressão verdadeiramente cruel que lhe incutia um ar demoníaco.

Portanto, êle não é o que desejaria parecer. Nisso se parece com os outros homens.

É quase inacreditável que o mesmo artista tenha podido pintar o Cristo que se senta na Ceia de Amor, tão puro e transfigurado.

QUANDO Angélica, ao atravessar a galeria, se cruzou hoje à tarde com o príncipe, êste pediu-lhe que se sentasse, por um momento, com o trabalho de renda que ela fôra buscar. Angélica obedeceu-lhe a contragosto, embora não deixasse transparecer seu desagrado. Ela foge à vida da côrte, que pouco lhe interessa, pois nada tem de princesa. Aliás, quem pode jurar que seja filha do príncipe? Do mesmo modo poderá muito bem ser apenas mais um bastardo. Mas o Mestre Bernardo ignora-o. Enquanto ela ficou sentada, perto do príncipe, os olhos baixos e a bôca estùpidamente entreaberta, o mestre contemplou-a com um semblante de quem a achava extraordinária. De resto, êle acha tudo extraordinário. Talvez a considerasse um prodígio da natureza, tal como eu, ou como uma dessas pedras que lhe parecem jóias preciosíssimas, visto que as apanha para melhor as admirar. Manteve-se silencioso e parecia verdadeiramente impressionado. Essa pausa na conversação tornou-se penosa.

Eu não via o que pudera assim comovê-lo tanto. Talvez lamentasse Angélica por não ser bonita. Se êle entende de beleza, compreende o que isso significa. Talvez fôsse por isso que mostrava no olhar algo de melancólico e compadecido. Enfim, não sei nem estou interessado em saber.

Naturalmente, a jovem tinha vontade de escapar o mais depressa possível. Assim que o príncipe a autorizou a levantar-se, ela correu para a porta, primeiro hesitante, depois vivamente, com seus habituais movimentos angulosos; ela move-se sempre como uma criança. É lamentável até que ponto Angélica é desprovida de graça.

Bem entendido, ela estava vestida com a simplicidade habitual, quase pobremente. Pouco lhe importa o que veste e ninguém à sua volta se preocupa com isso.

O GRANDE mestre Bernardo, pelo visto, não gosta de tranqüilidade de espírito em seu trabalho. Vai de uma coisa a outra, começa uma obra mas nunca a termina. Qual será o motivo de tal procedimento? Deveria dedicar-se de alma e coração à sua famosa Ceia, para concluí-la em poucos dias. Mas tal não acontece. Talvez seja preguiçoso. Ou dedicar-se a uma só obra talvez o canse. Empenhou-se agora em pintar a princesa.

Ela teria preferido, sem dúvida, não posar. Foi o príncipe quem assim quis. Compreendo-a. Deseja-se, de súbito, ver a nossa imagem refletida num espelho mas, quando nos afastamos, prefere-se que essa imagem não permaneça fixa no cristal e que ninguém possa captá-la. Compreendo que Angélica se recuse, como eu, a deixar que a retratem.

Não pertencemos a nós próprios! Que terrível idéia! Não sou dono de minha cara, ela pertence a qualquer um que a olhe! E o corpo? Também não somos, ao menos, donos de nosso próprio corpo? Não consigo habituar-me a tal idéia.

Quero ser o único dono de tudo o que é meu. Ninguém tem o direito de arrebatá-lo. E quero pertencer a mim também depois da minha morte. Ninguém tem o direito de refocilar em meus órgãos. Não quero que sejam examinados por alguém, mesmo que não repugnem tanto quanto os do criminoso Francesco.

Êsse mestre Bernardo, metendo o nariz em tudo com uma curiosidade apaixonada, parece-me verdadeiramente execrável. Para que serve isso? Que objetivo sensato poderá ter êsse afã? E a idéia de que êsse homem possui, no seu íntimo, uma imagem de mim, que — de certo modo — se apropriou de mim, é-me soberanamente desagradável. Diz-se-ia que já não sou o único dono da minha pessoa, que uma parte ficou com êle em Santa Cruz, entre seus monstros repugnantes.

Eis que a princesa foi obrigada, pois, a deixar-se retratar. Por que não havia ela de sofrer a mesma afronta que eu? Rejubilo só de pensar que Angélica será também exposta ao olhar impudente de Bernardo.

Mas que interêsse poderá ter essa cortesã? Jamais surpreendi nela a mínima facêta interessante, eu, que a conheço melhor que ninguém.

Veremos o que resulta de tudo isso. Nada tenho a ver com o caso.

Não acredito que êle seja um conhecedor profundo da natureza humana.

MESTRE Bernardo causou-me verdadeira surprêsa. Estou de tal modo espantado que passei a noite refletindo.

O príncipe e êle conversaram ontem à noite, como de costume, debatendo os elevados problemas que lhes são familiares. O mestre estava um tanto mal-humorado, era fácil de perceber. A mão cofiando a longa barba, parecia mergulhado em pensamentos que não lhe causavam alegria. Mas, apesar de tudo, falava com veemência, com paixão, embora fôsse uma paixão abafada sob cinzas. Não tinha a fisionomia habitual, poder-se-ia crer que era outra pessoa quem falava por seus lábios.

O pensamento humano, dizia êle, só domina, afinal de contas, bem poucas coisas. Suas asas são fortes mas não tão fortes quanto o destino que lhas deu. Não nos permite escaparmos nem ir mais longe do que foi por êle determinado. Nosso percurso está de antemão decidido; após um breve vôo que nos alaga de esperança e júbilo, somos puxados para baixo, como o falcão prêso pela corda que o falcoeiro segura. Quando obteremos a liberdade? Quando cortaremos a corda, deixando o falcão lançar-se espaço a fora?

Quando? Poderá isso ocorrer alguma vez? Ou não será o segrêdo do nosso destino permanecer para sempre ligados à mão do falcoeiro? Se acontecesse alguma transformação, deixaríamos de ser homens, escaparíamos à condição humana.

Entretanto, somos feitos de maneira a sentirmo-nos sempre atraídos pelo espaço e cremos ser capazes de movermo-nos nêle para além dos horizontes. O espaço abre-se diante de nós, imenso e palpável como algo verdadeiramente real. Tão real quanto nosso próprio cativeiro.

— Por que existirá então êsse infinito, se não podemos atingi-lo? — perguntava Mestre Bernardo. — Qual é o sentido dessa grandeza ilimitada à nossa volta, em redor da nossa vida, se somos como prisioneiros impotentes cuja vida está

confinada em si mesma? Por que o incomensurável? Por que essas imensidades que abraçam nosso estreito vale, nosso minúsculo destino? Seremos mais felizes assim? Não me parece. É o contrário que me parece verdadeiro, — concluiu êle.

Eu observava de perto seu semblante melancólico e a estranha lassidão do seu velho olhar.

— A busca da verdade tornar-nos-á mais felizes? — prosseguiu. — Não sei. Eu persigo-a, procurei-a sem tréguas ao longo de minha vida e, por vêzes, acreditei tê-la alcançado. Julguei ter vislumbrado um pouco do seu céu puro mas, na verdade, o céu nunca se abriu diante de mim; jamais meus olhos puderam medir êsse espaço infinito cujo conhecimento nos daria a única chave para decifrar tudo o mais. Não nos é consentido ir mais longe. Na realidade, todos os meus esforços foram inúteis. Tudo aquilo em que toquei só foi realizado, só foi concluído pela metade. Penso em minhas obras com mágoa dolorida e os outros devem-nas considerar com tristeza... como se contempla uma estátua que nada tem além do torso. Tudo o que criei ficou inacabado. Só deixarei atrás de mim coisas incompletas.

— Mas, haverá nisso motivo para o meu espanto? — indagou êle.

— No fim de contas, é êsse o destino da humanidade, a sentença inevitável que coroa todos os esforços e obras do Homem. Nossa cultura não passa de uma tentativa no sentido de algo inacessível que excede infinitamente nosso poder de realização. Fica truncada, trágica como um torso de mármore. O espírito humano não será, êle próprio, um mísero torso?

Fêz uma breve pausa, erguendo ligeiramente a fronte.

— Para que nos servem as asas, se não podem erguer-nos do chão? Tornam-se um fardo, em vez de um instrumento de libertação. Pesam-nos. Arrastamo-las penosamente. E acabamos por detestá-las. Sentimos uma espécie de alívio quando o falcoeiro, cansado de seu jôgo cruel, nos enfia um capuz na cabeça, o que nos permite deixar de ver tudo o que nos rodeia.

Mestre Bernardo calou-se, sombrio e abatido, com uma expressão de azedume. Seus olhos brilhavam de um fogo inquietante. Eu estava sinceramente espantado. Era aquêle o

mesmo homem que, não havia muito tempo, entusiasmado pela infinita grandeza da humanidade, vaticinava que ela reinaria ainda, como soberana tôda-poderosa, em seu magnífico império universal? Que descrevia a humanidade como quase igual aos deuses?

Não o entendo. Não consigo entendê-lo em nada.

Mas o príncipe escutava, como que fascinado pelas palavras do grande mestre, embora fôssem muito diferentes das que tinham saído antes de sua bôca. O príncipe compartilhava de tôdas as suas opiniões. Pode-se verdadeiramente afirmar que é um discípulo dócil.

Como conciliar umas coisas com as outras? Como é possível conjugar tais contrastes e falar de tudo com idêntica e profunda convicção? Para mim, que nunca mudo, isso é incompreensível.

Passei a noite tentando compreender êsses dois homens mas não consegui. Como tampouco consegui extrair uma conclusão de tudo aquilo.

Ser homem é algo grandioso de que nos devemos rejubilar? Ou é algo desprovido de sentido e desesperador, de que devemos afligir-nos?

Como responder a tais interrogações?

PAROU de trabalhar no retrato da princesa. Diz que não pode terminá-lo, que há qualquer coisa que não consegue desvendar. Eis mais uma obra inacabada. Como a Ceia, como tudo o que êle faz.

Tive oportunidade de ver o quadro, certo dia, nos aposentos da princesa e não lhe encontro o mínimo defeito. O artista pintou-a tal como ela é, uma cortesã em idade madura. Está diabòlicamente parecido. O rosto sensual, as pálpebras pesadas, o sorriso lascivo, um pouco distraído, tudo, tudo foi retratado. Êsse quadro revela a alma de um modo terrível.

Mestre Bernardo é, em todo o caso, um grande conhecedor da alma humana.

Que falta nesse retrato? O autor parece achar que lhe falta alguma coisa. O que será? Algo de essencial, que faria

com que o modêlo não ficasse verdadeiramente sendo êle próprio? E que poderá ser isso? Nada entendo.

Mas se êle diz que sua obra está inacabada, então deve existir alguma razão. Já declarou que deixaria tudo incompleto ao morrer. Que a cultura humana não passa de uma tentativa no sentido do irrealizável. E que, por conseguinte, nada disso tem sentido.

Por certo. Que aspecto teria a vida se ela não fôsse desprovida de sentido? A insignificância absoluta é a base em que a vida assenta. A única base sólida que jamais soçobrará. Uma grande idéia pode ser abalada por outra grande idéia, depois dissipa-se, aniquilada. Mas a insignificância permanece inacessível, indestrutível, inabalável. É uma base duradoura e por isso mesmo foi escolhida. E dizer que os homens precisam de raciocinar tanto para chegar a compreender uma coisa tão simples!

Eu o sei por instinto. Essa sabedoria faz parte do meu ser.

ALGO se passa aqui. Não posso dizer o quê. Pressinto como que uma inquietação no ar. Ou, pelo menos, se algum acontecimento ainda não se concretizou, poderia estar prestes a eclodir.

Aparentemente, tudo está calmo. No palácio, a vida segue seu curso normal. Mais calma ainda do que de costume, pois os hóspedes são pouco numerosos e as recepções habituais nesta época do ano não tiveram lugar. Mas não sei... dá a impressão de que se prepara alguma coisa.

Estou vigilante, observo tudo, mas nada vejo de insólito à minha volta. E na cidade tampouco, nada se assinala de anormal. Mas há qualquer coisa, sei que há qualquer coisa. Tenho a certeza.

Devo aguardar pacientemente o que o futuro nos trará.

O *condottiere* Boccarossa partiu de nôvo, deixando o palácio Geraldi vazio, uma vez mais. Ninguém sabe para onde

foi. Dir-se-ia que a terra o tragou. É possível que o príncipe e êle tenham tido algum desentendimento. Muita gente acha estranho que o meu amo, com sua educação superior, possa ter procurado a companhia de um indivíduo tão grosseiro. Não sou da opinião dessa gente. É verdade que Boccarossa é brutal e o príncipe culto, mesmo refinado. Mas meu amo e senhor também descende de uma família de *condottieri,* embora a maioria dos cortesãos pareça tê-lo esquecido. E ainda não faz muito tempo que os seus antepassados eram *condottieri,* há apenas um par de gerações, não mais. O que é muito pouco.

Não creio que os dois homens tenham grandes dificuldades para se entenderem.

Nada acontece, mas a tensão aumenta, a atmosfera se adensa. Sinto-o — tais indícios nunca me enganam. Vai acontecer alguma coisa aqui.

O príncipe parece febrilmente atarefado. Mas em quê? Recebe inúmeros visitantes, mantém conciliábulos secretos com alguns. Nenhuma indiscrição transparece. De que se tratará?

Chegam mensageiros açodados ao palácio, a coberto da noite. Uma porção de gente vai e vem, cumprindo missões que ignoro: governadores, ministros, conselheiros, comandantes, chefes de antigos clãs — essas antigas famílias belicosas que os avós do príncipe reduziram um dia à obediência. Já não se pode dizer agora que reina a calma no paço.

Mestre Bernardo não parece ao corrente do que se passa. É outra espécie de homens quem desfruta da confiança do príncipe. Em todo o caso, o velho sábio já não desempenha o mesmo papel que antes.

Só posso aprovar isso. Êle ocupava um lugar predominante demais na côrte.

BEM que eu tinha razão em dizer que se preparava alguma coisa. Nenhuma dúvida subsiste a êsse respeito.

Muitas coisas que é impossível ignorar o indicam. Os astrólogos foram convocados ao palácio e aí ficaram largo

tempo com o príncipe, o astrólogo da côrte, Nicodemus, e os outros charlatães de longas barbas, que gravitam em tôrno do palácio como parasitas. É um sintoma que não engana ninguém. Além disso, o príncipe manteve entrevistas com os emissários dos Médicis, os delegados da república veneziana de mercadores e com o arcebispo-legado da Santa Sé. Várias outras coisas atraíram ainda minha atenção nestes últimos dias e tudo parece convergir para o mesmo ponto.

Deve existir algum projeto de guerra. Provàvelmente, os astrólogos foram consultados para saber se as estrêlas são favoráveis à emprêsa — é uma precaução elementar que nenhum soberano menospreza. Êsses pobres-diabos tinham sido postos à margem durante o período em que o príncipe se entretinha com Mestre Bernardo, que certamente crê também no poder dos astros mas parece ter diferente ponto de vista no assunto, com opiniões que os cavalheiros de longas barbas consideram, escandalizados, diabólicas heresias. De momento, o príncipe considera mais prudente fiar-se nos ortodoxos. Assim, êles recomeçaram a pavonear-se pelo paço, todos impantes no convencimento de sua importância. E as negociações com os emissários visam a garantir-nos o apoio ou, pelo menos, a benevolência dos diversos Estados.

A atitude do Santo Padre é, em minha opinião, a mais decisiva. Sem a bênção divina, nenhuma iniciativa humana pode ter êxito.

Espero que êle a tenha concedido, pois desejo ardentemente que a guerra possa, enfim, eclodir de nôvo.

VAI haver guerra! Meu nariz, que já conheceu outrora o seu odor, fareja-a por tôda a parte, na tensão dos espíritos, no mistério que cerca os preparativos, na fisionomia das pessoas, até mesmo no ar que se respira. Há algo de excitante que reconheço perfeitamente. Enfim, volta-se a viver, após êsse período asfixiante em que nada acontecia, preenchido apenas por um tagarelar insuportável. Ah, como é agradável ver as pessoas fazendo alguma coisa diferente de falar, falar...

No fundo, todos os homens querem a guerra. Ela propicia uma espécie de simplificação que é um alívio para o

espírito. Todos os homens acham a vida muito complicada. E não há dúvida de que a sua maneira de viver é mesmo complicada. Em si própria, a vida nada tem de complexo; pelo contrário, distingue-se por sua grande simplicidade. Infelizmente, os homens não a entendem assim. Não percebem ser preferível deixá-la tranqüila em vez de procurar usá-la para mil fins estranhos. Mas sentem, entretanto, que viver já é algo maravilhoso só por si.

O príncipe saiu, enfim, do seu torpor. O rosto ostenta uma expressão enérgica, com a barba curta em leque, as maçãs do rosto magras e pálidas, o olhar vivo e tenso, que tudo espia à socapa, como o de uma ave de rapina. Espreita, sem dúvida, a sua prêsa favorita, o velho inimigo hereditário do seu clã.

Vi-o hoje subindo apressado a escadaria do paço, seguido de perto pelo capitão da guarda; estavam, suponho eu, preparando-se para inspecionar certos dispositivos militares. Chegando ao portão nobre, jogou a capa ao lacaio que acorria ao seu encontro, e ficou aí plantado em seu gibão vermelho púrpura, esguio e maleável como uma lâmina de espada, um sorriso altivo aflorando nos lábios finos. Tinha o ar de alguém que se despoja de um disfarce. Uma energia indômita emanava de tôda a sua figura. Tudo nêle revelava o homem de ação.

Eu sempre soube que êle o era.

Os astrólogos declararam que o momento era propício à guerra e não poderia ter sido melhor escolhido. Verificando o horóscopo do príncipe, concluíram que êle estava sob o signo do Leão. Já se sabia isso desde o seu nascimento. Considerado como feliz augúrio, êsse fato excitara a imaginação dos seus íntimos e causara, ao mesmo tempo, grande espanto e certa angústia entre os seus vassalos. É por isso que o príncipe tem o nome de Leone. Ora, Marte e Leão encontram-se, neste momento, em conjunção; em breve o astro vermelho do deus da guerra atingirá a poderosa constelação do meu amo e senhor. Outros fenômenos celestes, que exercem influência no destino do príncipe, são igualmente favoráveis. Os astrólogos

podem garantir, portanto, com absoluta certeza, o êxito do empreendimento militar. Seria quase imperdoável não aproveitar esta ocasião única!

Não estou surpreendido com suas previsões, pois concordam sempre com os desejos dos príncipes, sobretudo depois que o pai de meu amo e senhor mandou açoitar um dêsses leitores de estrêlas que afirmara estar a dinastia ameaçada de catástrofe, pois êle descobrira, por seus cálculos, que uma má estrêla, riscando o céu com uma cauda de fogo, surgira no firmamento no mesmo instante em que o fundador da família reinante subia os degraus sangrentos do trono. A profecia não se realizou — ou não foi mais verdadeira na dinastia do meu amo e senhor do que em qualquer outra.

Como já disse, os astrólogos nunca me surpreendem e, desta vez, até estou contente com êles. São indiscutìvelmente versados em sua ciência e servem, enfim, para alguma coisa. Pois é importante que o príncipe, os soldados e o povo acreditem que as estrêlas se interessam imenso pela sorte do empreendimento. Elas falaram e todo o mundo exulta com o que disseram.

Eu nunca converso com as estrêlas mas os homens sim.

ESTOU outra vez muito espantado a respeito de Mestre Bernardo. O príncipe e êle recomeçaram ontem à noite suas conversas íntimas e, como tantas vêzes acontecera antes, prolongaram madrugada adentro o animado diálogo. Isso provou que o velho sábio, ao contrário do que eu supunha, não perdeu sua influência e que suas investigações meditativas não o divorciaram do presente nem do mundo conturbado da realidade. Eu estava enganado.

Irrita-me ter cometido semelhante êrro de julgamento, eu, que desvendo e penetro no íntimo dos homens melhor do que ninguém.

Quando fui chamado para servi-los e levar-lhes, como de costume, suas taças de vinho, estavam ambos debruçados sôbre estranhos desenhos, nos quais nada pude, no princípio, decifrar. Depois, tive oportunidade de examiná-los melhor e de ouvir também a explicação, no decurso da conversa. Repre-

sentavam terríveis engenhos de guerra, destinados a espalhar a morte e o terror no inimigo, carros de combate equipados com foices que, à medida que avançavam, iam ceifando e espalhando pelo terreno membros humanos; outras máquinas igualmente diabólicas, também sôbre rodas, que parelhas de cavalos a galope arrastavam para o meio das hostes inimigas, sem que ninguém, ainda os mais bravos e corajosos, pudessem sustar-lhes a arremetida; veículos revestidos de chapas de ferro e repletos de atiradores inacessíveis que, segundo as explicações do inventor, podiam romper a frente mais sólida e abrir caminho à infantaria, permitindo-lhe cumprir sua missão. Havia tôda uma coleção de horríveis engenhos de morte que não compreendo como alguém pudesse tê-los imaginado. Entendi mal o funcionamento dêles pois, infelizmente, não pude me consagrar à arte da guerra. Morteiros e bombardas, falconetes e culverinos que vomitavam fogo e decepavam a cabeça e os braços dos soldados, tudo isso desenhado com tanta minúcia e realismo que sua simples representação já era bastante para despertar um interêsse palpitante. O sábio descrevia em pormenor a obra de destruição que êsses engenhos podiam realizar e fazia-o no mesmo tom impassível, tranqüilo, com que abordava qualquer outro assunto. Percebia-se que êle adoraria ver como essas máquinas funcionavam na realidade e é compreensível, maravilhosas como parecem e, além disso, o inventor fôra êle.

Mestre Bernardo trabalhara, pois, em tudo aquilo enquanto se ocupava de muitas outras coisas, sondar os mistérios da natureza, desfolhar pétalas de flôres, estudar enigmáticas pedras, rebuscar nas entranhas de Francesco — que certa noite, durante a conversa com o príncipe, êle descreveu, bem me recordo, como sendo a grande obra-prima, o mistério mais insondável da natureza — pintar a Ceia no Convento de Santa Cruz, com o Cristo entronizado; supraterrestre, entre seus discípulos, durante a refeição de amor em comum, e Judas, aquêle que devia trair, encolhido a um canto.

E tudo certamente o atraía e absorvia no mesmo grau. Então, por que não havia êle de se entusiasmar tanto por suas maravilhosas máquinas de guerra como pelo resto? Talvez o corpo humano seja uma construção muito engenhosa,

embora, na minha opinião, não seja lá essas coisas; mas uma máquina também o é e, além disso, as próprias mãos do homem a eriam, de acôrdo com sua inesgotável imaginação.

O príncipe interessava-se estranhamente, não pelos mais sinistros engenhos mortíferos que, no meu entendimento, seriam os mais eficazes e cuja aparição no campo de batalha, só por si, seria suficiente para pôr em debandada um exército inteiro, mas por aquêles que, embora testemunhando uma poderosa e macabra imaginação, exerceriam na hora do combate, segundo êle afirmava, uma ação decisiva. Os primeiros, acentuou o príncipe, pertencem ao domínio do futuro. É necessário empregar os que podem ser desde já postos em ação: aparelhos para a escalada de muralhas das fortalezas e castelos, novos métodos para fazer saltar pelos ares os bastiões, melhoramentos ardilosos ainda desconhecidos do inimigo, catapultas e artilharia de cêrco — tudo isso coisas de que êles tinham falado inúmeras vêzes e que já tinham sido fabricadas na sua maior parte.

Êsse material imponente, essa incrível riqueza de idéias, essa inspiração fecunda que parecia ignorar fronteiras, suscitavam em grau superlativo a admiração do príncipe, que louvava em palavras de entusiasmo o grande gênio do sábio. Na verdade, êste jamais revelara em tão elevado grau a fôrça do seu pensamento e do seu espírito criador. Os dois homens ficaram mergulhados grande parte da noite nesse domínio excitante da imaginação, numa troca inflamada de idéias, como acontecera nas anteriores e proveitosas vigílias. E eu os ouvia com prazer, pois também minha alma estava, desta vez, repleta de entusiasmo e admiração.

Entendo agora por que o príncipe fêz vir Mestre Bernardo e por que o trata como igual, testemunhando-lhe a mais alta deferência, a mais lisonjeira atenção. Compreendo êsse vivo interêsse por todos os sábios esforços de Bernardo, pelas suas investigações sôbre a natureza, por sua bagagem incrível de conhecimentos, tanto práticos como supérfluos; compreendo a admiração delicada por sua arte, pela Ceia de Santa Cruz e as outras obras em que trabalha êsse homem onisciente. Ah, compreendo perfeitamente!

O meu senhor é um grande príncipe.

TIVE esta noite um sonho desagradável. Pareceu-me ver Mestre Bernardo em pé no cume de uma alta montanha, com os cabelos grisalhos e a fronte majestosa de pensador; mas, em tôrno de sua cabeça esvoaçavam incontáveis monstros com asas de vampiro, tôdas as criaturas disformes que eu vira em seus desenhos, no atelier de Santa Cruz. Pairavam em redor dêle como diabos, dir-se-ia que esperando ordens. Seus focinhos fantásticos assemelhavam-nos a lagartos e sapos, enquanto que a fisionomia do mestre se conservava austera e nobre como sempre. Mas, pouco a pouco, seu corpo se transformou, tornou-se disforme e encolhido; asas franjadas, prêsas a umas pernas curtas e peludas, desdobraram-se de cada lado, como num morcêgo. Com a mesma expressão altaneira de sempre estampada no rosto, começou batendo as asas e voou com as outras criaturas horrendas para dentro das trevas da noite.

De um modo geral, nunca presto atenção alguma aos sonhos. Nada significam e deixam-me completamente indiferente. Só a realidade tem significado.

É evidente que êsse homem deve possuir alguma deformidade. Adivinhei-o há muito tempo.

O CONDOTTIERE Boccarossa cruzou a fronteira à frente de quatro mil homens! Já atingiu diversas povoações do interior do território inimigo, sem que Il Toro, completamente surpreendido pela invasão, pudesse tentar algo para organizar a defesa.

Eis a incrível nova que hoje correu pela cidade como um relâmpago, o extraordinário acontecimento que ocupa todos os espíritos!

O célebre *condottiere* reuniu no maior sigilo suas tropas de mercenários nas regiões inacessíveis da fronteira do sul e preparou, com uma esperteza diabólica, o ataque tão bem sucedido. Ninguém suspeitara do que se tramava, nem mesmo nós, salvo o príncipe, verdadeiro iniciador do genial plano de ataque. É quase inverossímil. Custa a crer que a notícia seja verdadeira.

À dinastia Montanza pouco tempo resta de vida e o execrável Ludovico — tão odiado pelo seu próprio povo quanto

pelo nosso, segundo se diz — terá finalmente quebrado seu cachaço de touro e será o último de uma infame dinastia.

Foi completamente ludibriada, a rapôsa matreira! Sem dúvida, ter-lhe-iam chegado aos ouvidos os projetos do meu príncipe mas, sabendo que nenhum exército fôra levantado em nosso país, deixou-se embalar num falso sentimento de segurança. Ainda menos esperava que o ataque fôsse desferido dêsse lado do país, onde o terreno parece inacessível. Não tinha sequer instalado aí uma linha fortificada! É o fim de Il Toro! Aproxima-se o dia do ajuste de contas!

Reina na cidade um ambiente indescritível. As pessoas agrupam-se na rua, gesticulam, falam com entusiasmo... ou vêem silenciosamente desfilar as tropas. As do príncipe começam agora a reunir-se, não se sabe de onde saem, parecem brotar do chão. Verifica-se fàcilmente que foram muito bem preparadas em segrêdo. Os sinos repicam, as igrejas estão cheias de gente e mal se consegue penetrar em qualquer delas. Os sacerdotes erguem ardentes preces ao céu pelo êxito desta guerra; é evidente que o empreendimento recebe, no mais alto grau, as bênçãos da Igreja. Nem poderia deixar de ser assim, visto que só novas glórias nos trará.

O povo rejubila. Na côrte, sobretudo, o entusiasmo que o príncipe inspira não conhece limites.

As tropas pessoais do meu amo e senhor cruzarão a fronteira pelo amplo vale fluvial do leste, o velho caminho clássico das invasões; basta um dia de viagem para chegar à planície onde o terreno, alimentado de sangue glorioso, permite uma campanha em moldes regulares. Aí, as tropas do príncipe reunir-se-ão ao exército do *condottiere*. É êsse o plano. Adivinhei-o.

Não o sei de maneira certa. Mas, surpreendendo uma palavra aqui, outra ali, cheguei a essa conclusão. Tento com afinco decifrar tudo, acompanhar tudo o que se diz e se faz; escuto atrás das portas, escondo-me atrás das arcas e cortinados, para saber o máximo possível a respeito dos grandes acontecimentos em curso.

Que genial plano de ataque! E vai ter um êxito certo, é claro. Existem, sem dúvida, fortificações dêste lado da fronteira. Mas elas cairão. Talvez seus defensores, vendo que tôda a resistência é inútil, não hesitem em render-se. Ou talvez seja necessário tomá-las de assalto. Em todo o caso, nada poderá nos deter; nossa ofensiva foi por demais surpreendente, imprevista.

Que maravilhoso general é o príncipe! Que rapôsa hábil! Que ardis e que capacidade de previsão! E que grandeza ímpar em todo êsse plano de campanha!

Enche-me de orgulho ser o anão de tal senhor!

Só penso numa coisa: como poderei ir à guerra? É imprescindível que eu vá. Mas como realizar êsse sonho? Não recebi instrução militar, na acepção habitual da palavra. Nada do que se exige de um oficial ou mesmo de um simples e modesto soldado. Contudo, posso portar armas. E manejar a espada como um homem! A minha é tão boa quanto as dos demais. Talvez não seja tão comprida, mas as espadas curtas não são as menos perigosas. O inimigo irá perceber isso à sua custa!

Fico doente à idéia obcecante de ser deixado no palácio com as mulheres e as crianças, de não estar presente quando, enfim, se passa alguma coisa que vale a pena ser vista. Pensar que o grande massacre já deve ter começado!

Tenho sêde de sangue.

IREI, sim! Irei!

Reunindo tôda a minha coragem, confessei-me ao príncipe esta manhã, exprimi-lhe o ardente desejo de participar na campanha. Apresentei minha solicitação com tal veemência que o impressionei deveras, bem que o notei.

Além disso, tive a sorte de o abordar num momento em que estava numa disposição de espírito muito favorável. Passou a mão pela curta franja de cabelos da testa, como sempre faz quando está de bom humor, e os olhos negros piscaram, brilhantes, enquanto me observava.

Claro que podes ir à guerra, disse êle. Contava participar em pessoa no combate e, bem entendido, eu acompanhá-lo-ia. Um príncipe pode lá passar sem seu anão? Quem lhe serviria em campanha a taça de vinho? E dirigiu-me um sorriso divertido.

Eu irei! Eu irei com êles!

OCUPO atualmente uma tenda no alto de uma colina coroada de pinheiros esparços, donde se desfruta excelente visão das fôrças inimigas acampadas embaixo. O pano da tenda, que ostenta as côres do príncipe, em riscas vermelhas e ouro, bate ao contato da brisa, produzindo um ruído tão estimulante quanto o de uma fanfarra. Envergo uma armadura semelhante à do príncipe, couraça e capacete e, à ilharga direita, pende de um cinturão de prata minha inseparável espada. Aproxima-se a hora do pôr-do-sol e, por um instante, fico só. Pela abertura da tenda escuto as vozes dos chefes, expondo o plano de ataque do dia seguinte, e, mais longe, o canto intrépido e melodioso dos soldados. Vislumbro na planície a tenda branca e negra de Il Toro. Seus homens parecem tão pequenos, à distância, que dão a impressão de inofensivos. Ainda mais longe, para oeste, cavaleiros sem armadura, o tronco nu, dessedentam seus cavalos no rio.

Estamos em campanha há mais de uma semana. Grandes eventos marcaram êste período. As operações desenrolaram-se como eu previra. Tomamos de assalto as fortalezas da fronteira, depois de bombardeá-las com as maravilhosas culevrines de Mestre Bernardo, cuja eficácia não fôra até então vista por ninguém. Sob êsse terrível canhoneio, os sitiados renderam-se, espavoridos. Travamos diversos combates com as tropas insuficientes que Il Toro despachara às pressas contra nós e que fôra obrigado a desviar do grosso das fôrças destinadas a sustar o avanço do Boccarossa. Todos êsses reencontros terminaram com a vitória das nossas armas. O inimigo era muito inferior em número. Entrementes, o exército de Boccarossa, deparando-se com uma resistência cada vez mais fraca, abria caminho até à planície, incendiando, pilhando e destruindo tudo em sua passagem, e marchava agora para o norte a fim

de entrar em contato conosco. Ontem ao meio-dia teve lugar êsse contato tão desejado, de importância capital para os acontecimentos seguintes. Estamos agora reunidos nas colinas entre a planície e as montanhas, e formamos ao todo um exército de mais de quinze mil homens, sendo dois mil cavaleiros.

Presenciei o encontro entre o príncipe e o seu *condottiere*. Foi uma hora histórica, absolutamente inesquecível. O príncipe, a quem êstes tempos rejuvenesceram tanto que todo o mundo está maravilhado, envergava uma armadura magnífica, com uma couraça e ombreiras em prata dourada; duas plumas, uma vermelha e outra amarela, balançavam sôbre seu elmo refulgente enquanto, cercado de seus principais capitães, saudava cortêsmente o célebre irmão de armas. Seu rosto pálido e aristocrático tingiu-se, excepcionalmente, de leve rubor e nos lábios finos pairou um sorriso franco e cordial mas um pouco reticente, como sempre ocorre com êle. Defronte ao príncipe, Boccarossa impressionava pelo corpo de gigante, vigoroso e maciço. Senti a estranha impressão de que nunca o vira antes. Regressava da peleja. Sua armadura de ferro parecia simples, comparada à do príncipe: um único ornamento, uma cabeça de leão em bronze, com a língua saindo das fauces hiantes. O elmo, sem cimeira nem guarnições de espécie alguma, era muito ajustado à cabeça. Essa cabeça pareceu-me ser a mais assustadora de quantas contemplei até hoje. Num rosto gordo e todo picado de varíola, a queixada bastava para inspirar temor: lábios carnudos e de um vermelho escuro que pareciam nunca poderem abrir-se. A expressão que fulgia no fundo dos olhos devia reduzir qualquer adversário à submissão instantânea. Era terrível de se olhar. Mas nenhum dos que conheci até agora me causou mais impressão de ser, de fato, um homem, em tôda a fôrça da palavra. Sou obrigado a confessar que talvez nunca venha a conseguir desembaraçar-me do efeito que o caudilho provocou em mim. Foi como que uma revelação, não sei de quê. Sem dúvida, da humanidade — quando ela dispõe, verdadeiramente, de uma certa potência de ação. Observava-o discretamente de um canto, com meu velho olhar perspicaz que já viu de tudo, meus olhinhos de anão onde jaz uma experiência milenar.

Boccarossa mostrava-se taciturno, quase não dizia palavra. Eram os outros que falavam. Uma vez, por acaso — a uma

frase do príncipe — apenas sorriu. Pelo menos, chamar-se-ia isso um sorriso nos outros homens.

Pergunto se, tal como eu, Boccarossa será incapaz de sorrir.

Não tem a pele do rosto lisa. Claro, não é um recém-nascido mas as raízes de onde proveio devem ser bem mais recentes do que as minhas.

Descobri que o príncipe tinha um ar insignificante ao lado dêle. Digo isto apesar da minha admiração por meu amo e senhor, que já proclamei com tanta veemência nestes últimos tempos, ser realmente profunda.

Espero ver Boccarossa em plena batalha.

A grande batalha será amanhã de manhã. É admissível pensar que o ataque deveria ocorrer assim que os dois exércitos se encontrassem frente a frente, antes de Ludovico poder recobrar alento e reunir suas fôrças dispersas — como êle, de resto, está tentando fazer neste momento. Disse-o ao príncipe mas êste respondeu que as tropas necessitavam de um pouco de repouso. Além disso, é preciso mostrarmo-nos cavalheirescos com o adversário, acrescentou êle, dar-lhe tempo para reorganizar-se em formação de combate, antes de travar uma peleja de tamanha importância. Exprimi minhas fortes dúvidas sôbre a sabedoria e a oportunidade de semelhante estratégia.

— Seja prudente ou não, — retorquiu êle, — sou um cavaleiro. Portanto, devo comportar-me como tal. Mas tu podes agir como melhor te aprouver.

Jamais se penetra no âmago dêsse estranho homem. E gostaria bem de saber a opinião de Boccarossa a tal respeito.

Que Il Toro empregou proveitosamente essa trégua está fora de dúvida. Pudemos verificá-lo durante o dia, desde a nossa posição elevada. Chegou até a obter reforços.

Mas, em todo o caso, acabaremos por vencer, isso é mais do que certo. Talvez seja até uma idéia excelente deixar que o inimigo reúna o máximo de gente possível; assim poderemos aniquilá-lo de um só golpe. Quanto mais numerosos forem os inimigos, maior e mais retumbante será nossa vitória. Il Toro já deveria ter percebido que será irremediàvelmente derrotado e que melhor faria se não ajuntasse tantos soldados. Mas é um orgulhoso, mais teimoso que um asno.

Entretanto, seria um êrro grosseiro afirmar que êle não é perigoso. Il Toro é um general de grande valor, ardiloso, sem escrúpulos e rico em expedientes. Se a guerra não o tivesse apanhado de surprêsa, teria oposto uma resistência terrível à nossa gente. Entende-se cada vez melhor até que ponto era importante que a nossa ofensiva fôsse desencadeada de súbito; e aperceber-nos-emos, sem dúvida, dos frutos dessa vantagem inicial no decorrer da campanha.

Conheço em detalhe o plano do ataque planejado para amanhã. O nosso exército, quer dizer, o do príncipe, atacará o centro da formação inimiga; Boccarossa, a ala esquerda. Formaremos não uma mas duas frentes, como é natural, pois temos dois exércitos à nossa disposição. O inimigo será forçado, portanto, a combater em duas frentes, o que envolverá para êle, evidentemente, mais dificuldades do que para nós. Se bem que seja impossível duvidar do resultado, teremos de contar com certas perdas. Suponho que será uma ação muito sangrenta, mas a nada se chega sem sacrifícios. E esta batalha será de enorme importância; provàvelmente, decidirá todo o curso futuro da guerra. Em tais casos, vale bem a pena sacrificar muito.

Interesso-me cada vez mais pelos segredos da arte militar, que até agora me eram vedados. O imprevisto e as fadigas da vida em campanha atraem-me bastante. É uma experiência maravilhosa. Que exaltação para o corpo e a alma quando se participa numa guerra! Ficamos outros homens. Nunca me senti tão bem; respiro a plenos pulmões; circulo com desenvoltura, dir-se-ia que meu corpo é leve como o ar que respiro.

Nunca fui tão feliz. Sim, tenho até a impressão de que jamais fôra feliz até agora.

É amanhã, pois. Amanhã!

Exulto como uma criança ao pensar nessa batalha.

Escrevinho algumas linhas às pressas.

Alcançamos a vitória, uma gloriosa vitória! O inimigo retira em debandada, tentando em vão reunir suas tropas dizimadas. Perseguimo-lo sem repouso. A estrada para a ca-

pital dos Montanza, que até agora jamais fôra conquistada, abre-se à nossa frente.

Assim que os acontecimentos me derem um intervalo de ócio, farei uma descrição detalhada desta maravilhosa batalha.

Entrementes, os acontecimentos falam por si mesmos. As palavras perderam qualquer sentido. Troquei a pena pela espada.

ENFIM, encontro um momento livre para escrever. Ainda não paramos de combater e de avançar há vários dias. Era impossível pensar em qualquer outra coisa. Por vêzes, não tínhamos sequer tempo de montar a nossa tenda à noite e acampávamos sob as estrêlas, no meio de vinhedos e olivais, enrolados em nossas mantas, a cabeça apoiada numa pedra. Uma vida magnífica! Agora, está tudo um pouco mais calmo. O príncipe acha que temos necessidade de respirar. Talvez tenha razão. Até os contínuos triunfos podem acabar por cansar, a longo prazo.

Estamos agora a escassa distância da cidade, vemo-la desdobrar-se ante nossos olhos, com suas tôrres e ameias, suas igrejas e campanários, e o velho castelo dos Montanza encavalitado numa colina, cercado de pequenas casas — e tudo cercado de altas muralhas: um verdadeiro ninho de rufiões. Podemos já ouvir os sinos das igrejas, rogando sem dúvida a Deus que os salve. Arranjaremos as coisas de modo que Êle não tenha tempo de escutar essas preces. Il Toro juntou os restos de suas tropas entre a cidade e nossas fôrças. Mobilizou todos os homens de que pôde lançar mão mas isso não bastará, pois o revés sofrido já o abalou demais. Sua derrota parece certa mais uma vez. Um chefe de tanto valor como êle deveria compreender até que ponto sua situação é desesperada. Sem dúvida, apelou para êsses derradeiros recursos para evitar seu destino, para tentar salvar a cidade.

Vã tentativa. A sorte dos Montanza ficou decidida há quase uma semana, naquela madrugada histórica, e em breve será consumada.

Tentarei agora fazer uma descrição verídica e pormenorizada da grande e incomparável batalha.

Principiou com um ataque conjunto dos nossos dois exércitos, exatamente como eu previra. Do alto das colinas, foi um espetáculo magnífico, uma festa para os olhos e para todos os sentidos. A música militar ecoava em seus acordes vibrantes. o estandarte drapejava batido pelo vento, os pendões ondulavam sôbre as fileiras bem ordenadas de uniformes multicores. Enquanto as trombetas prateadas soavam no meio de uma paisagem onde o sol despontava, a infantaria derramou-se pelas encostas. O inimigo aguardava o embate a pé firme, em fileiras cerradas; quando os adversários, armados até aos dentes, se chocaram, um sangrento corpo-a-corpo teve início. De ambos os lados tombavam homens, os feridos eram liquidados ou esmagados pela avalanche de pernas e patas, quando tentavam afastar-se aos trancos e barrancos do mais aceso da peleja. Ouviam-se os gritos e gemidos habituais. O combate passou por diferentes fases: em certos pontos, os nossos soldados levavam a melhor; em outros, a resistência era mais tenaz. Boccarossa, de início, deu a perceber que combatia na mesma frente que nós mas, gradualmente, suas tropas descreveram um grande arco de círculo e caíram sôbre o flanco do inimigo. Êste pareceu desorientado por essa inquietante manobra e só com grande dificuldade se defendeu, cedendo terreno pouco a pouco. A vitória estava próxima, aparentemente. Muitas horas já tinham decorrido e o sol estava a pino.

De súbito, aconteceu algo terrível. Nossas tropas mais próximas do rio começaram recuando. Rechaçados pelo flanco direito de fôrças de Il Toro, nossos homens tiveram de ceder à pressão, após algumas tentativas canhestras de resistência. Pareciam ter perdido por completo o ardor combativo e contentavam-se em recuar sem descanso, dispostos a afrontar tudo menos a morte. Eu não acreditava no que via. Recusava-me a entender o que se passava, tanto mais que éramos numèricamente superiores, quase o dôbro das fôrças inimigas. Meu sangue refervia de vergonha, diante dessa incrível covardia. Tomado de furor, gritava e batia os pés, erguendo os punhos na direção dos soldados, em minha raiva impotente, e dirigindo-lhes insultos coléricos e aviltantes. Para quê? Êles não me ouviam, é claro, e continuavam recuando como coelhos assustados. Julguei enlouquecer. E ninguém vinha reforçá-los. Nin-

guém parecia preocupar-se com a situação crítica daqueles homens. Êles bem o mereciam, aliás.

De súbito, vi o príncipe, que comandava o centro, fazer um sinal a alguns destacamentos que se mantinham na retaguarda. Então, êles avançaram em linha diagonal para o rio e essas fôrças novas passaram a quebrar a frente inimiga. Passo a passo, irresistíveis, lutaram até o momento em que, tendo atingido a margem do rio, soltaram um grito selvático de triunfo. Entre quinhentos a setecentos soldados inimigos viram-se cercados, sem outra alternativa senão o rápido extermínio.

O espanto pregou-me ao chão. Não tivera a mínima suspeita dêsse ardil, que tomara por covardia. Meu coração batia descompassado, o peito parecia estourar de júbilo. Após a terrível tensão, sentia agora um maravilhoso alívio.

Seguiu-se uma cena dramática. Nossas tropas pressionavam o inimigo por todos os lados, apertado num espaço cada vez mais exíguo entre a frente e o rio. Por fim, viu-se pràticamente imobilizado, sem campo de manobra, e procedemos então à sua inexorável destruição. Foi um massacre sem precedentes. E não só um massacre, pois os soldados de Il Toro, lançados no rio, afogaram-se como ratos. Debatiam-se contra a morte no seio da corrente caudalosa, agitando os braços, clamando desesperadamente por socorro e comportando-se de modo muito pouco militar. A maioria não sabia nadar nem tinha qualquer experiência com a água. Os que logravam alcançar de nôvo a margem não tardavam a perecer às mãos dos nossos e os que tentavam ganhar a margem oposta eram levados pela correnteza. Quase nenhum teve a sorte de sair vivo do transe.

A nossa desonra transformava-se, afinal, numa gloriosa vitória.

Os acontecimentos desenrolaram-se, daí em diante, com uma rapidez estonteante. Seguido de perto pelo nosso flanco esquerdo, o corpo central caiu fulminante sôbre o inimigo, enquanto que, à direita, as tropas de Boccarossa o atacavam com redobrada fúria.

Do alto das colinas desceram então os batalhões de reserva que, de lança em riste, desencadearam sua carga e acabaram por desmoralizar completamente o já vacilante exército de Il Toro. Em breve a defesa desesperada se converteu numa

desvairada ânsia de fuga. Cavalaria à frente, perseguimos os vencidos. Estávamos determinados a explorar até o fim essa vitória ímpar. O príncipe queria tirar o máximo proveito de tôdas as possibilidades que se lhe ofereciam. Uma parte do exército afastou-se, de súbito, do resto das tropas e desceu por um dos vales laterais, com o evidente propósito de cercar o inimigo. As montanhas impediram-nos de observar o que se passou em seguida. Tudo desapareceu, para nós, atrás das cumeadas cobertas de vinhedos, do lado oposto da planície onde se desenrolara a batalha.

O nosso acampamento começou então a agitar-se, numa crescente animação. Atrelavam-se cavalos, as bagagens e armas eram alegremente empilhadas nas carroças. Corria-se de todos os lados, num tumulto febril. Sentei-me na traseira de uma carroça onde fôra colocada a tenda do príncipe. Foi dado o sinal de partida e descemos a vertente que conduzia ao campo de batalha. Só aí restavam os mortos e feridos, tão apertados uns contra os outros que não podíamos avançar sem passarmos por cima dêles. A maior parte já morrera, mas os raros sobreviventes gemiam sem cessar. Nossos próprios soldados imploravam que os levássemos conosco mas era impossível, pois mister se fazia que nos apressássemos para realcançar o exército. A guerra nos endurece, acabamos por acostumar-nos a tudo. Eu nada vira antes que se lhe assemelhasse. Aqui e ali, cadáveres de cavalos; um dêles tinha o ventre aberto e suas entranhas estavam espalhadas pelo chão. O espetáculo dava-me ganas de vomitar. Não sei o que se passou em mim. Gritei ao cocheiro que apressasse a marcha; o homem fêz estalar o longo chicote e rodamos a grande velocidade.

É estranho. Notei de súbito que, sob certos aspectos, sou uma criatura sensível. Não consigo recordar sem horror as entranhas de Francesco. Certas realidades, embora muito naturais, são profundamente repugnantes.

O dia aproximava-se do fim. Mesmo os dias mais memoráveis também têm seu fim. O sol baixava por detrás dos outeiros a oeste. Seus derradeiros raios caíram sôbre o campo de batalha que assistira a tantos feitos de heroísmo, a tantas glórias e derrotas. Quando, do alto da minha carroça sacole-

jante, lancei um olhar para trás, o crepúsculo já descia na planície.

A noite cobriria em breve o teatro da carnificina. O drama sangrento que aí fôra encenado já ingressara na História...

DISPONHO agora de muito tempo para escrever porque chove sem parar, como se o céu estivesse desabando. Um autêntico dilúvio.

Naturalmente, isto é deveras monótono. O acampamento está sujo e lamacento. Os caminhos entre as tendas são lodaçais onde nos enterramos até aos joelhos e onde vogam excrementos de homens e cavalos. Tudo o que se toca suja desagradàvelmente os dedos. Se saírmos da tenda, por um instante que seja, ficaremos encharcados até aos ossos. O interior das tendas está todo pegajoso de umidade e água goteja pelas frinchas. Tudo isto exerce um efeito funesto sôbre o moral dos homens. Tôdas as noites se espera que faça bom tempo na manhã seguinte mas, ao despertarmos, continuamos ouvindo a mesma crepitação enervante na lona das tendas.

Pergunto a mim próprio para que demônio servirá essa chuva eterna, que paralisa tôda e qualquer operação militar. E logo agora, quando íamos colhêr os frutos do nosso magnífico triunfo. Por que choverá, então?

Os soldados perderam todo o entusiasmo. Passam os dias dormindo ou jogando dados. Desapareceu o gôsto pela luta. E podemos estar certos de que, neste interregno, Il Toro reforça suas tropas, enquanto que nos debilitamos cada vez mais. Não estou inquieto mas esta situação me irrita.

Nada é mais desastroso para o moral de um exército do que a chuva. Todo o lado brilhante e excitante de uma campanha militar se extingue. Finda o esplendor marcial, findam as belas proezas. Mas é preciso reagir contra a idéia de que a guerra é uma festa contínua. A guerra não é uma diversão, é um negócio muito sério. Acarreta morte, destruição, derrota. Nem sempre é um torneio divertido contra um inimigo

numèricamente inferior. É preciso habituarmo-nos a suportar tudo, a viver penosamente, a passar privações e conhecer sofrimentos de tôda a espécie.

A situação pode ficar perigosa se o desânimo se apossar da tropa. Temos ainda muito a fazer antes da vitória final. O inimigo não está completamente batido. Devemos reconhecer que, após sua terrível derrota às margens do rio, êle executou uma retirada bastante habilidosa, impedindo-nos de consumar a sua completa captura. Neste momento, como já sublinhei, êle deve estar refazendo suas fôrças. Precisamos do nosso velho humor belicoso para aniquilá-lo.

O príncipe não me parece deprimido. É daqueles que ama verdadeiramente a guerra — sob tôdas as suas formas. Calmo, tranqüilo e pletórico de energia, conserva a mesma serenidade de sempre. Está profundamente certo da vitória. Que magnífico soldado! Assemelhamo-nos singularmente, êle e eu, quando estamos em campanha.

A única coisa que lhe censuro constantemente e que jamais lhe perdoarei, é a sua recusa em me permitir que participe na peleja. Não entendo porquê! Suplico-lhe, imploro-lhe antes de cada batalha, uma vez cheguei até a lançar-me de joelhos a seus pés, abraçando-lhe as pernas e molhando-as de minhas lágrimas. Êle finge que não me ouve ou limita-se a rir, declarando que minha vida é por demais preciosa para êle e que me poderia acontecer alguma coisa. Acontecer-me alguma coisa! Se nada há no mundo que eu mais deseje! Êle não entende o que isso significa para mim. Aspiro à luta com tôda a minha alma, mais do que qualquer outro homem, com um ardor mais cáustico e mais profundo que os outros. A meus olhos, a guerra não é um divertimento. Quero lutar, quero matar! Não para me encher de glória mas pelo prazer da ação. Quero ver os homens tombarem à minha frente, quero ver morte e desolação à minha volta. Meu amo nada entende da minha natureza. Deixa-me que o sirva, que lhe sirva o vinho, mas impede-me de abandonar a tenda e de me juntar aos outros, quando me consumo de inveja. Tenho de me contentar em ver os outros realizando os atos com que sonho. Que humilhação insuportável! Não matei ainda um único homem. Meu amo e senhor não suspeita sequer do sofrimento que me inflige.

Dissimulo, pois, uma parcela da verdade quando digo que sou feliz.

O príncipe não, mas outros já notaram meu ânimo combativo. Mas tampouco sabem até que ponto está enraizado em mim. Apenas vêem que ando armado dos pés à cabeça e isso atrai-lhes a atenção. Pouco me importa a opinião dêles a meu respeito e sôbre meu papel no campo de batalha.

Evidentemente, estão aqui muitas pessoas que conheço muito bem, cortesãos e, como se vê sempre na côrte, soldados ilustres, descendentes de célebres famílias que enchem as crônicas com seus feitos militares ao longo dos séculos, e nobres senhores que, graças à sua alta linhagem, ocupam postos de comando. Sim, conheço muito bem os condestáveis e capitães — e êles me conhecem. Com o príncipe, são êles quem dirigem as operações. Sem dúvida, o meu amo soube rodear-se de uma brilhante plêiade da velha nobreza guerreira.

O que me irrita é que Don Ricardo participa na luta. Por tôda a parte alardeia sua fanfarronice, mais gritante ainda na presença do príncipe, e profere gracejos grosseiros que provocam o riso de seus companheiros. Com a tez rubicunda de campônio e os grandes dentes brancos que êle mostra constantemente, pois ri à-toa, a propósito de tudo e de nada, tem o ar de matuto. O seu modo de jogar a cabeça para trás e retorcer os caracóis da barba acastanhada me é odioso. Não compreendo como o príncipe consegue suportar a sua presença.

Ainda menos entendo a atração que inspira à princesa êsse indivíduo vulgar, pois êle é verdadeiramente vulgar, embora pertença à antiga nobreza. Mas essa questão nenhum interêsse tem para mim. Aliás, ninguém tem nada a ver com isso.

Quando se afirma que Don Ricardo é um bravo fico surprêso. Êle estava, como todo o mundo, entre os combatentes na margem do rio, mas não creio que se haja distinguido de maneira particular. Nem por um segundo o notei. Sem dúvida, terá contado a todos como é bravo e que proezas cometeu. E como basta abrir a bôca para que todos o escutem, deve ter conseguido convencer seus condescendentes ouvintes. Pessoalmente, não acredito na sua apregoada bravura. É um insuportável fanfarrão e nada mais.

Don Ricardo, um bravo! Esta idéia me parece ridícula. O príncipe é corajoso, lança-se com bravura no mais aceso da peleja, enxerga-se fàcilmente seu pendão e seu elmo fulgurante em todos os pontos onde a luta é mais renhida, e o inimigo também o vê, por certo, pois êle expõe-se incessantemente ao perigo. Ama a luta corpo-a-corpo, tem prazer nisso. E Boccarossa também é um bravo, se bem que a palavra bravura dê uma pálida idéia do seu aspecto em combate. Contaram-me que a maneira como êle se apresentava era bastante para aterrorizar os mais empedernidos guerreiros. O que nêle há de assustador é, sobretudo, não parecer excitado pela luta. Cumpre sua tarefa de carnificina de lábios cerrados, com uma frieza metódica. Combate freqüentemente a pé, para estar mais próximo de suas vítimas. Parece gozar o espetáculo de sangue e morticínio. A maneira de lutar do príncipe e dos outros parece um jôgo infantil ao lado da atividade guerreira de Boccarossa. Estou falando o que ouvi, pois fiquei longe demais para poder apreciar com meus próprios olhos as proezas do terrível *condottiere* e não posso exprimir até que ponto deploro ter ficado ausente de semelhante espetáculo.

Homens como o príncipe e Boccarossa são bravos, cada um à sua maneira. Mas Don Ricardo! É grotesco compará-lo com êles.

Boccarossa e seus soldados devastam de bom grado tôdas as terras por onde passam, queimando e saqueando muito mais, sem dúvida, do que o príncipe considera necessário, embora o meu amo também aceite que é conveniente uma certa dose de devastação. Por onde passaram seus exércitos quase não resta vivalma. Entretanto, as opiniões do príncipe e do seu *condottiere* divergem, sob êsse ponto de vista. Devo dizer que me inclino mais para a teoria de Boccarossa. Inimigos são inimigos e é imperioso tratá-los como tal. É a lei da guerra. Pode parecer cruel mas guerra e crueldade caminham de mãos dadas e nada se pode fazer contra isso. Deve-se exterminar o povo contra o qual se combate e devastar o seu país para impedir que êle se recupere. Seria perigoso deixar para trás adversários que podem amanhã atacar-nos pelas costas. Tenho a certeza de que Boccarossa está com a razão.

O príncipe parece esquecer, por vêzes, que se encontra cercado de inimigos. Trata a população de um modo que não

se pode verdadeiramente aprovar. Por exemplo, o dia em que parou num mísero povoado montanhês para presenciar uma festa rústica e ouvir os tocadores de gaita de foles, como se acreditasse piamente que valia a pena escutar semelhante música. Não entendo que prazer possa haver nisso. Nem como êle teve coragem de bater papo com os aldeões. Sua conduta pareceu-me tão incompreensível quanto o que os aldeões estavam fazendo; segundo êles disseram, estavam celebrando uma espécie de festa das colheitas. Uma mulher grávida lançava azeite e vinho num pedaço de terreno e depois todos se sentavam em tôrno dela, passando de mão em mão os cântaros de vinho, pães e grandes nacos de queijo de cabra. O príncipe comeu com êles, elogiou-lhes as azeitonas e o queijo de aspecto terrìvelmente sêco e, quando o velho cântaro contendo vinho lhe chegou às mãos, ergueu-o à bôca e bebeu como os outros. Foi uma cena lamentável. Jamais o vira comportar-se dessa maneira nem acreditava que fôsse capaz disso. Sempre me surpreenderá de um modo ou de outro.

Quando lhes perguntou qual era o sentido do gesto da mulher grávida, os aldeões assumiram um ar misterioso e embaraçado, e não quiseram responder, contentando-se em rir estùpidamente.

No fim, deram-nos a entender que isso era por causa da terra lhes dar o vinho e o azeite. Verdadeiramente ridículo! Como se a terra pudesse saber o que se queria dela. "Fazemos sempre assim nesta época do ano", disseram êles. Um velho de longa barba manchada de vinho aproximou-se do príncipe e, inclinando para êle a cabeça, acrescentou com ar confiante: "Os nossos pais assim faziam. Por isso continuamos a fazê-lo do mesmo jeito".

Depois, levantaram-se todos e começaram dançando, pesada e rùsticamente, jovens e velhos, mesmo aquêle velhote que parecia já estar com os pés na cova. E os tocadores de gaita e de flauta assopraram em seus instrumentos, fabricados por êles próprios, e cujas notas eram tão poucas que as mesmas se repetiam incessantemente. Intrigava-me como o príncipe podia escutar essa música sem arte. Mas êle e Don Ricardo, que estava presente, claro, pareciam esquecer que se encontravam entre inimigos. Quando os camponeses começaram entoando suas melodias monótonas e melancólicas, os dois ou-

vintes não mais conseguiram sair de seus lugares. Só partiram ao cair da noite. Talvez se apercebessem, finalmente, que poderia haver grande perigo em permanecerem lá em cima nas montanhas quando a escuridão já se adensava.

"Que bela noitada!" diziam um ao outro, enquanto regressávamos ao acampamento. Don Ricardo, que sente a necessidade impulsiva de manifestar seu sentimentalismo a propósito de tudo, expandia-se em discursos enjoativos sôbre a beleza da paisagem (embora esta nada tivesse de atraente...), parando a cada instante para escutar de longe as gaitas e os cânticos dessa aldeia de velhas cabanas imundas, penduradas nas escarpas da montanha.

Foi nessa mesma noite que êle trouxe para a tenda do príncipe duas cortesãs da cidade, que tinham conseguido não sei como atravessar as nossas linhas para se insinuarem no acampamento, sem dúvida na esperança de receber melhor salário num lugar onde as de sua espécie escasseavam. "Além disso, é mais conveniente para uma mulher dormir com inimigos", declararam elas. No comêço, o príncipe pareceu chocado; supus que iria enfurecer-se, expulsá-las do acampamento e punir Don Ricardo por sua abominável impudência mas, para meu grande espanto, soltou uma gargalhada estrepitosa, sentou uma delas em seus joelhos e mandou servir seu vinho mais precioso. Ainda não estou em mim por causa das coisas a que tive de assistir nessa noite. Daria uma fortuna, se a tivesse, para não ter sido delas testemunha e escapar a essas repugnantes lembranças. E gostaria muito de saber como as duas mulheres conseguiram chegar até aqui. Mas as mulheres e, em especial, as de sua casta, são como ratazanas: róem todos os obstáculos. Estava prestes a me retirar para a tenda dos serviçais mas, desgraçadamente, fui forçado a ficar para servir não só meu amo e Don Ricardo mas também essas duas rameiras, que cheiravam a pomadas venezianas e a carne feminina — excessivamente gorda e requentada — estranha mistura que eu considerava bastante enjoativa.

Don Ricardo celebrou profusamente a beleza delas, sobretudo a de uma, extasiando-se a propósito dos olhos, dos cabelos e até das pernas, que êle fêz questão de mostrar ao príncipe, embora ela tentasse impedi-lo; mas, em seguida, vol-

tou-se para a outra e elogiou-a em idênticos têrmos lisonjeiros, para que não se sentisse menosprezada.

— Tôdas as mulheres são belas! — gritou êle. — São a origem da doçura da vida. Mas a mais encantadora de tôdas é a cortesã, que consagra sua vida ao amor e jamais lhe é infiel!

Don Ricardo comportava-se de maneira estúpida, com uma total ausência de tato. Nunca o supus capaz de tão grotesca palhaçada, apesar de o ter na conta do mais grotesco e vulgar dos homens.

Beberam muito vinho, o que os excitou pouco a pouco. Don Ricardo tornou-se sentimental até causar nojo, declamou uma porção de poemas irritantes sôbre o amor, sobretudo sonetos amorosos dedicados a uma mulher que se chamava Laura. As cortesãs tinham lágrimas nos olhos. Êle ria, a cabeça reclinada no regaço de uma, enquanto o príncipe pousara a sua nos joelhos da outra. As mundanas acariciavam-lhes ternamente os cabelos e soltavam suspiros ao ouvirem tais sensaborias. Don Ricardo escolhera a mais bonita. Não pude deixar de observar o modo curioso como o príncipe o olhava nesse momento e o olhou por diversas vêzes ao longo da noite, quando as duas doidivanas pareciam mais enfeitiçadas pelas palavras e gestos de Don Ricardo. As mulheres preferem sempre os homens insignificantes, pois êstes se lhes assemelham em quase tudo.

Mas, de súbito, Don Ricardo levantou-se e declarou que já bastava de denguices, que era hora de beber e gozar! Começou então uma orgia de vinho, de risos, de gracejos e gestos indecentes, de histórias picantes de uma tal crueza que me seria impossível repeti-las. Quando a festa atingiu o momento culminante, o príncipe ergueu sua taça e bebeu à saúde de Don Ricardo.

— Amanhã, tu serás o meu alferes porta-estandarte na batalha! — declarou êle.

Don Ricardo mostrou-se encantado com essa inesperada honra e seus olhos brilhavam quando exclamou:

— Espero que haja perigo! — E fêz uma pose marcial, estufando o peito, para mostrar sua bravura às mulheres.

— Talvez, talvez... Nunca se sabe, — respondeu o príncipe.

Don Ricardo tomou-lhe a mão e beijou-a com a humilde gratidão de um vassalo pelo seu suzerano.

— Meu querido príncipe, não esqueçais a promessa que me fizestes no meio de nossa louca alegria!

— Podes estar tranqüilo, Ricardo. Não esquecerei.

As cortesãs acharam essa pequena cena muito comovedora e seguiam-na com um olhar interessado. Mas seus olhos iam, de preferência, para aquêle que portaria o estandarte.

Após êsse *intermezzo,* continuaram sua repugnante orgia, cada vez mais escandalosa. Eu, forçado a ser testemunha, fiquei cheio de vergonha e nojo. Os pares abraçavam-se e beijavam-se, o rôsto congestionado, febris e arfantes de desejo. Senti náuseas. Após uma resistência simulada, as mulheres despojaram-se de suas roupas, expondo os seios nus. A mais bonita tinha sôbre uma das róseas mamas um sinal prêto que era impossível deixar de notar, embora fôsse pequeno. O aroma de seu corpo, quando me acerquei para servi-la, fêz com que meu coração batesse célere. A princesa tem êsse mesmo cheiro quando repousa pela manhã em seu leito, mas eu nunca me encontrara assim tão perto dela. Quando Don Ricardo agarrou os seios da cortesã, senti um tal nojo e ódio contra êsse homem que de boa vontade o estrangularia com minhas próprias mãos, ou com meu punhal, para fazer correr seu sangue libidinoso e impedi-lo de abraçar de nôvo qualquer mulher. Cheio de náuseas, fiquei paralisado onde estava, imerso numa perplexidade inominável e pensando que os homens eram, na verdade, criaturas bem repugnantes. Que todos êsses sêres abomináveis possam arder um dia nas chamas do inferno!

Don Ricardo, muito absorvido pela mais bonita, que não queria deixá-lo tranqüilo, teve por fim uma idéia idiota, como lhe acontecia com freqüência: propôs que os dados decidissem qual dêles ficaria com ela, se o príncipe ou se êle mesmo. Todos aprovaram, até o príncipe, e a mulher em jôgo soltou uma gargalhada, jogando para trás seu corpo nu, empolgada por ser o prêmio de semelhante duelo. Achei-a repugnante, não entendi como poderiam considerá-la bela e desejável, ao ponto de entrarem numa competição por um ganho tão desagradável. Era uma loura de tez clara, com grandes olhos azuis e muito peluda nos sovacos. Repugnava-me. Jamais consegui explicar

a mim próprio por que os sêres humanos tinham pêlos debaixo dos braços; a simples vista dêles me causava profundo mal-estar, sobretudo quando estão molhados de suor. Nós, os anões, não temos, achamo-los uma coisa suja e inconveniente. Se eu tivesse pêlos em algum outro lugar, além da cabeça, que é a parte do corpo destinada a ter cabelos, sentiria uma vergonha inexprimível.

Tive de ir buscar os dados. O príncipe lançou-os em primeiro lugar e teve um seis e um ás. O vencedor seria aquêle que primeiro atingisse cinqüenta pontos. Continuaram jogando, ora um ora outro, as mulheres debruçadas sôbre êles, vivamente interessadas no resultado. Comentavam as flutuações do jôgo com ditos indecentes, exclamações e gargalhadas. O príncipe ganhou e todos se levantaram, gritando e dando palmadas uns nos outros.

Os homens lançaram-se de pronto sôbre as mulheres, cada um à sua, arrancando-lhes as últimas roupas de um modo execrável e comportando-se de tal maneira que tive de precipitar-me para fora da tenda e vomitar o que tinha no estômago. Meu corpo estava gelado, a carne arrepiada como a de uma galinha recém-depenada. Tremendo todo, fui deitar-me sôbre um monte de feno, entre o cozinheiro e o horrível palafreneiro que cuida do cavalo do príncipe e me dá pontapés tôdas as manhãs, quando se levanta para ir à estrebaria. Não sei porquê. Só diz que nesse momento sente essa vontade. Vamos lá entender semelhante bruto.

Não consigo entender o amor. É execrável. Tudo o que presenciei nessa noite me inspira verdadeiro horror.

Sem dúvida, é porque sou de uma espécie mais fina, mais delicada e sensível, que reajo assim contra coisas que não parecem afetar os homens comuns. Não sei. Jamais experimentei o que êles chamam de amor nem estou particularmente interessado em provar. Certo dia, ofereceram-me uma anã, uma bonita mulher de pequenos olhos penetrantes como os meus, rosto enrugado e corpo semelhante a um velho pergaminho — exatamente o que deve ser uma criatura humana. Mas não despertou em mim qualquer sentimento, embora deva confessar que nada havia de repugnante em sua beleza, muito diferente da das outras. Acredito que a minha frieza proveio dela me ter sido apresentada pela princesa, que desejava o nosso conúbio

para ter um bebê-anão, de que morria de vontade nessa época. Isso aconteceu antes do nascimento de Angélica, quando a princesa não tinha ninguém com quem brincar. Parecia-lhe que um bebê-anão devia ser coisa deveras divertida. Mas não quis prestar-lhe êsse serviço nem aviltar a minha raça favorecendo tão humilhante projeto.

Aliás, a princesa enganava-se ao supor que lhe daríamos uma criança. Nós não geramos crianças, os anões; somos uma raça estéril por natureza. Não nos ocupamos em perpetuar a vida, nem mesmo temos desejo disso. A fecundidade, para nós, é inútil, pois os sêres humanos se encarregam de procriar anões. São essas orgulhosas criaturas que nos engendram e as dores de parto são as mesmas, quer seja dado à luz um anão ou um homem. Eis a razão da nossa esterilidade. Somos simples hóspedes de passagem. Velhos hóspedes encarquilhados, cuja visita dura, ininterrupta, há milhares de anos.

Mas estou me desviando demais do assunto. Não era isso que queria contar.

Na manhã seguinte, Don Ricardo foi, de fato, o porta-estandarte do príncipe. Falou-se muito dos incidentes da batalha relacionados com êsse episódio mas tenho minha opinião pessoal sôbre tudo isso e sôbre tudo o que talvez se escondia atrás dêsse fato. Diz-se que uma estranha ordem do príncipe expôs inùtilmente a vida de Don Ricardo, que em dado momento sua morte foi considerada inevitável, pois vira-se forçado a ocupar uma posição extremamente perigosa para a sua pequena tropa de cavaleiros. Afirma-se também que se bateu com extraordinária bravura, se bem que não acredite numa só palavra a tal respeito. Tendo reunido em tôrno do pendão do príncipe os poucos homens que lhe restavam, tê-lo-ia defendido contra fôrças inimigas muito superiores. Mas quando o perigo atingira o ponto culminante, o príncipe ter-se-ia precipitado em seu socorro, quer por não ser capaz de resistir à atração de um jôgo tão perigoso, quer por algum outro motivo. Seguido de alguns cavaleiros, teria caído sôbre os homens que acossavam Don Ricardo como se acorresse em ajuda do seu alferes. Mas, de súbito, seu cavalo teria recebido uma lançada nos peitos e caído. O príncipe teria caído de roldão por terra, no meio dos inimigos. Isso teria insuflado em Don Ricardo uma tão frenética bravura que conseguira, levando seus homens em seu

rastro, abrir uma passagem no cêrco de ferro e dêle sair; estimulado pelo desespêro e com a ajuda dos cavaleiros sobreviventes de meu amo e senhor, conseguira manter em xeque o inimigo até à chegada de reforços. Don Ricardo ficara coberto de ferimentos. Tendo compreendido, insinuava-se, que o príncipe queria a morte dêle, Don Ricardo salvara a vida de seu suzerano.

Êstes são os fatos em que não acredito. Parecem-me inverossímeis por diversas razões. Apenas os relato porque se ouve contar dessa maneira, por vêzes, os dramáticos acontecimentos dessa manhã. Meu ponto de vista, completamente diferente, assenta num conhecimento íntimo do caráter de Don Ricardo. Sim, conheço-o melhor do que ninguém. Não é homem capaz de tais feitos.

Os fatos são, evidentemente, coloridos pela opinião geral a respeito de Don Ricardo e por aquela que êle forjou sôbre si mesmo. Converteu-se numa espécie de lenda que não vale a pena analisar a fundo; êle encarnaria a bravura cavalheiresca e todos os seus atos seriam nobres e magnânimos. Esta crença baseia-se tão-só na inimitável arte que êle possui de fazer-se valer, de atrair as atenções. Sua ridícula vaidade ostenta-se em sua vida militar, como em tudo o resto. E a temeridade que nele admiram é apenas um reflexo de sua idiotice. Confunde-se coragem com estúpida teimosia.

Se êle é, verdadeiramente, de tão terrível bravura, se se expõe a todos os perigos possíveis, como pretende, então por que não foi morto? Eis uma boa pergunta. Ninguém o lamentaria. Eu não, pelo menos.

Parece que, desta vez, recebeu numerosos ferimentos. Pela parte que me toca, duvido. Nada de perigoso, é claro, simples arranhões. Em todo o caso, sua presença me foi poupada depois disso.

Por outra parte, acredito que êle tenha tido, verdadeiramente, a imprudência de ostentar, durante a batalha, as côres da princesa, côres que ela escolhera antes da nossa partida, em intenção de Don Ricardo. Levando-as em seu elmo, nessa manhã, combatia aos olhos de todos pela dama de seu coração. Quando defendia tão heròicamente o estandarte do príncipe, era em realidade por ela que lutava. Mal saído dos braços de outra, arvorava as côres de um grande amor apaixonado. Êsse

amor brilhava como uma bela e soberba flor sôbre sua viseira cavalheirescamente erguida, enquanto seu corpo ardia ainda de uma luxúria infiel. O amor humano é deveras misterioso. Tão enigmático que não se chega nunca a entendê-lo.

Misteriosas são também as relações entre êsses dois homens vinculados à mesma mulher. Haveria entre êles, a tal respeito, uma espécie de pacto secreto? Tenho por vêzes essa impressão. Teria Don Ricardo salvo, na verdade, a vida do príncipe, como se pretende? Não o creio. Mas seria capaz de fazê-lo por mera vaidade, para se vingar de um modo cavalheiresco do príncipe que desejara a sua morte e mostrar a todo o mundo a sua magnanimidade. Isso é mais admissível. E o príncipe, após ter desejado a morte de Don Ricardo, tencionaria realmente resgatá-lo, quando se lançou em seu auxílio? Não sei. Não entendo muito bem o que se passou. Poder-se-á amar e odiar simultâneamente a mesma pessoa?

Recordo-me de que, em certo momento da noite, o olhar do príncipe parecia augurar a morte. Mas lembro-me também de seus olhos sonhadores, úmidos, enquanto ouvia Don Ricardo declamar sôbre o amor, o grande amor inextinguível que de tal modo nos impregna de seu fogo que todo o nosso ser nêle é consumido. O amor seria, então, um belo poema desprovido de conteúdo, pelo menos, sem um conteúdo definido, mas que agrada ouvir quando é recitado com fervor e elegância de gesto? Isso não me parece impossível. Os homens são estranhos moedeiros falsos.

O que também me espanta é a conduta do príncipe com a cortesã nessa famosa noite de véspera. Sempre julguei que êle estivesse acima dessas coisas. Aliás, é um assunto que não me diz respeito. E estou habituado a que êle se mostre, sùbitamente, muito diferente do que eu imaginara. No dia seguinte, contei discretamente o que acontecera a um membro da côrte, exprimindo-lhe meu imenso espanto. Mas êle não o compartilhou comigo. O príncipe sempre tivera amantes, confiou-me o meu interlocutor, damas do palácio ou da cidade, por vêzes até mundanas de renome. Sua favorita atual era uma dama de honor da princesa, Fiammetta. Êle adora as mudanças, explicou-me o cortesão, rindo de minha ignorância.

Surpreende-me que isso tenha escapado à minha argúcia habitual. A admiração que nutro pelo meu amo certamente me cegou.

Pouco me importa que êle engane a princesa. Detesto-a e sinto-me feliz por sabê-la ludibriada. Aliás, é a Don Ricardo que ela ama. É a êle que envia seus escaldantes bilhetinhos amorosos que tenho de levar-lhe a contragosto. Desejo sinceramente que êle seja morto.

PAROU de chover, finalmente.

Quando hoje saímos da tenda, o sol brilhava e as montanhas circundantes recortavam-se nìtidamente contra o céu, embora impregnadas ainda de umidade. Por tôda a parte se ouvia correrem novos riachos. Era uma madrugada tonificante. O céu estava puro e diante de nós erguia-se, sôbre a colina, a velha cidade dêsses rufiões dos Montanza, de que já quase havíamos esquecido os contornos. Podia-se distinguir cada casa adentro dos muros, cada seteira da antiga fortaleza e até as pequenas cruzes douradas sôbre as igrejas e campanários. Tudo era mais nítido após a chuva. Pouco tempo falta para que essa cidade seja tomada e riscada da superfície da terra.

Todo o mundo se mostra contente de poder perambular no ar cristalino, todos estão reanimados pelo bom tempo e renasce o velho ardor belicoso. O desânimo desapareceu, só se percebe a vontade de combater. Equivoquei-me quando supus que a chuva poderia derrubar o moral de um exército. O seu efeito deprimente não sobrevive à derradeira gôta que tomba do céu.

Em redor das tendas reina grande animação. Os soldados afiam e dão lustro às suas armas, trocando gracejos. Os escudeiros esfregam as armaduras de seus senhores para dar-lhes polimento. Os cavalariços ocupam-se da alimentação dos cavalos, levam-nos a beber aos alegres regatos que correm por tôda a parte nas colinas cobertas de olivais. Todo o mundo se prepara para a batalha. O acampamento voltou a ser o que era. A guerra recuperou seu brilho e o aspecto de festa que melhor lhe representam. Tudo refulge e cintila ao sol, os belos uniformes dos soldados, as armaduras dos cavaleiros e os suntuosos arnezes de prata dos cavalos.

Observei demoradamente a cidade, meta da nossa expedição guerreira. Parece quase inexpugnável, com suas mura-

lhas e fortins. Mas não a tomaremos, graças à preciosa ajuda de Mestre Bernardo. Vi as novas catapultas e os potentes aríetes que êle inventou, seus engenhos de escalada e sua incomparável artilharia de cêrco: nenhuma fortaleza do mundo poderá resistir-lhe. Saberemos abrir caminho através de todos os obstáculos, reduzi-los a pó, talvez até perfurar uma passagem sob as muralhas, como Bernardo nos disse uma noite; lutaremos com tôdas as armas possíveis, tudo o que seu gênio maravilhoso criou e conseguiremos invadir a cidade, espalhando a morte e a destruição à nossa volta. Ela será incendiada, devastada, riscada da superfície do globo, como uma clareira de troncos retorcidos e calcinados no lugar onde havia uma floresta em chamas.

Não ficará pedra sôbre pedra. E sua população de ladrões, bandoleiros e rufiões receberá, finalmente, a justa punição. Os habitantes serão exterminados ou postos a ferros. Do antigo poderio dos Montanza só restará, como lembrança, um montão de ruínas fumegantes. Estou convencido de que o príncipe tratará duramente o seu inimigo hereditário. E não ouso imaginar sequer como se comportarão as tropas de Boccarossa. Será uma vitória final, decisiva.

Mas, primeiramente, é imperioso reduzir ao silêncio as fôrças que se encontram entre nós e a cidade. É fácil verificar que elas aumentaram muito, como eu previra. Alguns dizem que é um poderoso exército, quase tão importante quanto o nosso, incluindo os soldados de Boccarossa. Parece-me um exagêro. Estende-se por um espaço mais vasto do que antes, é certo, mas chamá-lo imenso é, em minha opinião, deixar-se impressionar pelo inimigo. O príncipe ficou taciturno quando o observou à distância, mal o sol despontara; mas, depois, pareceu-me alegremente excitado ao pensar no ajuste de contas que não tardaria e, é claro, à idéia da bela confusão que estava prestes a desencadear-se. É um autêntico soldado. Nem por um instante duvida da vitória e, tanto quanto eu saiba, com os demais capitães acontece o mesmo.

Será muito divertido participar no assalto a uma cidade. Até hoje, nunca se me proporcionou tal oportunidade.

Estou sentado no meu lugar habitual, nos aposentos dos anões, diante da escrivaninha que faz parte do mobiliário e que, adaptada ao meu tamanho, é muito cômoda para escrever. Vou continuar o relato dos extraordinários e fatídicos acontecimentos em que estou imiscuído. Talvez suscitem espanto, mas uma simples explicação os esclarecerá depressa.

Vencemos a batalha. Sabíamo-lo antecipadamente, assim como sabíamos que acarretaria perdas sensíveis. Houve de ambos os lados um considerável número de baixas, maior nas hostes inimigas, sem dúvida. Daqui em diante, ser-lhes-á muito difícil resistir. Mesmo do nosso lado, como já se disse, muito sangue foi derramado, sobretudo no segundo dia. Mas que utilidade teriam os soldados, se não nos servíssemos dêles? Além disso, as perdas não foram tão grandes quanto se diz.

Estamos de regresso ao palácio, porque o príncipe tinha de voltar para organizar as fôrças necessárias à conclusão gloriosa da guerra. E também, segundo as informações que pude colhêr, para angariar os fundos necessários. Consta que o príncipe iniciou negociações com o Senhorio de Veneza. Êsses mercadores certamente possuem mais dinheiro do que precisam e o negócio será decidido sem tardança. Voltaremos então ao campo de batalha.

Diz-se que Boccarossa e suas tropas exigem um sôldo mais elevado e queixam-se de que não lhes foi pago o combinado. Podem-nos causar grandes embaraços. Eu não esperava vê-los encarar com tamanha insensibilidade êsse aspecto da guerra, pois ninguém evidenciou na peleja mais heroísmo e temeridade do que êles. Acreditava que amavam a guerra pela guerra, como é o meu caso. Mas talvez não se deva exigir dos homens tanto desinterêsse. Talvez seja natural que essa gente queira ser paga. Pois bem, terão seu dinheiro.

Fala-se ainda de outras divergências entre o príncipe e êles — mas fala-se tanta coisa! Quando um exército sofre pesadas perdas e nem tudo corre como se queria, um certo descontentamento é quase inevitável. Não tendo o resultado da expedição satisfeito ninguém, todo o mundo está exausto e de cada lado se menoscaba as perdas do vizinho. Os soldados de Boccarossa adoram bater-se, mas talvez não o façam para cumprir os ambiciosos desígnios do príncipe. É provável

que seus pensamentos não cheguem tão longe. Mas tudo isso são questões passageiras sem maior importância.

Aliás, pouco ou nada me interesso por tudo isso... e ainda menos, se possível, pelos pormenores econômicos ligados a uma coisa como a guerra. Não vou perder tempo com semelhantes questões. Tudo se arranjará depressa.

Voltar à casa é bastante cacête. A vida parece tão insignificante, tão vazia, quando se retorna do campo de batalha. O tempo se arrasta, não se sabe que fazer, as energias como que ficam paralisadas. Mas é apenas uma questão de dias. Breve regressaremos onde a luta nos chama.

As pessoas daqui são verdadeiramente esquisitas. Refiro-me aos lacaios do paço e outros que não participaram da campanha. Não suspeitam sequer do que aconteceu, dir-se-ia ignorarem até que o país está em guerra. Quando me vêem em minha armadura, parecem surpreendidos, como se não soubessem ser êsse o trajo na frente de batalha. Na verdade, é impossível usar outros em campanha: seria expormo-nos à morte certa. Dizem que não existe perigo aqui. Olha a novidade! Mas estamos em guerra, não? E eu vou retornar à luta. Aguardo de um momento para outro a ordem de partida do príncipe e tenho de estar preparado. Por isso me conservo armado dos pés à cabeça. Mas essa gente não pode compreender o meu zêlo.

Desconhecendo a guerra por experiência pessoal, são incapazes de imaginá-la. Se tentamos dar-lhes uma ligeira impressão da vida guerreira e seus perigos, fazem uma cara estùpidamente incrédula e não conseguem dissimular sua secreta inveja. Procuram demonstrar que estive metido em menos coisas do que pretendo afirmar, que não tive parte ativa nos combates que descrevo. Como é fácil adivinhar ser a inveja o que os leva a falar assim! Então não tive participação ativa, heim? Êles não sabem que, em sua baínha, a minha espada ainda goteja sangue, depois da última batalha. Não a exibo porque não suporto as gabarolices que florescem entre os soldados e de que Don Ricardo é o grande mestre. Contento-me em pousar a mão no punho da espada e seguir tranqüilamente adiante.

Aconteceu que, durante a grande batalha de dois dias, fomos forçados a ocupar uma colina entre nosso flanco direito

e a cidade. Isso nos custou caro, mas nossa posição estratégica melhorou bastante. O príncipe dirigiu-se logo ao alto da colina para avaliar as possibilidades que nos eram oferecidas pela nossa nova conquista e, naturalmente, acompanhei-o. Existia nesse lugar uma residência de verão fortificada que pertencia a Ludovico, esplêndidamente situada, com ciprestes e salgueiros a tôda a volta. Explorei o castelo na companhia de quatro soldados, para me assegurar de que aí não se escondia qualquer inimigo que pudesse surpreender e ameaçar a pessoa augusta do nosso príncipe. Mas só encontramos alguns velhos servos, deixados para trás por causa de sua debilidade, e o príncipe ordenou que não se lhes fizesse mal. Desci, contudo, aos subterrâneos, que ninguém pensara em rebuscar, embora possam servir de excelente esconderijo. Dei de cara com um anão que fazia parte, evidentemente, da côrte de Ludovico — êle tinha a seu serviço numerosos anões — e que, por algum motivo, também fôra deixado para trás com os velhos. Tomado de pavor ao ver-me, refugiou-se num escuro corredor. Bem que eu gritei: "Pare!". Mas qual de parar nem meio parar, o que me fêz supor que suas intenções não deviam ser as mais puras. Não podia saber se êle estava armado ou não e a perseguição ao longo da galeria estreita e sinuosa foi deveras impressionante. Por fim, entrou furtivamente numa sala onde havia uma saída de que êle esperava tirar proveito mas, prevendo a manobra, precipitei-me célere para êle antes que pudesse alcançar a porta. Viu-se perdido e gemia lamentosamente. Persegui-o ao longo das paredes como se caça um rato, na certeza de que não poderia me escapar. Finalmente, bloqueei-o num canto e traspassei-o com a espada. Êle não tinha armadura nem nenhuma das coisas que se usa num campo de batalha; estava apenas vestido com um gibão absurdo de veludo azul, com rendas e bufos em redor do pescoço, como uma criança. Deixando-o onde êle jazia, retornei à luz do dia e ao campo da batalha.

Se conto isto, não é porque considere a minha ação muito notável. Uma simples bagatela, um incidente banal em tempo de guerra. Não fiquei vaidoso com o meu feito. Cumpri apenas meu dever de soldado. Ninguém tomou conhecimento, o príncipe ou qualquer outra pessoa. Ninguém suspeita de que a

minha espada manchada de sangue constituirá para mim uma recordação do papel que desempenhei nesta campanha.

Lamento, porém, que minha vítima fôsse um anão. Preferia ter abatido um dêsses sêres humanos que odeio. A perseguição teria sido mais excitante. Mas eu também odeio a minha própria raça. E, durante a luta, sobretudo quando desferi o golpe mortal, senti uma estranha exaltação, como se cumprisse o rito de uma religião que me fôsse desconhecida. Já tivera a mesma impressão ao estrangular Josafá, um desejo irresistível de aniquilar minha própria tribo. Por quê? Não sei. Não entendo. Será êsse meu destino: querer exterminar meus semelhantes?

Êle tinha a voz aguda de castrado, peculiar a todos os anões, e isso me irritou sobremodo. Minha voz é baixa e grave.

É uma raça desprezível e desprezada.

Por que não se parecerão comigo?

A PRINCESA tentou esta manhã falar de amor comigo. Mostrou-se muito sentimental e choramingas, ignoro porquê, mas teria excelentes razões para sê-lo se tivesse conhecimento de certas coisas. Mudando sùbitamente de atitude, com sua habitual versatilidade, pôs-se a gracejar sôbre o mesmo assunto. Sentada diante do espelho, enquanto sua camareira lhe penteava os longos cabelos, ela saltava do tom galhofeiro ao tom sério e dêste àquele com desconcertante ligeireza, numa espécie de conversa que eu reputava muito desagradável e inoportuna. Queria, a todo o custo, fazer-me falar. Eu mantinha-me em prudente reserva. Ela insistiu. Seria que eu nunca tivera uma aventurazinha amorosa? Neguei, com a mais lúgubre expressão do mundo. A princesa pareceu espantada, não queria acreditar e, cada vez mais insistente, bombardeou-me de perguntas. Para fugir a essa discussão, acabei por declarar que se alguma vez chegasse a amar alguém, seria um homem o alvo de meu afeto. A princesa voltou-se de chôfre para mim, olhou-me atentamente e soltou uma estrepitosa gargalhada. A camareira compartilhou de bom grado da alegria de sua ama.

— Um homem, heim? — gritou a princesa em tom provocante, como se nas minhas palavras existisse algo extremamente cômico. — Um homem! E qual, então? Vá, diz-nos qual. Talvez Boccarossa...

Neste ponto, as duas mulheres soltaram risadas agudas. Corei, pois não pensara em Boccarossa, mas elas pareciam achar que o meu rubor tornava a cena ainda mais picante.

Por minha parte, nada via de cômico em tudo isso. Decidi, pois, arvorar uma postura fria e de superior desprêzo. O riso é feio, desfigura uma pessoa. A vista de uma bôca escancarando-se bruscamente e descobrindo as gengivas vermelhas causa-me desagradável impressão. E que posso eu fazer, se sinto por Boccarossa uma veemente admiração, um sentimento em que entra, talvez, um pouco de calor? Vejo nêle um homem, em tôda a fôrça da palavra.

O que sobretudo me vexou foi a dama de companhia rir também — e de maneira muito mais vulgar do que a Senhora. Suporto fàcilmente as troças da princesa — embora tenha vontade, amiúde, de obrigá-la a mudar de tom, de responder às suas perguntas com a maior solenidade e de fazê-la aprender o que é verdadeiramente o amor. Suporto suas troças, repito, porque ela é a minha senhora e ama, de sangue nobre. Mas a camareira sempre foi insolente comigo, tentando fazer humor à minha custa, irritando-me porque não posso abrir certas portas do palácio. Que tem ela a ver com o meu tamanho? É uma campônia metida a esnobe que merecia um par de chicotadas.

É naturalíssimo que eu admire Boccarossa. Também sou de temperamento guerreiro.

Os dias passam e nós esperamos, sem saber o que fazer. Ontem levei uma mensagem a Mestre Bernardo. Continua no Convento de Santa Cruz, onde trabalha em seu quadro da Ceia. Muitas vêzes perguntei a mim próprio por que não teria êle nos acompanhado na guerra, que era a única maneira de que dispunha para ver com seus próprios olhos funcionarem suas maravilhosas máquinas. Desconfio que êle se contenta em inventá-las. Eu supunha que Bernardo se sentiria feliz por ob-

servar seus devastadores efeitos. E, além disso, no campo de batalha não faltaram cadáveres para dissecar, o que lhe teria dado uma oportunidade de obter grandes progressos científicos.

Encontrei-o absorto na contemplação de sua obra-prima, tão absorto que nem se apercebeu da minha chegada. Quando ergueu os olhos, sua expressão parecia bem longínqua. Não deu atenção à minha armadura, embora nunca me tivesse visto antes com ela. Certamente a observou mas não manifestou qualquer indício de espanto ou interêsse.

— Que queres de mim, pequeno gnomo? — indagou em tom afável.

Entreguei-lhe a mensagem, apesar da irritação que me inspirava o seu modo de falar. E saí logo, pois não tinha motivo algum para ali permanecer. Lancei uma rápida olhada para seu quadro e notei, com surprêsa, que estava mais ou menos no mesmo ponto em que o vira a última vez. Mestre Bernardo jamais termina uma coisa. Como poderia ter passado todo êsse tempo sem fazer nada, apenas ruminando?

Não me fêz perguntas sôbre a guerra, muito embora soubesse que eu viera do campo de batalha. Tenho a impressão de que isso o deixa completamente indiferente.

A Senhoria veneziana recusou-nos um nôvo empréstimo de dinheiro! O emissário declarou que não nos emprestaria nem mais um real. É incrível! É inteiramente incompreensível! Acham êles que a guerra está correndo mal. Mal, vejam só! Mal, quando não fizemos outra coisa senão acumular sucessivas vitórias. Penetramos profundamente em território inimigo, até às portas de sua capital, estamos prestes a capturá-la para recolher os frutos de nosso extraordinário triunfo, e vêm êsses mercadores dizer-nos que a guerra está feia. E era neste momento culminante que nos veríamos coagidos a sustar a nossa arremetida! Quando a cidade está ao nosso alcance, esperando ser tomada, demolida, queimada, riscada da superfície da terra. É de enlouquecer! Recuso-me a acreditar em semelhante coisa. Êsses mercadores imundos iriam barrar-nos o caminho da vitória final? Simplesmente, para não soltar seu desprezível di-

nheiro? Não, é impossível! Isso seria a mais abominável das ignomínias.

É imperioso que o príncipe descubra um meio de se livrar de apuros. Certamente o descobrirá. Uma grande e gloriosa guerra não pode ser entravada por uma coisa tão mesquinha como o dinheiro. Isso está fora de questão.

O palácio é um formigueiro de emissários estrangeiros, generais, conselheiros, escudeiros, eu sei lá. Estafetas a cavalo fazem ponte entre o paço e a frente de batalha, num vaivém constante. Estou louco de excitação.

Os mercenários de Boccarossa se recusam a lutar! Reclamam o sôldo, primeiro o que lhes era devido e, doravante, querem receber o dôbro. Não podendo arranjar dinheiro, o príncipe procura seduzi-los com a perspectiva de saque da capital inimiga, que será uma rica prêsa. Êles respondem não saber se a cidade será verdadeiramente conquistada. Jamais o fôra até hoje. Será preciso começar por destruir o exército de Il Toro e depois encarar a eventualidade de um prolongado e enervante cêrco. Ora, os mercenários não gostam de cêrcos, que consideram um modo bastante monótono de fazer a guerra. Durante o cêrco, nada há para saquear. Além disso, os homens de Boccarossa sofreram pesadas baixas, bem maiores do que tinham previsto. Isso os desalenta. Gostam de matar mas nenhuma vontade têm de ser mortos, pelo menos, a trôco de tão mísero sôldo. À maneira como exprimem suas opiniões falta completamente o tom cortês e o verniz diplomático.

Que irá acontecer agora? Qual será o desfecho de tudo isto?

Oh, o príncipe encontrará uma solução, sem dúvida, graças à sua diabólica astúcia. Êle adora os obstáculos, que lhe dão aso a manifestar sua grandeza. E o nosso exército, o nosso invencível exército, continua acampado à sombra das muralhas da capital dos Montanza. Não o esqueçamos.

A guerra vai acabar! Nossas tropas vão regressar ao país e tudo acabará! É o fim.

Devo estar sonhando. É um pesadelo, por certo. A realidade não pode ser essa. Despertemos e constatemos depressa que tudo não passa de um horrível sonho.

Não, é verdade. É verdade! Uma incompreensível e amarga verdade. Levo as mãos à cabeça, recuso-me a crer.

A ganância, a infâmia, a traição, todo um amálgama de baixezas humanas se apossou dos nossos heróicos soldados, arrancando-lhes das mãos suas armas vitoriosas. Essas tropas invencíveis, cujo poderio ameaça as portas do inimigo, vêem-se forçadas a bater em retirada sem usar suas armas, a voltar para casa, traídas, abandonadas, quando seu único desejo era vencer ou morrer.

A nossa grande guerra, a mais gloriosa de tôda a nossa história, vai assim acabar!

A cólera e a dor me paralisam. Jamais me senti tão emocionado, jamais soube, em tôda a minha vida, o que era êste sentimento de vergonha que me emudece. O azedume, a frustração e o furor fervilham em meu íntimo. E continuo como que petrificado, sinto-me totalmente impotente. Como poderia modificar o curso dos acontecimentos? Sustar a marcha dêste sinistro drama? Nada posso fazer. Nada.

Acabou. Tudo acabou. É o fim.

Quando tomei conhecimento das notícias, cujo sentido só com muito esfôrço consegui entender, esquivei-me para os aposentos dos anões. Quis ficar só comigo mesmo. Temi não conseguir dominar meus sentimentos, entregar-me a emoções e impulsos indignos de um homem. Mal entrei em meu pequeno quarto sombrio e nu, senti-me sacudido por violentos soluços. Não pude continuar retendo as lágrimas. Em minha fúria impotente, apertava os punhos contra os olhos e chorava, chorava...

O PRÍNCIPE está recolhido em seus aposentos privados e não recebe ninguém. Aí faz suas refeições. Sou eu quem lhas serve e sou, com o criado que lhas traz, a única pessoa que o vê. Parece inteiramente tranqüilo. Mas não é fácil advinhar o que se passa sob essa máscara pálida. Emoldurado em sua barba negra, o rosto é de uma brancura de giz. O

olhar inquieto parece nada ver. Mal se apercebe de minha presença e nenhuma palavra sai de seus lábios finos e descorados. O infeliz mordomo tem mêdo dêle, mas não passa de um poltrão.

Quando soube que os venezianos tinham rejeitado seu pedido de empréstimo, que essa maldita república de mercadores queria impedi-lo de prosseguir a guerra, o príncipe teve uma verdadeira crise de raiva. Nunca o vira em tal estado. Êle espumava, literalmente. Era uma cena deveras assustadora. Fora de si, desembainhou o punhal e cravou-o violentamente no tampo da mesa, quase até ao punho. Se os desprezíveis mercadores tivessem sido testemunhas dêsse espetáculo, aposto que se apressariam a soltar o dinheiro em cima da mesa.

O que mais o contraria é não ter tido oportunidade de utilizar as máquinas geniais de Mestre Bernardo. Nesse preciso momento, teriam mostrado sua verdadeira função. Êle está convencido de que, com tais engenhos, evitaríamos o cêrco clássico, teríamos conquistado logo a cidade e precipitado a vitória final. Que, afinal de contas, não obtivemos!

Sua crise de furor me encantou. Mas logo pensei que êle talvez não fôsse um homem tão forte quanto eu supunha. Por que depende tanto dos outros? E mesmo de uma coisa tão vil e repugnante como o dinheiro? Por que não lançou seu invencível exército contra a cidade? Os exércitos não foram feitos para combater?

Limito-me a formular as perguntas. Não sou estrategista, não entendo a fundo a arte da guerra. Mas por isso mesmo a nossa sorte ainda enche mais de dor e espanto o meu coração.

Retirei minha armadura. Com uma nostalgia amarga, pendurei-a no quarto. Suspensa de um prego, tem o ar de um boneco desarticulado e inútil. Está humilhada. Desonrada.

Em breve se completarão quatro semanas de paz reinante. Uma atmosfera lúgubre envolve o paço, a cidade, o país inteiro.

É estranho observar até que ponto o desânimo e o mal-estar se desenvolvem durante um período de paz prolongada;

já se nota que o ar está mais denso, torna-se irrespirável, como se exalasse vapôres deprimentes para todos os nossos sentidos. Os soldados licenciados mostram-se descontentes, nada lhes agrada; os que ficaram em casa tornam-se mordazes a respeito daqueles, talvez porque a guerra não teve o desfecho desejado e lhes atribuam a culpa do desastre. A vida cotidiana segue seu curso monótono e arrastado, sem qualquer finalidade. Tôda a esperança jubilosa que a guerra acarreta se dissipou em pouco tempo.

A côrte parece moribunda. Ninguém entra ou sai pelo portão nobre do paço, salvo os que aí residem. Aliás, servimo-nos mais freqüentemente das outras portas. Nenhum estrangeiro de visita, nenhum hóspede é anunciado. Os salões permanecem vazios, os próprios cortesãos escassamente se mostram. Raramente se encontra um dêles nos corredores e ante-salas. O eco das escadarias apenas reflete passos solitários. Tudo isso produz a impressão algo fantasmagórica de um castelo abandonado. E em seus aposentos, o príncipe passeia de um lado para outro, absorto em suas tristes cogitações, ou senta-se à mesa que o seu punhal marcou com uma chaga. Sombrio e ameaçador, fixa vagamente o espaço, refervendo em não sei que pensamentos.

É um período deprimente. O dia arrasta-se a custo até ao cair das trevas.

Sobra-me tempo para escrever, para narrar minhas experiências e confiar ao papel minhas reflexões, mas não tenho vontade. Passo a maior parte do tempo sentado à janela, vendo correr o rio pardacento sob as muralhas do castelo, que espelham nas águas como que nódoas de fel.

O mesmo rio que, certo dia, no país de Il Toro, foi testemunha da nossa magnífica vitória!

NÃO, não, é monstruoso! É mais incrível do que tudo o que aconteceu durante êste período terrível! A terra vacila sob meus pés, perdi a confiança em tudo!

Poder-se-á conceber semelhante coisa? O príncipe é de opinião de que a Casa Montanza e a sua devem se reconciliar

e assinar um pacto, jurando que nunca mais se guerrearão. Vão pôr fim à sua perpétua luta, comprometer-se solenemente a manter uma paz eterna entre os dois principados. Jamais voltarão a pegar em armas um contra o outro. Segundo parece, Il Toro, furioso com a recente invasão do seu território, teria principiado por rejeitar semelhante pacto. Mas o príncipe insistiu com veemência. Por que continuariam os nossos povos a entredestruir-se? Que vantagem havia em tôdas essas guerras insensatas? Vinham-se batendo há dois séculos sem que nenhum conseguisse obter sôbre o outro uma vitória definitiva, de modo que as duas partes saíam perdendo igualmente dessa eterna guerra. Esta só nos trouxera miséria e fome. Não era preferível viver em paz, numa compreensão mútua, a fim de que os dois países pudessem tornar-se florescentes e felizes, como sempre deviam ter sido? Ludovico, diz-se, acabou escutando as propostas do príncipe e achou-as interessantes. Acaba de responder que as aceita e que virá à nossa capital, a convite do príncipe, para negociar uma paz duradoura e estar presente na assinatura solene do tratado.

Acho que o mundo enlouqueceu. Paz eterna! Fim à guerra! Que bobagem, que infantilidade! Imaginarão êles que podem mudar a seu bel-prazer a ordem do universo? Que presunção! E que infidelidade ao passado, às grandes tradições. O fim das guerras! O sangue deixará de correr, a glória e o heroísmo entram no rol das ninharias. As trombetas de prata não mais soarão e os cavaleiros nunca mais galoparão à carga, de lança em riste. As tropas não mais encontrarão morte heróica nos campos de batalha. Será que nada se opõe ao orgulho e à presunção desmesurada da humanidade? Nenhum Boccarossa, picado de varíola, mandíbulas apertadas, desembainhará seu montante para mostrar a esta raça quem são seus verdadeiros amos? Desmoronar-se-ão assim os próprios alicerces da vida?

Uma reconciliação! Será possível imaginar coisa mais vergonhosa? Uma reconciliação com seu inimigo mortal. Que perversidade, que repugnante artifício! E que humilhação, que aviltamento para todos nós! Para o nosso exército, para os nossos mortos. Ter-se-ão os nossos heróis imolado em vão? Só êste pensamento já me causa horror.

Era nisso, então, que cogitava o príncipe! Era êsse o tema de suas meditações, que tanto me haviam intrigado. Agora está de melhor humor, já começa a poder manter uma conversa, como de costume. Parece até reanimado e muito contente. Por certo imagina que teve uma brilhante inspiração, uma idéia grandiosa.

Não há palavras para exprimir meu ilimitado desprêzo. A fé que eu tinha em meu senhor sofreu um golpe de que nunca se restabelecerá. A meus olhos, caiu no mais baixo que um príncipe pode cair. A paz eterna! Fim às guerras! Nada mais do que paz, só paz. Francamente, não é nada fácil ser o anão de semelhante senhor.

TODO o palácio está alvoroçado, numa roda-viva febril, por causa dessa recepção idiota. Vêem-se baldes e esfregões por todo o lado, montões de lixo e uma poeira que nos penetra na garganta quando os lançam pelas janelas. Dos sótãos baixam antigas tapeçarias que são desenroladas nos assoalhos e onde se representam cenas idílicas e amorosas. Elas serão penduradas nas paredes para embelezar a vergonhosa festa de reconciliação. Aposentos que não serviam há muitos anos são restaurados, os servos e camareiros correm como doidos para cá e para lá, pois o tempo corre. O estúpido projeto do príncipe desagrada ainda mais a todos por causa da sua execução — que exige trabalho e esforços a que estavam desacostumados. Limpa-se também o palácio Geraldi, onde será instalado o séquito de Ludovico. Diz-se que, depois da passagem por lá de Boccarossa, o belo palácio mais parece uma pocilga. Enchem-se os celeiros de mantimentos: centenas de bois, vitelos e carneiros que o pobre povo foi obrigado a entregar ao intendente-geral, além dos cereais e uma porção descomunal de aveia para alimentar os cavalos. Como é natural, o descontentamento lavra em todo o país. Creio que, se pudessem, os seus vassalos revoltar-se-iam contra o príncipe, por causa dessa estúpida idéia da "festa da paz". Matam-se veados no parque, fazem-se armadilhas para os faisões e as lebres, caçam-se javalis nos montados; os falcoeiros da côrte trazem às cozinhas codornizes, pombos e perdizes; tateia-se a

carne dos leitões para ver se estão bastante gordos: escolhem-se os melhores pavões — tudo isso nos preparativos do grande banquete que se realizará por êstes dias. O príncipe e a princesa, assim como os nobres da cidade, encomendaram suntuosos trajos em custosos tecidos de Veneza — para isso obtiveram créditos, mas não para continuar a guerra! — os alfaiates entram e saem para contínuas provas e emendas. Erguem-se arcos triunfais diante do palácio e ao longo das ruas por onde passarão Ludovico e seu séquito. Construiu-se um andaime diante do portão nobre e no átrio, onde os operários se atarefam pregando os tapêtes que ornamentarão as janelas. Os músicos ensaiam suas peças de manhã à noite, os poetas da côrte compõem alguma idiotice que será representada na grande sala do trono. Todo o mundo está ocupado nos preparativos dessa estúpida festa. Não se fala de outra coisa. A côrte está em efervescência, a desordem reina por tôda a parte, é impossível andar sem que se tropece em alguma coisa ou se esbarre com alguém. Todos os objetos estão fora de seus lugares. É um vaivém indescritível.

Receio estar prestes a ter uma explosão de cólera.

O INIMIGO chegou à nossa capital, decorada em sua honra como eu jamais a vira antes. Ludovico e sua caterva de filhos foram precedidos por trinta trombeteiros e flautistas a cavalo, escoltados por uma guarda de cavaleiros trajando verde e negro, lanças erguidas, e seguidas por uma companhia de fidalgos e gente d'algo meticulosamente escolhidos. Em último lugar, desfilaram duzentos archeiros, também a cavalo. Ludovico montava um alasão negro, com sela de veludo verde escuro bordada a fio de prata e arnês também de prata. O palafreneiro acompanhava-o a pé, mão na rédea. Il Toro foi saudado pelas aclamações do povo. O povo ovaciona sempre, quando lhe ordenam que o faça, não importa quem. De momento, imagina-se encantado com a perspectiva de uma paz eterna. Três arautos que o príncipe enviara à frente de Ludovico anunciaram sua chegada e os propósitos da visita, enquanto os sinos de tôdas as igrejas começavam repicando. Nossa degradação não poderia ser iniciada de modo mais bri-

lhante. Os convidados foram saudados, inclusive, por salvas de bombardas, disparadas contra o céu vazio desde o alto das ameias do castelo. Em minha opinião, as bombardas deviam ter sido apontadas e disparadas contra a corja visitante. O cavalo do jovem príncipe assustou-se, mesmo assim, com a barulheira infernal ou alguma outra coisa, e por pouco o cavaleiro não foi derrubado da sela; mas depressa dominou sua montada e prosseguiu seu caminho, o rosto muito afogueado. Tem um ar infantil, por certo não contará mais de dezessete anos. Embora o acidente tenha sido evitado, o povo indagava em silêncio se não teria sido isso um funesto presságio. Nas circunstâncias solenes, o povo está sempre à espreita de agouros; ora, êsse foi o único incidente que tentou o exercício de tais perspicácias.

Chegado ao terreiro do paço, Ludovico desmontou e o príncipe desejou-lhe as boas-vindas num discurso pomposo e grandiloqüente. O nosso inimigo era um homenzinho atarracado e troncudo, bochechas lisas e riscadas de vermelho, à fôrça de sangüíneas, e um impressionante pescoço taurino. A barba rala, que não chegava às maçãs do rosto, desfavorece-lhe a fisionomia que, não fôra isso, podia ser considerada muito bela. Seus olhos cinzentos e penetrantes esforçam-se por adquirir uma expressão amável, mas não é bom confiar nêles. Todos nós sabemos que Il Toro é um velhaco. Parece fogoso e sempre disposto a bater-se por um sim ou um não.

O dia foi ocupado pelas cerimônias de recepção, as refeições e as entrevistas relativas ao tratado entre os dois Estados, cujas estranhas cláusulas e a redação final serão discutidas. Esta noite realizou-se uma representação teatral, um auto em latim extremamente cacête, de que não entendi uma só palavra, o que, aliás, foi o caso geral. Mas, em seguida, representou-se em linguagem vulgar uma farsa que todo o mundo entendeu muito melhor. Suas grosserias e cruezas divertiam os espectadores de um modo ruidoso. Achei aquilo indecente.

Por hoje acabou. Estou sòzinho em minha mansarda e felicito-me por isso. Nada me dá maior satisfação do que minha tão cara solidão. Felizmente, os aposentos dos anões têm um teto demasiado baixo, senão seriam capazes de alojar também aqui alguns convidados! Perspectiva aterradora.

Acham belo o jovem príncipe. Então não saiu ao pai. Quando entrou na cidade à sua ilharga, trajando roupa de veludo azul, condizendo com os jaezes de sua montada, todo o mundo murmurou que o rapaz era bonito. Sim, é possível. Eu o acho efeminado, com os olhos de gazela, longos cabelos prêtos e tez delicada que se ruboriza por dá cá aquela palha. Talvez eu esteja errado, mas não consigo apreciar êsse tipo físico. Em minha opinião, um homem deve ter aspecto de homem. O môço assemelha-se, sem dúvida, à sua mãe, a bela Beatrice tão celebrada, que devia ser extremamente bonita e, diz-se, deve já estar no Paraíso, embora só esteja morta há dez anos.

Esta tarde, voltei a encontrar o jovem príncipe no roseiral, na companhia de Angélica. E, momentos depois, vi-os passeando pela margem do rio e jogando migalhas de pão aos cisnes. Das duas vêzes notei que conversavam; não entendo o que o nosso convidado possa ter a dizer a uma donzela tão estúpida. Êle por certo não se apercebeu ainda de quanto Angélica é feia, senão já teria se esquivado à companhia dela.

Don Ricardo participa em tudo, naturalmente; imiscui-se em tôdas as cerimônias, procura ficar em destaque e não perde ocasião para tornar-se saliente, como é seu hábito. Seus ferimentos já sararam. Não ficou vestígio algum dêles, salvo o braço que se movimenta com certa dificuldade. A história do seu heroísmo parou aí.

COMPLETAM-SE hoje três dias desde que o inimigo chegou à nossa cidade. Os festejos em sua honra prosseguem sem interrupção, sem um momento de descanso. Ontem à noite senti-me fatigado demais para anotar qualquer coisa; escrevo agora algumas linhas pela manhã, simples apontamentos sôbre os incidentes da véspera e as minhas próprias impressões. Os dois príncipes saíram do castelo antes do sol nascer e passaram muitas horas caçando com falcão nos prados a oeste da cidade. Êsse gênero de caçada interessa imenso a Ludovico e o príncipe possui uma bela coleção de falcões, entre outros, algumas espécies raras que lhe foram oferecidas pelo rei de França e de que êle gosta de exibir as proezas a seus hóspedes. Es-

tiveram, em seguida, num banquete que durou várias horas e assistiram, depois, a um concêrto que também fui obrigado a ouvir, embora tenha verdadeiro horror à música. Seguiram-se danças mouriscas, jogos malabaristas que provocaram grande admiração e que, em meu entender, foi a única parte do espetáculo que mereceu a pena apreciar. Após nova refeição, que se prolongou noite adentro, foi representada uma vergonhosa pantomima, com os homens e mulheres usando roupas tão coladas ao corpo que pareciam nus. A essa hora tardia, a maior parte dos circunstantes já atingira o último grau de embriaguez. O programa do dia assim terminou e pude, enfim, correr para minha cama, onde caí adormecido no mesmo instante, completamente exausto.

O príncipe mostrou-se o tempo todo de excelente humor, amável e charmoso como nunca o vira. Não sabe que mais fazer para agradar aos hóspedes, cerca-os de tais atenções e desvelos que até enjoa. Só de presenciar tamanha bajulação fico revoltado. Êle e Il Toro parecem os melhores amigos do mundo e meu amo dá a impressão de ser perfeitamente sincero. No comêço, Ludovico estêve bastante reservado e talvez mesmo um pouco desconfiado. Mas sua desconfiança já se dissipou. Chegou aqui com uma importante guarda pessoal e uma fôrça de várias centenas de homens. É lícito indagar se tantos guerreiros fariam falta na assinatura de uma paz duradoura. Mas deve ser o costume em tais ocasiões. Um príncipe não pode apresentar-se numa côrte estrangeira sem um imponente séquito. Conheço bem os usos e costumes. Entretanto, não consigo manter o sangue frio quando vejo tantos inimigos à minha volta.

A atitude do meu senhor é incompreensível. Como pode êle comportar-se de modo tão vergonhoso com o nosso inimigo hereditário? Não compreendo. Mas isso não me surpreende — a minha sina é não conseguir penetrar jamais no íntimo dêsse homem. Quero deixar de atormentar meu espírito e contentar-me-ei em repetir o que já disse: que o meu desprêzo por êle não tem limites.

Também vi ontem Giovanni e Angélica juntos por diversas vêzes. Parece que se enfadam mùtuamente. Observei-os à tarde, quando estavam sentados à beira do rio. Já não ali-

mentam os cisnes nem os ouço falar; contentam-se em permanecer sentados lado a lado, vendo a água correr. Sem dúvida, já nada têm a dizer um ao outro.

Que mais poderei contar ainda? Nada há que valha a pena registrar. O tratado de paz eterna vai ser hoje assinado solenemente. Depois, haverá um grande banquete, com diversões variadas, que durarão tôda a noite. Estou muito abatido. Tudo isso me inspira profundo desgôsto.

O príncipe abriu-se comigo... confiou-me algo tão glorioso que tive uma vertigem. Não direi palavra a quem quer que seja; é um segrêdo entre nós dois. Só agora compreendi até que ponto somos parecidos, quão grandes são as afinidades entre meu senhor e eu.

Sinto-me infinitamente feliz. Eis tudo o que posso dizer.

Esta tarde, às seis horas, começa o banquete de gala. Será o ponto culminante dos festejos. Fazem-se tais preparativos que não poderia deixar de ser um êxito total. Tenho a impressão de que vou estourar.

O meu amo é um grande príncipe.

RELATAREI agora a história do dia de ontem e, antes de mais, descreverei o banquete de gala que coroou as cerimônias comemorativas do tratado de paz entre nosso principado e a Casa Montanza, assim como os acontecimentos que aí se desenrolaram.

Todo o mundo se reuniu primeiro na sala do trono para que nos fôsse lido em voz alta o tratado de paz em questão. Estava redigido em têrmos sóbrios e elegantes. Continha cláusulas relativas à supressão dos castelos fronteiriços e à liberdade de comércio entre as duas nações, assim como certas disposições para facilitar o intercâmbio. Só faltava assinar. Acolitados por seus principais conselheiros, os dois príncipes aproximaram-se da mesa e apuseram sua assinatura e chancelas nos dois grandes documentos que aí estavam abertos. Foi tudo muito imponente. Imediatamente soaram as fanfarras de sessenta trombeteiros, alinhados a três passos de intervalo ao longo das quatro paredes do salão e vestidos, alternadamente,

com as côres do nosso príncipe e as do Montanza. Depois, obedecendo ao mestre de cerimônias, todos penetraram em cortejo na grande sala do banquete, ao som de uma marcha especialmente composta para a solene ocasião. O imenso recinto estava iluminado por cinqüenta candelabros de prata e ainda por duzentas tochas seguras não só por lacaios de libré dourado mas também por rapazinhos andrajosos que tinham sido apanhados na rua e cujos pés imundos deixavam, descalços, pegadas escuras nos mosaicos do chão. Cheiravam tão mal que ninguém se acercava dêles. Havia na sala cinco mesas carregadas de prataria e majólica, enormes pratos de frios e de frutas de tôdas as côres. Vinte peças de pastelaria armadas com açúcar-cande reproduziam cenas da mitologia grega, uma religião pagã que conheço mal. No centro da mesa principal tôda a baixela e talheres eram de ouro maciço — os candelabros, as taças, os pratos, enfim, tudo o que servia para alumiar, comer e beber. Foi nessa mesa central que tomaram assento os dois príncipes e as pessoas de sangue real, os nossos principais fidalgos e os da Casa Montanza. Sentado em frente de Il Toro o príncipe tinha a seu lado a princesa, num vestido púrpura com mangas de damasco branco incrustadas de pedras preciosas. Rendas de fio de ouro emolduravam seu opulento seio. Estava penteada com uma rêde de prata que lhe envolvia os cabelos salpicados de diamantes, embelezando-lhe uma cabeleira habitualmente descolorida e feia. Como passara, sem dúvida, incontestáveis horas para se fazer bonita, podíamos agora apreciar melhor do que de costume que o seu rosto, muito gordo e flácido, já fôra realmente formoso. Arvorava seu habitual sorriso. O príncipe trajava um simples gibão de veludo negro muito ajustado, com as mangas talhadas em gomos de sêda amarela. Delgado e flexível como uma durindana de boa têmpera, parecia muito jovem. Apesar do semblante algo carrancudo, devia estar de bom humor, pois de tempos em tempos acariciava sua curta cabeleira negra, como era hábito quando estava satisfeito. Eu sentia por êle uma dedicação apaixonada. Il Toro exibia uma capa curta verde-escura sôbre os largos ombros, de um tecido fino ornado de zibelina, por cima de um gibão escarlate; grossas correntes de ouro pendiam-lhe sôbre o peito. Parecia mais troncudo que nunca e seu imenso pescoço taurino, eternamente

vermelho, parecia querer estourar com a golilha de renda bege. A julgar pela sua fisionomia, parecia um sujeito bem educado, a própria encarnação da cortesia e da afabilidade cavalheirescas. Mas é conveniente não nos fiarmos na cara dos homens. Seu corpo é que nos revela que espécie de animais êles o são.

Bem entendido, Don Ricardo instalara-se nessa mesa de honra, seja dito, inclusive, num dos melhores lugares, embora lhe tivesse sido destinado sentar-se em outra mesa, longe daquela. Mas êle arranja sempre um jeito de aparecer onde melhor possa dar na vista; o príncipe não passa sem êle por perto... e a princesa ainda menos. Don Ricardo falava e comia desde o início do banquete, cofiando sua negra barba encaracolada com um ar radiante. Lancei-lhe uma olhada glacial, cujo sentido ninguém podia adivinhar. Mas chega de falar sôbre êle.

Um pouco afastados — se acaso posso empregar essa expressão, já que se encontravam no meio dos demais convivas — Giovanni e Angélica eram vizinhos de mesa, coisa muito natural, porquanto são quase da mesma idade e ambos de sangue real. Em todo o caso, êle é com certeza, ao passo que ela talvez não passe de bastarda. Eram os únicos sêres jovens entre as muitas centenas de convivas; tinham um ar mais infantil do que adulto e talvez por isso, como já disse, parecessem afastados dos demais.

Dir-se-ia que estavam ali por engano. A infeliz Angélica, que debutava essa noite, trajava um vestido de sêda branca, de longas mangas colantes em brocado de ouro e, na cabeça, sôbre seus longos cabelos louros muito pálidos, uma touca bordada de pérolas e fios dourados. Pareceu-me horrenda. Para os que estavam habituados a vê-la em suas roupas simples, sem qualquer toque de elegância, essa vestimenta rebuscada produzia um efeito grotesco. Tinha, naturalmente, a bôca aberta e a timidez enrubescia seu rosto de bebê. Os grandes olhos brilhavam como se nunca tivessem visto antes uma luminária. Giovanni também parecia embaraçado nessa numerosa assembléia e, de tempos em tempos, lançava um olhar de soslaio para os circunstantes. Como está um pouco mais habituado do que Angélica à vida de sociedade, a timidez deve fazer parte de sua própria natureza. Trajava veludo azul com

gola bordada de ouro e, sôbre o peito, suspenso de uma fina corrente também de ouro, destacava-se um medalhão oval contendo o retrato de sua mãe, a princesa que, segundo se diz, está no paraíso... mas quem poderá sabê-lo? É igualmente admissível que esteja a esta hora sofrendo as penas do purgatório. Dizem que Giovanni é um belo môço, ouvi mesmo alguns convivas murmurarem, assim como surpreendi, momentos depois, falando de "um belo par". Compreendi que os nobres convidados devem ter uma concepção muito especial do que significa beleza. Giovanni não vai com o meu gôsto. Sempre achei que um homem deve ter aspecto de homem. Custa a acreditar que seja um príncipe e um Montanza. Como pode ser êsse môço capaz de sentar-se num trono e governar seus súditos? Pessoalmente, não acredito que chegue a isso.

Os dois jovens não participaram das conversas e pareciam ficar muito embaraçados se alguém os olhava. Tampouco falavam um com o outro mas notei que trocavam estranhos olhares e sorriam misteriosamente cada vez que seus olhos se encontravam. Fiquei atônito ao ver a môça sorrir, porquanto, que eu me lembre, jamais a vira esboçar um sorriso sequer — pelo menos, desde que deixou de usar fraldas. Sorria discretamente, como se tateasse o terreno. Talvez soubesse que seu sorriso não era bonito. Aliás, nada encontro de bonito nos sêres humanos quando sorriem.

Após ter estudado atentamente a atitude de ambos, perguntei a mim próprio, com uma certa curiosidade, o que estaria acontecendo entre os dois. Mal tocavam na comida e contentavam-se em olhar para os pratos que lhe punham diante. Vi que suas mãos se encontravam sub-reptìciamente sob a mesa. Se alguém que se encontrava perto dêles surpreendia êsses movimentos furtivos, ao inclinar-se para um vizinho, os dois jovens mostravam-se confusos, trocavam um olhar espavorido e, ruborizados, punham-se a falar nervosamente. Pouco a pouco, entendi que alguma coisa muito particular havia entre êles: amavam-se. E essa descoberta produziu em mim um efeito deveras singular. Não sei por que motivo me perturbou tanto e me causou emoção tão desagradável.

O amor é sempre repugnante. Mas o amor entre aquêles dois, que não passavam ainda de um par de crianças inocentes,

pareceu-me ainda mais desagradável do que tudo o que eu conhecera antes. Eu ardia de cólera e de indignação por ser testemunha daquilo.

Deixemos êste assunto por momentos. Alonguei-me demais a respeito dessas crianças que, afinal de contas, não eram as personagens principais da festa. Vou prosseguir agora na descrição do banquete.

Quando os convivas terminaram os frios de que as mesas estavam profusamente cobertas, o mestre-de-cerimônias da côrte apareceu na porta, montado num jumento branco selado de vermelho, e anunciou em voz sonora os primeiros vinte pratos do serviço, pròpriamente dito, os quais foram trazidos incontinenti para as mesas por um bando incontável de servos e camareiros, enquanto os dois trombeteiros que seguravam o jumento pelas rédeas faziam soar uma fanfarra.

Os pratos fumegantes exalavam um aroma de carne, môlho e gordura que impregnou todo o recinto. Temi ficar doente, eu, que só a muito custo suporto as exalações culinárias. O escudeiro encarregado de trinchar a carne, estufando o peito como um galo de briga, acercou-se da mesa do príncipe e, com um ar solene, pôs-se a retalhar as carnes, os patos, os leitões e os capões com sua habitual destreza. A gordura escorria-lhe pelos dedos da mão esquerda, que segurava o assado, enquanto a direita gesticulava manejando o longo cutelo trinchante, como se fôsse um célebre esgrimista fazendo uma demonstração de sua perigosa arte. Os convivas chafurdavam na comida. Comecei sentindo tonturas, a vaga repugnância que me assalta quando vejo os homens comendo. Sobretudo quando são glutões. Escancaravam a bocarra para nela introduzirem pedaços demasiado grandes, os músculos das mandíbulas trabalhavam sem parar e podia-se ver-lhes a língua triturando os alimentos. O mais desagradável à mesa era Il Toro. Comia como um rústico, engolindo tudo ruidosamente, com um apetite devorador e nojento. Tinha uma língua horrenda, de um vermelho escuro e malsão como sangue de gangrena, e comprida como a de um boi. O príncipe, pelo contrário, não comia com voracidade. Nessa noite, estava comendo menos do que habitualmente e quase não bebia. Vi uma vez êle

erguer o copo vazio e, absorto em seus pensamentos, fixar o cristal esverdeado como se nêle estivesse contemplando o universo inteiro. Os outros bebiam como esponjas. Os servos não paravam de encher as taças e gomis.

Os grandes pratos de porcelana azul e branca, contendo esturjões dourados, carpas e outras refinadas iguarias, provocaram a admiração geral pelo modo como vinham decorados. Depois, chegaram enormes galantines envoltas em ornamentos de cêra tão hàbilmente arranjados que era impossível saber o que havia por dentro; *pâtés,* em forma de cabeças de gamo e de vitelo, leitões assados, pratos de frangos açucarados e carregados de especiarias, galinholas, perus e faisões. Por último, apareceram os pajens vestidos de caçadores carregando um javali, dourado como as demais iguarias assadas, e de cuja goela aberta saíam labaredas, como se as entranhas do animal tivessem sido cheias de um combustível pestilento. Môças vestidas — ou, melhor dizendo, despidas — de ninfas caçadoras vieram espargir o chão de pós perfumados, para que se dissipasse o desagradável cheiro. Mas o resultado foi pior ainda e a atmosfera tornou-se enjoativa e sufocante. Eu a custo respirava em tal ambiente.

Il Toro fêz-se servir de assado como se nada tivesse comido antes. E todos os outros apanharam enormes porções dessa carne vermelho-escura que, embora dela ainda gotejasse sangue, era considerada por todos uma incomparável iguaria. Era horrível vê-los mastigando, o suco a escorrer-lhes da bôca para a barba. A cena tinha algo de vergonhoso, de impudico; eu, que evito sempre comer em público, que não consumo mais do que o estritamente necessário, sentia-me cada vez mais enojado pelo espetáculo indecente dessas criaturas bestiais, congestionadas, de veias intumescidas, que pareciam ser só ventre. Também foi repugnante ver o escudeiro trinchar o javali e retalhá-lo em pedaços sangrantes, até restarem apenas os ossos e alguns fiapos de carne.

Don Ricardo, que comia com a mão esquerda e tinha um escudeiro particular para cortar-lhe a carne em fatias menores, devorava quantidades imensas e bebia abundantemente. Com um sorriso idiota no rosto em que se espelhava a beatitude digestiva, levava incessantemente à bôca seu gomil, com

a mão válida. Trajava um gibão de veludo vermelho escuro destinado a simbolizar a paixão — veste-se sempre em homenagem à dona de seu coração. Seus olhos estavam mais brilhantes, mais chamejantes do que habitualmente. De súbito, pôs-se a gesticular e recitar versos estúpidos, voltando-se para quem mostrasse interêsse em escutá-lo... exceto a princesa. Frases grandiloqüentes sôbre o amor e a alegria de viver escorriam-lhe dos lábios desde que o vinho tivesse escorrido goela abaixo. Os olhos da princesa refulgiam cada vez que Don Ricardo lhe atirava um olhar dardejante, e retribuía-lhe com seu enigmático sorriso; o resto do tempo, ela mantinha-se meio presente meio ausente, como era seu hábito durante as festas. Por vêzes, entreolhavam-se furtivamente, quando acreditavam que ninguém os estivesse observando; os olhos da princesa ganhavam então um halo úmido, quase mórbido. Eu espiava-os, claro. Não parava de vigiá-los sem que o notassem. Nem podiam suspeitar dos sentimentos que me agitavam a alma. Quem poderia sabê-lo? Quem sabe que eu, o anão, guardo segredos no fundo de minha alma, onde ninguém penetrou jamais? Quem conhece a alma de um anão, a mais fechada de tôdas, da qual depende o destino dêles? Quem adivinha o que na realidade eu sou? É melhor que nada saibam, senão ficariam aterrorizados. O sorriso morreria em seus lábios, que para sempre ficariam murchos e exangues. Todo o vinho do mundo jamais poderia torná-los de nôvo úmidos e vermelhos.

Existirá porventura um vinho que possa, em breve, umedecer ainda essas bôcas? Voltarão elas a sorrir?

Eu observava também a *damigella* Fiammetta, que não estava, evidentemente, sentada na mesa do príncipe mas, de qualquer modo, ocupava um assento superior ao que devia competir a uma pessoa do seu estado. É nova na côrte e eu não lhe prestara atenção até essa noite, o que me parece incompreensível. De fato, Fiammetta é de uma beleza impressionante: alta e esbelta, jovem e, no entanto, madura para o mundo. Tem o rosto moreno, muito altivo e de feições definidas, o perfil bem marcado e um par de olhos negros como carvão, onde apenas brilha, bem no fundo, uma fugaz centelha. Notei que o príncipe lançava, por vêzes, um olhar inquieto

para o lado dela, como se procurasse desvendar na fisionomia impassível de Fiammetta seus pensamentos ou o seu estado de alma. Mas jamais ela o olhou, nem por um instante, ao longo dessa noite.

Foram então apagadas quase tôdas as luzes da sala, enquanto se ouvia uma música excitante cuja origem eu ignorava. E, na penumbra, doze dançarinos mouros, com archotes acesos entre os dentes, entraram correndo e começaram executando uma dança frenética, que só de vê-los já se me cortava a respiração. Enquanto rodopiavam com um círculo de fogo em redor de sua cabeça negra, ora brandiam os archotes, ora os lançavam no ar para apanhá-los de nôvo entre seus dentes chispantes de animais selvagens. Brincavam com o fogo como se fôsse algo extremamente perigoso e todos os espectadores os observavam de olhos fixos, meio fascinados meio assustados pelo aspecto estranho e ameaçador dos bailarinos. Concentravam-se diante do local onde os príncipes tinham assento; quando brandiam os archotes, chispas incandescentes choviam sôbre a mesa. Quando mordiam os archotes, a cara dêles contorcia-se em esgares cruéis, dando-lhes o aspecto de espíritos do mundo subterrâneo, de onde era possível supor que tivessem trazido o fogo. Sim, quem poderia garantir que êles não tivessem mergulhado seus archotes nas chamas infernais? Com meu velho rosto de anão escondido nas trevas, eu observava êsses espíritos e suas contorsões, suas danças estranhas e inquietantes, que pareciam ter-lhes sido ensinadas pelo diabo em pessoa.

Por fim, sem dúvida com o propósito de indicarem sua origem e para recordarem o reino da morte, onde todos os homens irão um dia, os mouros jogaram os archotes ao chão e extinguiram-nos com os pés; depois desapareceram de súbito, como se a terra os tivesse tragado.

Um frêmito percorreu a sala antes das luzes serem reacendidas, e meus olhos de anão, que perfuram a noite melhor do que os dos outros, viram que alguns convivas tinham a mão sôbre o punho das espadas, como se estivessem prontos para tudo.

Por quê? Quando se tratava apenas de uma *troupe* de bailarinos que o príncipe alugara em Veneza para distrair seus convidados!

Assim que a sala ficou iluminada de nôvo, o mestre-de-cerimônias reapareceu no limiar da porta sôbre seu jumento branco e, acompanhado do som estridente da fanfarra, anunciou o grande "acontecimento" da noite: — *Pavoni!* — a mais refinada, a mais maravilhosa de tôdas as iguarias. Dito isto, cinqüenta servos acorreram presurosamente de todos os lados, carregando à cabeça enormes salvas de prata incrustadas de pedras preciosas, sôbre as quais se viam, requintadamente ornamentados, outros tantos pavões estufados e recobertos de guarnições brilhantes, com suas caudas irisadas abertas em leque. Todo o mundo manifestou um ruidoso e estúpido júbilo por êsse espetáculo; a depressão causada pelo jôgo dos archotes e sua brusca extinção logo foi esquecida. Estas criaturas são como crianças: quando se entregam a um jôgo não lembram mais o que as entretivera antes. Suas emoções são fugazes e superficiais. Sòmente o jôgo que vou fazer com êles é que nunca mais poderão esquecer.

Depois de se babarem de admiração diante da suntuosa iguaria, passaram a devorá-la, tal como haviam devorado tudo o que antes viera para as mesas. O festim redobrou de animação com essas aves orgulhosas, com que antipatizo e tanto se parecem com os homens; eis porque êles as admiram, sem dúvida, e as consideram uma iguaria requintada. Quando os pavões desapareceram, novos pratos chegaram, faisões, narcejas, codornas, patos e capões uma vez mais, e ainda esturjões, carpas e trutas, e churrascos de caça grossa, a carne sangrando. Os comensais atulharam-se de tal modo que o meu nojo atingia as raias da náusea. Vieram em seguida montanhas de doces, bombons, pastéis e confeitos de tôda a espécie, que tragaram como se nada tivessem comido durante a noite. Lançaram-se, por fim, sôbre as obras-primas de doçaria que representavam estátuas gregas, e que todos tinham achado tão belas. Instantes depois, apenas restavam algumas migalhas. As mesas sujas pareciam ter sido depredadas por uma horda de bárbaros. Eu contemplava essa devastação, e essas criaturas suadas e congestionadas, com a mais profunda aversão.

O mestre-de-cerimônias adiantou-se então e solicitou silêncio. Anunciou a representação de uma alegoria de grande beleza, composta a gracioso pedido do príncipe pelos excelsos poetas da côrte para divertimento e edificação dos nobres con-

vidados. Os macilentos e esquálidos escribas, sentados em modestas mesas no fundo da sala, estufaram o peito e assumiram um ar mais idiota do que nunca para assistir à representação de sua obra de gênio, cujo conteúdo profundo e simbólico devia constituir o ponto culminante da festa.

Num estrado colocado contra a parede principal surgiu o deus Marte em brilhante armadura. Anunciou que decidira forçar os dois possantes lutadores Celefon e Calixtes a um combate que cobriria seus nomes de eterna glória e, sobretudo, realçaria seu próprio poder e grandeza, mostrando como, por ordem do deus da guerra, homens nobres se defrontam numa luta heróica e nela derramam seu sangue. Enquanto houver coragem e cavalheirismo fidalgo sôbre a terra, essas virtudes manter-se-ão ao serviço exclusivo de Marte, concluiu o personagem antes de abandonar a cena.

Os dois campeões fizeram então sua entrada e lançaram-se um contra o outro assim que se viram. Suas espadas faiscavam e o longo duelo de esgrima que se seguiu excitou a admiração de todos os entendidos. Devo confessar que ambos eram mestres em sua arte e que esta parte do espetáculo me agradou imenso. Durante o duelo, simularam desferir terríveis golpes; depois, como que esgotados por seus pretensos ferimentos, deixaram-se cair por terra e aí ficaram completamente inertes.

O deus da guerra reapareceu, falou em têrmos solenes do glorioso duelo, que levara os dois contendores a uma morte heróica, do seu poder invencível sôbre o espírito dos homens e do seu próprio domínio sôbre os demais deuses do Olimpo, onde não conhecia rival.

Quando saiu do palco, uma doce e suave música se fêz ouvir e, instantes depois, a deusa Vênus vinha ao proscênio em passo ligeiro e gracioso, seguida de suas damas de honra. Deu com os dois lutadores jazendo por terra, cruelmente feridos e, como ela disse, banhados no próprio sangue. Suas acompanhantes debruçaram-se sôbre êles, deplorando que tão formosos mancebos tivessem sido tão fùtilmente despojados de vigor e levados à morte inútil. Enquanto assim pranteavam êsse trágico destino, a deusa declarou que fôra certamente o deus Marte quem os incitara a tão insensata luta. As ninfas concordaram mas lembraram a Vênus que o deus da guerra

fôra seu amante e que, apesar de sua celestial doçura, ela conseguira prendê-lo em seus braços. Vênus retorquiu que isso era uma calúnia abominável: como poderia a deusa do amor dispensar seus favores a uma divindade selvagem e bárbara, antipatizada por todos os outros deuses, mesmo seu próprio pai, o grande Júpiter? Então, Vênus deu alguns passos atrás e tocou com sua varinha mágica os dois campeões abatidos, que no mesmo instante se ergueram sãos e salvos, apertando-se as mãos em sinal de paz e amizade eternas, e ali juraram nunca mais se deixarem seduzir pelo terrível deus Marte.

A deusa declamou então um longo e comovente discurso sôbre o amor, que ela descreveu como o mais doce e mais forte de todos os podêres, como a fonte vivificante de tôdas as coisas; sôbre êsse doce poder que enternece e humaniza a própria fôrça, que dita às criaturas da terra as leis celestes, impossíveis de serem repudiadas, que pode mudar e purificar a grosseira natureza humana, os atos dos príncipes e os costumes dos povos; sôbre o amor ao próximo e a caridade que, servidos pela nobreza de sentimentos e pela generosidade, triunfam num mundo devastado e sangrento, proporcionando ao homem adornar-se de outras virtudes mais preciosas do que a honra guerreira e o tumulto das armas. Erguendo então sua varinha mágica, anunciou que sua onipotência divina ia conquistar a terra e convertê-la na feliz morada do amor e da eterna paz.

Se o meu rosto fôsse capaz de sorrir, teria certamente sorriso durante êsse engenhoso epílogo. Mas êsses arroubos sentimentais despertaram um eco na maioria dos espectadores, que se deixou empolgar de emoção e de entusiasmo; um silêncio quase religioso acolheu as formosas palavras da deusa. Os escritores que tinham obtido êsse resultado pareciam maravilhados, atribuindo-se tôdas as honras do êxito, embora ninguém estivesse pensando nêles. Por certo consideravam essa alegoria repleta de alusões, e belas, sublimes frases, o único acontecimento importante das solenidades destinadas a celebrar o trato de paz eterna entre o nosso principado e a Casa dos Montanza. Quanto a mim, desconfiava de que o evento mais importante era o que estava para ocorrer em seguida.

Como de costume, conservava-me de pé atrás do meu amo e senhor; conhecendo a fundo sua natureza, podia adivi-

nhar seus desejos antes dêle os exprimir, por vêzes, creio até que antes do príncipe os conhecer e, assim, podia cumprir suas ordens como se fizessem parte de sua própria consciência. Nesse momento, dirigiu-me um aceno, imperceptível aos demais circunstantes, indicando-me que eu devia servir a Il Toro, a seu filho e demais cavalheiros do seu séquito o precioso vinho confiado à minha exclusiva guarda e que só eu sei preparar. Fui buscar o meu jarro de ouro e servi Il Toro em primeiro lugar. Êle retirara seu manto de peles bordado, por causa do excessivo calor que sentia à fôrça de tanto beber. Ali estava em seu gibão escarlate, o rosto congestionado, o tronco forte e atarracado, como um touro prestes a arremeter. Sua corrente de ouro de tal modo se enrodilhara em redor do possante pescoço que êle ganhara um aspecto de prisioneiro furiosamente impotente, a caminho do cárcere. Enchi-lhe o copo até acima. Em volta de seu corpo gorduroso flutuavam os vapôres de suor, de álcool e de arrôto. Senti verdadeiro mal-estar perto dêsse ser bestial e repugnante, e pensava nada existir de mais ignóbil que uma criatura humana. Depois, continuei caminhando ao longo da mesa para servir alguns dos outros membros mais importantes de seu séquito, generais e altos dignatários que tinham tomado assento à mesa do príncipe. Enchi em seguida a taça de ouro de Giovanni, enquanto Angélica me olhava com seus brilhantes olhos azuis, tão espantados e idiotas quanto nos dias de sua infância, quando ela lia no meu rosto encarquilhado de velho que não estava disposto a participar em seus brinquedos. Via-a soltar a mão do jovem príncipe no momento em que me aproximei dêles, e pude observar também que empalidecera, sem dúvida por recear que eu tivesse descoberto seu vergonhoso segrêdo. No que ela tinha tôda a razão. Eu espiara com repugnância a crescente intimidade do par, tanto mais culposa porque pertenciam a dois povos inimigos e não passavam ainda de crianças inocentes, que se deixaram seduzir pelos torvelinhos do amor. Notei o rubor de ambos, por causa do desejo carnal que lhes enquentara o sangue, da concupiscência cujas manifestações exteriores me provocam náuseas. Surpreendera com nojo êsse misto de inocência e sensualidade que considero particularmente repugnante e que torna o amor entre duas pessoas da idade dêles ainda mais repelente do que entre adultos. Portanto, foi com grande prazer

que enchi a taça de Giovanni. Pouco importava que ela ainda estivesse semicheia; ao que restava adicionei o meu próprio vinho.

Por último, acerquei-me de Don Ricardo e enchi de uma só vez sua taça. Isso não fazia parte da minha missão. Mas existem certas ordens que dou a mim próprio. E quando me apercebi que o príncipe assentara seus olhos em mim, agüentei êsse olhar com a maior calma. Foi estranho, êsse olhar. Por vêzes, o olhar dos homens é assim mesmo. O dos anões jamais. Dir-se-ia que o mais fundo e tenebroso da alma do meu amo viera à superfície, enquanto seguia com os olhos os meus gestos, num amálgama de temor, angústia e desejo. Estranhos monstros marinhos, inimigos da luz, emergiam e deslizavam uns sôbre os outros, com seus dorsos viscosos em que a água punha reflexos verdes. Um velho ser como eu jamais tem semelhante expressão. Encarei-o com firmeza e espero que êle tenha notado que minha mão não tremia.

Sei o que êle quer. Mas também sei que é um nobre cavaleiro. Não sou cavaleiro nem nobre. Sou apenas o anão de um príncipe. Adivinho os seus desejos antes que êle os exprima, talvez até antes, como já disse, dêle ter consciência do que deseja. Cumpro suas ordens mudas como se eu fizesse parte do seu próprio ser. É agradável ver um pequeno valentão como eu, que é capaz de prestar tôda e qualquer espécie de serviços.

Enquanto enchia seu copo que, naturalmente, estava vazio, Don Ricardo, dando ruidosas gargalhadas, atirava o corpo para trás, de modo que sua barba empinava para o alto e a bôca, de grandes dentes brancos, abria-se como um enorme buraco. Pude ver o fundo de sua goela. Creio já ter dito como o espetáculo do riso humano me é desagradável. Mas a alegria vulgar dêsse grande imbecil, que "ama a vida" e a acha tão divertida, ainda mais me revoltava. Suas gengivas e seus lábios estavam todos molhados e as lágrimas alargavam a pequena glândula ramelosa do canto dos olhos, onde finos traços vermelhos irradiavam um brilho anormal por sôbre as pupilas castanho-escuras. O pomo de Adão sobressaía dos pêlos curtos da barba negra. Reconheci em sua mão esquerda um anel de rubis que a princesa lhe oferecera num dia em que êle estivera doente e que eu lhe levara embrulhado numa daquelas repugnantes cartas de

amor de minha ama. Tudo nêle me inspirava a mais profunda aversão.

Ignoro do que ria e pouco me importa. Estou certo de que nada encontraria de divertido no que êle contava. Em todo o caso, foi a última vez que riu.

Minha missão estava cumprida. Aguardei o desenrolar dos acontecimentos ao lado dêsse imbecil. Sentia o seu cheiro e o do gibão vermelho escuro destinado a simbolizar sua violenta paixão.

Nesse momento, o príncipe meu senhor ergueu a taça esverdeada e com um sorriso amável, voltou-se para os nobres convidados, Ludovico Montanza e o brilhante séquito em tôrno da mesa mas, naturalmente, dirigiu-se sobretudo a Il Toro, que estava sentado defronte dêle. O pálido rosto aristocrático de meu amo, bem diferente da cara congestionada dos outros, irradiava uma expressão de refinamento. Com a voz suave, sem deixar de ser varonil, convidou-os a beberem pela paz eterna que reinaria doravante entre os dois Estados, entre as casas reais e entre os povos a seu mando. As longas e insensatas lutas tinham chegado a têrmo, novos tempos despontavam que trariam a todos a felicidade e a prosperidade. As antigas palavras "Paz na Terra" seriam finalmente convertidas numa realidade perene. Dito isto, o príncipe bebeu sua taça e, num silêncio solene, os nobres convivas esvaziaram seus copos de ouro lavrado.

O olhar ausente, meu amo sentou-se de nôvo, taça na mão, e parecia contemplar o mundo através da matéria transparente.

O burburinho da festa recomeçou e não sei exatamente quanto tempo durou. É difícil calcular êsse gênero de coisas; perde-se a noção de tempo. Eu estava demasiado tenso, dominado por indescritível emoção... e furioso, porque Giovanni não tocara em sua bebida. Ardendo em cólera, eu vira Angélica puxar o copo para si e fazer menção de molhar nêle seus lábios. Esperava que ambos bebessem do meu vinho, que em sua amorosa aberração quisessem beber da mesma fonte. Mas não lhe tocaram. Talvez a maldita môça desconfiasse. Talvez, no calor da paixão que os dominava, não sentissem necessidade de vinho. O azedume fervilhava em meu íntimo. Por que demônio iriam êles ficar vivos? Que o inferno os consuma!

Don Ricardo, pelo contrário, bebeu tudo de um só trago. Esvaziou seu derradeiro copo em honra da princesa, saudando como de costume "a dama de seu coração". Na ânsia de mostrar-se espirituoso até ao fim, apontou num gesto cômico para seu braço direito inutilizado, enquanto com a mão esquerda erguia a excelente bebida que eu lhe preparara, sem deixar de arvorar seu sorriso tão cantado mas profundamente vulgar. E ela retribuíu-lhe o sorriso, de comêço um tanto contrafeita mas com aquêle brilho úmido e langoroso no olhar que acho tão revoltante. Não entendo como é possível ter semelhante expressão.

De súbito, Il Toro soltou uma espécie de mugido abafado e fixou o espaço com os olhos vidrados. Dois dos seus homens sentados do mesmo lado que êle, quiseram lançar-se em seu socorro mas cambalearam, tiveram de agarrar-se à mesa e decaíram em seus assentos, onde ficaram retorcendo-se de dores e gemendo que tinham sido envenenados. Poucas pessoas os escutaram. Mas um outro, que ainda não fôra sèriamente afetado, gritou a plenos pulmões: "Estamos envenenados!" Todos se levantaram de um salto e um tumulto infernal reinou em tôda sala. Os homens de Il Toro sentados em outras mesas levantaram-se brandindo as armas e precipitaram-se para a mesa de honra, onde atacaram os nossos, tentando abrir caminho até o príncipe. Mas os nossos cavaleiros, que tinham igualmente acorrido, criaram uma muralha de aço em redor do meu amo, defendendo-se e defendendo o príncipe. O tumulto era assustador. Muitos foram mortos e feridos de ambos os lados, o sangue corria sôbre as mesas e fazia riachos no chão de mármore. Era como um campo de batalha no meio das mesas decoradas e repletas de destroços, com os guerreiros ébrios, de ventas vermelhas e que, depois de terem estado pacìficamente sentados ombro a ombro, se encontravam de súbito empenhados numa refrega mortal. Gritos retiniam de todos os lados da sala, abafando os gemidos dos moribundos. Terríveis imprecações convocam todos os espíritos infernais para êste lugar onde fôra perpetrado o mais odioso dos crimes. Eu subira numa cadeira, a fim de poder abranger bem com o olhar os resultados nefastos de minha obra. Como eu exterminara essa raça execrável, que só merece a destruição. Como minha arma poderosa e vingadora, clamando por uma completa punição, ceifava-os

sem piedade. Como eu os enviava inapelàvelmente para as chamas eternas do inferno. Ah, que ardam todos, que nem um dêles deixe de ser consumido nas chamas abissais. Todos êsses sêres que se atribuem o nome de homens e me enchem de repulsa e desprêzo! Por que se impregnam êles de risos e de amor e reinam tão orgulhosamente sôbre a terra? Sim, por que existirão essas criaturas lascivas e despudoradas, hipócritas e vãs, cujas virtudes são os piores vícios? Que o inferno as consuma! Sentia-me o próprio Satanaz, cercado dos espíritos infernais que êles invocavam em suas reuniões noturnas e que afluíam agora ao encontro dêles, seu medonho rosto trocista, arrancando-lhes a alma dos corpos mutilados, almas ainda quentes e fétidas, para levá-las ao reino da morte. Com uma volúpia que eu jamais sentira e cuja violência quase me fêz perder a noção das coisas, saboreei longamente meu poder sôbre a terra. De que modo, por minha causa, o mundo se enchia de terror e destruição; como uma festa brilhante se transformava num espetáculo pavoroso, de uma violência inaudita. Só porque eu preparara certa bebida, príncipes e grandes senhores sofriam os tormentos da agonia e esperneavam no próprio sangue. Porque eu lhes oferecera o meu vinho, os convivas de mesas superabundantes empalideciam, nenhum sorriso era trocado entre êles, ninguém mais erguia a taça para celebrar o amor e a alegria de viver. Pois minha beberagem fazia-os esquecer que a vida era bela e maravilhosa, uma névoa se derramara em tôrno dêles, os olhos toldados, a voz estrangulada, e tudo se apagava numa obscuridade imensa e sem sentido. Voltei a descer e apaguei os archotes nas mãos dos que jaziam por terra. Era noite. Convoquei-os, com seus olhos cegos, para a minha sinistra comunhão noturna; beberam o meu sangue, de que o meu coração se alimenta dia a dia mas que, para êles, é um veneno mortal.

Il Toro jazia imóvel, o rosto violáceo, o queixo violentamente descaído, como se tivesse querido morder alguém com seus dentes amarelados de animal feroz. Oferecia um espetáculo horrendo, com os olhos ensangüentados saindo-lhe das órbitas. De súbito, torceu tão furiosamente o pescoço taurino e inchado que se diria querê-lo deslocar, e a cabeça tombou-lhe pesadamente de lado. Ao mesmo tempo, o corpo projetou-se para trás, arqueado, um frêmito o atravessou, como se tivesse

recebido uma punhalada no peito, e foi o fim. Todos os homens do séquito de Il Toro que tinham assento na mesa nobre contorciam-se agora numa agonia demoníaca mas, instantes depois, nem mais um suspiro se ouvia. Cessaram todos os sinais de vida.

Quanto a Don Ricardo, debruçava-se sôbre a mesa, os olhos semicerrados, com o ar de quem saboreava o meu vinho raro; depois, bruscamente, afastou os braços, como se quisesse abraçar o mundo inteiro, e tombou para trás. Estava morto.

No meio da refrega e do tumulto, ninguém tivera tempo de ocupar-se dos moribundos, que expiravam sem qualquer auxílio. Sòmente Giovanni, que estava sentado do mesmo lado das vítimas e que, graças à sua maldita companheira, não provara a minha beberagem, se lançara desvairado para onde jazia seu pai e debruçava-se sôbre o horrível corpo, na vã ilusão de que poderia ainda acudir-lhe. Mas um mocetão vigoroso, com pulsos de ferreiro, abriu caminho até êles, no momento em que o velho rufião soltava seu derradeiro suspiro e, erguendo nos braços o jovem príncipe como se êste não pesasse mais do que uma luva, carregou-o para fora da sala sem que lhe opusessem resistência à passagem. Covarde como já se previa, Giovanni deixou-se arrastar através da sala e assim nos escapou. Que o diabo o leve!

As mesas estavam de pernas para o ar e o que horas antes as guarnecia era agora calcado aos pés pelos combatentes, ébrios de vinho e carnificina. As mulheres tinham fugido aos gritos mas, no meio da devastação, vi a princesa de pé, como que petrificada, o rosto imóvel e os olhos vidrados. Sua palidez cadavérica contrastava burlescamente com o que ainda restava de maquilagem em seu rosto de mulher madura. Alguns servos conseguiram fazê-la sair daquele lugar pavoroso; deixou-se levar lânguidamente, como se não soubesse onde estava ou ignorasse onde a conduziam. Apesar de sua inferioridade numérica, os homens de Il Toro ainda brandiam armas, batendo-se em retirada para tôdas as saídas. A refrega continuou nas escadarias e mesmo na grande praça, onde êles resistiam tenazmente, vendendo cara a vida. Aí, o inimigo, tão duramente castigado, foi socorrido pela guarda de corpo dos Montanza, vinda do palácio Giraldi, e, sob a proteção dela, pôde

escapar da cidade. Não fôsse êsse oportuno refôrço, todos teriam sido aniquilados.

Fiquei só na sala abandonada, agora imersa em penumbra, pois todos os candelabros tinham caído por terra. Sòmente os moleques andrajosos, cuja aparência era testemunho de quão famintos estavam, corriam por aqui e ali de archotes acesos, rebuscando entre os cadáveres restos de iguarias e doces, que devoravam com incrível rapidez, ao mesmo tempo que enfiavam sob os farrapos que lhes serviam de roupa a maior quantidade possível de objetos de prata dispersos pelo chão. Quando julgaram imprudente demorar mais naquele teatro de horrores, jogaram fora os archotes e, carregando o pesado fruto da pilhagem, escapuliram sem ruído a coberto da escuridão. Só restava eu na sala. Absorto em meus pensamentos, observava sem emoção o que me cercava.

A luz vacilante dos archotes quase apagados alumiava os cadáveres de amigos e inimigos que jaziam misturados nas poças de sangue, no meio de toalhas amarfalhadas e ensangüentadas, e de restos do grande banquete. Suas roupas de festa estavam dilaceradas e sujas, o rosto exangue ainda contorcido pelo ódio, pois tinham morrido na fúria da luta sem quartel. Contemplava tudo isso com meu frio olhar de velho.

O amor ao próximo. A paz eterna.

Como essas criaturas gostam de usar grandiosas palavras para falar delas próprias e do universo que julgam dominar.

Na manhã seguinte, quando entrei como de costume no quarto da princesa, ela estava deitada, quase inerte, o olhar vazio e os lábios secos. Tinha a bôca fechada, como se tivesse decidido nunca mais a reabrir; seus cabelos juntavam-se no travesseiro em uma só madeixa descolorida; as mãos repousavam imóveis e flácidas sôbre a colcha. Não notou a minha presença, se bem que eu estivesse em pé no meio do quarto, aguardando que ela expressasse algum desejo. Pude examiná-la a meu bel-prazer. Como vestígio da bela aparência da véspera só se viam alguns traços de pintura, a pele ressequida, o pescoço cheio de rugas, apesar da golinha que encobria a papada. Os olhos, antes tão expressivos, estavam fixos e embaciados. Todo o seu brilho desaparecera. Ninguém acredi-

taria que a princesa já fôra bela, que fôra amada e beijada por alguém. Só essa idéia já me parecia grotesca. Ela nada mais era agora que uma velha feia deitada na cama.

Finalmente.

A CÔRTE está de luto. Perdeu o seu grande truão. O funeral realizou-se hoje. Todos os cortesãos, todos os cavaleiros e nobres da cidade, assim como, bem entendido, os seus próprios servidores, que o choravam com a maior sinceridade, pois devia ser agradável ter um amo tão despreocupado e pródigo, acompanharam o morto ao seu sepultamento. A plebe atropelava-se nas ruas, emudecida, para assistir à passagem do cortejo. Os pobres diabos, ao que parece, tinham afeição pelo nosso frívolo personagem. Êsse gênero de pessoa lhes agrada. Ainda que estejam sempre morrendo de fome, gostam de ouvir falar de alguém que leva uma vida leviana e perdulária. Diz-se que conhecem e fazem correr de bôca em bôca tôdas as histórias sôbre êle, suas aventuras galantes e aventurosas, seus gracejos mais picantes, suas proezas mais atrevidas, e que tudo isso é contado nas inúmeras tavernas e barracos em redor do seu palácio. Êle proporciona-lhes agora o prazer de assistirem ao seu pomposo funeral.

O príncipe caminha à testa do préstito, cabisbaixo, como se aniquilado pela dor. É um mestre consumado na arte da comédia. Embora isso não lhe seja muito difícil, pois a dissimulação faz parte de sua própria natureza.

Ninguém ousava murmurar sequer. O que se disse depois nos barracos da plebe e nos palácios dos nobres não tem importância alguma. O acontecimento foi apresentado como um êrro fatal. Don Ricardo bebêra por acaso um vinho envenenado que se destinava apenas aos nossos eminentes hóspedes. Sua sêde inextinguível e bem conhecida causara-lhe a morte. Cada um pode acreditar no que quiser mas todos estão encantados pelo fato de Montanza e seus homens terem sido envenenados.

A princesa não assistiu aos funerais. Permanece deitada em completa apatia, alheada de tudo, e recusa-se a comer seja o que fôr. Quer dizer, ela não recusa, pois não se lhe ouve uma palavra, mas é impossível fazê-la tragar um simples

pedaço de pão. Sua estúpida aia afoba-se em tôrno dela, os olhos vermelhos, o ar desvairado, soltando longos suspiros e batendo em suas gordas bochechas, que a aflição parece ter esvaziado.

Ninguém suspeita de mim. Pois ninguém sabe quem eu sou.

PODE ser, aliás, que o príncipe lamente sinceramente a sorte de Don Ricardo. Sua natureza permite-nos assim pensar. Eu acreditaria de bom grado, em todo o caso, que o príncipe sente prazer em pranteá-lo, que considera isso uma nobre e bela manifestação. Uma dor cavalheiresca e desinteressada gera um sentimento agradável, que enobrece a alma. Além disso, êle tinha afeto pela tôla personagem, sem que por isso deixasse de desejar-lhe a morte, e êsse afeto aumentou, naturalmente, depois do homem ter desaparecido nas profundezas da sepultura. Antes, havia sempre alguma coisa para frear os sentimentos amistosos do príncipe. Nada disso existe hoje. Tendo os acontecimentos corrido da feição que o meu amo desejava, êle pode chorar Don Ricardo como um ente cada vez mais querido.

Todo o mundo tagarela a respeito do defunto. Fala-se do que êle era. Conta-se como vivia, como morreu, repete-se as coisas que dizia nestas ou naquelas circunstâncias, elogia-se seu espírito cavalheiresco, louva-se sua valentia e sua alegre natureza. Parece mais vivo que nunca, mas é sempre assim quando alguém acaba de morrer. Depois, o esquecimento chegará fatalmente.

Agora, jura-se que Don Ricardo jamais será esquecido. Falseando seu retrato, fazendo dêle um homem extraordinário, de um encanto excepcional, espera-se conservar sua lembrança eternamente viva. Os homens têm uma estranha aversão pela morte, sobretudo quando se trata de alguns de seus mortos! A criação do mito está em plena atividade e quem conhece a verdade sôbre êsse debochado, sôbre êsse estúpido bufão, fica estupefato diante dos resultados a que pode chegar essa atividade mentirosa. O fato da descrição nada ter a ver com a realidade não incomoda ninguém; segundo essa gente, Don

Ricardo personificava a alegria e a poesia e sabe Deus que mais, o mundo não era o mesmo depois que deixara de ouvir suas gargalhadas estrondosas e de assistir a suas alegres estroinices, o seu desaparecimento causara uma angustiante impressão de vazio. Todos sentem um extraordinário prazer em lastimar o fim ingrato de Don Ricardo.

O príncipe contribui generosamente para essa diversão sentimental. Escuta os panegíricos com expressão melancólica e, de tempos em tempos, acrescenta algumas frases de sua lavra, as quais provocam um efeito ainda maior pelo fato de terem partido dêle.

Acredito, entretanto, que esteja encantado com o seu pequeno assassino a sôldo, o seu intrépido anão. Embora, naturalmente, não o deixe transparecer. Não me disse palavra sôbre o assunto, não me dirigiu censura nem louvor. Um príncipe pode, se bem o entender, não prestar a mínima atenção a seus vassalos.

Êle evita a minha presença, como sempre o fêz em casos semelhantes.

A DOR da princesa não se exterioriza. Não sei ao certo o que isso significa... Ela sofre muito, sem dúvida. Contenta-se em permanecer estendida em seu leito, os olhos abertos e imóveis.

Sou o autor de sua mágoa. Se ela está desesperada, é por minha causa. Se está transtornada e não voltará jamais a ser o que era, é por minha culpa. Se ali jaz, velha e feia, sem se preocupar com o seu aspecto, também é por minha causa.

Nunca imaginei que pudesse exercer sôbre ela tamanho poder.

O assassinato dos Montanza tornou meu amo muito popular. Todos dizem que é um grande príncipe. Jamais êle triunfara tão completamente sôbre seus figadais inimigos nem despertara tamanha admiração. Estamos orgulhosos dêle. Todos concordam em que demonstrou uma astúcia e uma energia excepcionais.

Alguns, porém, perguntam-se se tudo isso acarretará bons resultados. Sempre existe gente disposta a dar ouvidos aos

maus pressentimentos. Mas a maioria está encantada e aclama o meu senhor onde quer que êle se mostre. Quase todos os homens parecem fascinados por um chefe que não recua diante de nada.

O povo aguarda agora um longo período de paz e felicidade. Acha que o príncipe fêz muito bem em decapitar o povo vizinho, que não poderá por longo tempo atacar-nos e perturbar nossa felicidade.

As pessoas só pensam em ser felizes.

Pergunto-me quais serão os ambiciosos desígnios do príncipe. Se terá a intenção de lançar-se outra vez sôbre o inimigo e marchar diretamente para a capital, para conquistá-la e assenhorear-se de todo o país. Seria agora a coisa mais fácil deste mundo, quando todos os principais chefes inimigos foram afastados do nosso caminho. Êsse infantil Giovanni nada tem de inquietante e não nos criará qualquer dificuldade — um môço poltrão que fugiu quando as coisas ficaram feias. Convinha apanhá-lo o mais depressa possível e ensiná-lo a portar-se como homem.

É evidente que o príncipe tem a intenção de colhêr os frutos do morticínio. O contrário seria absurdo. Não poderá contentar-se com as coisas no pé em que ficaram agora. Tem de colhêr-se aquilo que se semeou.

Correm estúpidos boatos. O povo dos Montanza teria, segundo se diz, pegado em armas em sua cólera e jurado vingar o seu senhor. É pura tagarelice de línguas ociosas. Que estejam furiosos é admissível. Mas que peguem em armas para vingar um príncipe como Il Toro é inverossímil. Aliás, mesmo que isso fôsse verdade, que importa? Um povo sem chefe não passa de um miserável rebanho de carneiros.

Um tio paterno do môço Giovanni parece ter assumido o comando. Foi êle, sem dúvida, quem jurou vingança. Isto me parece mais admissível. O povo não vinga os seus príncipes. Por que iria fazê-lo? A sua vida é idêntica sob o reinado

de um ou outro e ver-se desembaraçado de um dos seus opressores só pode causar-lhe júbilo.

Consta que o nôvo chefe dos Montanza é da mesma têmpera de Il Toro mas que, até agora, nunca lhe fôra permitido exercer qualquer função. Chama-se Ercole Montanza e, embora não seja um guerreiro, poderá ser terrìvelmente perigoso. Diz-se que Ercole se apoderou das rédeas do govêrno para salvar o país do perigo mortal que, em seu entender, o ameaçava; mas, ao mesmo tempo, procura livrar-se do jovem herdeiro, sob o pretexto de que êle não possui energia suficiente para reinar, ao passo que o tio, legítimo representante do puro sangue dos Montanza, está em plenas condições de exercer o poder. A segunda explicação é mais plausível. Está de acôrdo com os velhos costumes dêsse mundo de baixeza.

A minha profecia de que o môço com olhos de gazela e medalhão sôbre o peito nunca subiria ao trono talvez comece a realizar-se.

IMPORTANTES fôrças foram mobilizadas para exigir vingança e já começaram penetrando em nosso país pelo vale do rio. Têm à cabeça Boccarossa que, com suas tropas de mercenários, decidiu morrer pelo nôvo Montanza a trôco de um sôldo duas vêzes superior ao que o nosso príncipe lhe pagava. Queimam e saqueiam e, evidentemente, pensam em fazer com que os outros morram primeiro. Nossos generais levantaram tropas a tôda pressa, a fim de sustarem o avanço inimigo. A cidade está outra vez cheia de soldados que vão exercer seu ofício na frente.

O príncipe nada faz.

Possuímos poucos recursos humanos, pois grande número dos nossos pereceu na primeira guerra. Não é fácil encontrar bastante homens válidos e em condições de se baterem. Arrebanhando tôdas as sobras, chegamos mais ou menos ao mesmo resultado que Montanza, pois o inimigo sofreu igualmente pesadas baixas, privando-os dos seus melhores combatentes. O entusiasmo não é tão grande quanto da primeira vez mas, perante

esta guerra inevitável, cada um resigna-se à sua sorte e compreende que é impossível viver apenas para ser feliz.

Os invasores aproximam-se da cidade e só temporàriamente poderão ser sustados. Nossas tropas não estão em condições de resistir por muito tempo e vão lentamente recuando. Da frente só chegam novas desagradáveis e monótonas, falando sempre dos nossos movimentos de retirada e de nossas perdas. As regiões por onde passou o inimigo parecem um deserto. As aldeias são saqueadas e incendiadas, seus habitantes massacrados onde quer que os encontrem. O gado é roubado, abatido e assado em fogueiras; empilha-se o resto em carroças, para servir mais tarde. As searas ardem. Os mercenários de Boccarossa fazem agora o que querem, não deixando vivalma em seu rastro.

Os refugiados afluem à cidade por tôdas as portas, com suas carroças pejadas dos mais diversos objetos e utensílios: marmitas e caçarolas, panelas e tachos, mantas e trapos sujos, tôda a sorte de velharias sem valor cujo aspecto, só por si, já dá vontade de rir. Alguns arrastam pelos cornos uma cabra ou uma esquálida vaca, e todos parecem aterrorizados. Aqui, ninguém entende por que êles vieram e não havia a mínima vontade de vê-los. Deitam-se nas praças públicas com seus animais. A cidade começa ganhando o aspecto de uma aldeia imunda. Um cheiro terrível paira em tôda a cercania.

Nossas tropas continuam recuando. O inimigo já não deve estar longe da cidade. Ignoro seu paradeiro exato e as informações variam demais para que possamos fiar-nos nelas. Sempre os mesmos relatos monótonos dizendo que, após oferecerem tenaz resistência, os nossos bateram em retirada. E os caudais de refugiados continuam inundando a cidade, enchendo-a de animais, de andrajos e de imprecações.

Que estranha guerra!

NA REALIDADE, compreendo muito bem a indiferença com que o príncipe deixa a iniciativa aos seus generais. Não se interessa pela estratégia defensiva, que nada o diverte. Êle é como eu: gosta de atacar. Temos ambos o gôsto da ofensiva. Defender é uma coisa que não desperta prazer algum, é uma ocupação monótona que nada tem de brilhante ou excitante. E para que serve? É inteiramente fútil. Ninguém pode sentir desejo de trabalhar na defensiva. Que guerra enfadonha!

Das muralhas da cidade já se vêem os exércitos de Boccarossa e de Montanza. Da minha janela, aqui no alto dos aposentos dos anões, vi esta noite as fogueiras do acampamento inimigo brilhando na planície. É uma cena fascinante na escuridão que envolve tôda a paisagem.

Imagino o rosto de cada um dos mercenários sentados em redor dessas fogueiras, contando suas proezas do dia. Jogam algumas raízes de oliveira entre os ramos que ardem e, à luz dançante das chamas, sua fisionomia parece dura e enérgica. É gente que tomou nas mãos seu próprio destino e não vive no perpétuo temor do que lhe acontecerá no dia seguinte. Acendem suas fogueiras não importa onde e pouco se preocupam com os míseros a quem arrebatam do que viver. Não indagam a que príncipe servem... no fundo, só estão a serviço dêles próprios e mais ninguém. Quando estão fatigados, deitam-se de costas nas trevas e dormem até ao massacre do dia seguinte. São gente sem prática mas tôda a terra lhes pertence.

A noite está magnífica. A brisa outonal sopra das montanhas, fresca e pura, e as estrêlas devem brilhar. Fiquei muito tempo à janela contemplando as inúmeras fogueiras. Agora quero ir repousar.

É estranho que eu possa ver êsses fogos distantes, quando jamais consegui ver as estrêlas. Meus olhos não são como os dos outros, embora nada tenham de defeituoso, pois distingo nìtidamente tudo o que está na terra.

PENSO muitas vêzes em Boccarossa. Vejo-o diante de mim, grande e forte, quase gigantesco, com o rosto picado de varíola, a queixada animalesca e os olhos pequeninos, cravados no fundo das órbitas. E aquela cabeça de leão em relêvo na couraça, as goelas escancaradas de animal feroz, a língua de fora para todo o mundo!

Cabe agora às nossas fôrças em retirada reentrarem na cidade após uma refrega que teve lugar aqui mesmo sob as muralhas. Êsse combate sangrento custou-nos muitas centenas de homens, sem contar os feridos que passam cambaleantes pelas portas ou vêm arrastados pelas mulheres que saíram para procurar no campo de batalha seus filhos e esposos. Nossos soldados encontravam-se numa situação lamentável quando abandonaram, por fim, o terreno da luta e se acolheram ao interior das muralhas. Após sua chegada, reina enorme tumulto na cidade, tão pejada de soldados, de feridos e de refugiados dos campos que se diria estar prestes a estourar. No meio dessa desordem geral, a atmosfera é naturalmente desoladora. As pessoas dormem nas ruas, embora as noites comecem a ficar frias e, mesmo de dia, tropeça-se a todo o instante em homens esgotados e adormecidos, indiferentes a tudo o que os cerca, ou em feridos de quem ninguém tem tempo de ocupar-se, ainda que alguns mostrem suas ataduras manchadas e fétidas. Êste estado de coisas não é de molde a criar muitas esperanças e a expectativa de cêrco, pois o inimigo assedia a cidade por todos os lados, não foi feita para dissipar o desânimo.

Valerá a pena resistir a um lutador como Boccarossa? Pela minha parte, nunca acreditei no êxito desta segunda guerra.

Mas afirma-se que a cidade será defendida até à última gôta de sangue. E também se garante que, com suas fortificações, resistirá por muito tempo, que será até inexpugnável. Isso é o que se diz de tôdas as cidades sitiadas, até ao dia em que são tomadas de assalto. Tenho a minha opinião a respeito da inexpugnabilidade da nossa capital.

O príncipe despertou e deu início aos preparativos de defesa. Está sendo mal visto e, quando se mostra ao povo, é saudado sem entusiasmo. Opina-se agora que o assassinato de

Montanza e seus homens foi o ato de um louco, só podendo acarretar novas guerras e provações.

A princesa levantou-se e já come um pouco, mas já não é a mesma. Emagreceu muito; a pele de seu rosto, outrora tão cheio e liso, tornou-se sêca e acinzentada. As roupas dançam-lhe no corpo, como se tivessem sido talhadas para outra mulher. Usa luto. Se porventura diz alguma coisa, é em voz muito baixa, quase um imperceptível murmúrio. A bôca murcha e o rosto encovado dão-lhe um ar muito diferente do antigo, com as órbitas fundas e negras emoldurando uns olhos de brilho anormal.

Passa horas a fio rezando aos pés de um crucifixo. Seus joelhos magros e doloridos mal lhe consentem erguer-se após as preces. Ignoro, é claro, o que ela pede em suas orações, mas não deve estar sendo favoràvelmente acolhida, pois todos os dias recomeça.

Nunca sai de seu quarto.

PARECE que Mestre Bernardo ajuda o príncipe a consolidar seus trabalhos de fortificação e inventa tôda a espécie de engenhosos dispositivos para a defesa. Diz-se pelos corredores do paço que os trabalhos prosseguem dia e noite.

Tenho a maior confiança na arte e habilidade de Mestre Bernardo. Mas acho que nada pode fazer contra Boccarossa. O velho mestre tem um espírito poderoso, seu pensamento e sabedoria abraçam muitas coisas, quase tudo. Tem a seu serviço, sem dúvida, grandes fôrças que êle conquistou à natureza e que lhe obedecem, talvez a contragosto. Mas Boccarossa produz em mim o efeito de uma dessas mesmas fôrças. Em todo caso, tenho a impressão de que elas o servem de melhor grado. Acho Boccarossa mais próximo da natureza.

Bernardo está transformado. Sua fisionomia nobre e altaneira sempre me inspira uma certa desconfiança.

Creio que a luta é desigual.

Se os víssemos lado a lado, Bernardo com sua vasta fronte de pensador e Boccarossa com sua possante queixada de carnívoro, seria fácil perceber sem hesitação qual é o mais forte dos dois.

COMEÇAM a faltar mantimentos na cidade. Na côrte, evidentemente, não nos apercebemos disso, mas diz-se que o povo já morre de fome. Nada há de surpreendente nisso, dado o aumento de população. Os refugiados são cada vez mais detestados, pois consideram-nos, com razão, os culpados da penúria. Êles são um fardo para os cidadãos. As crianças sujas e maltrapilhas, que mendigam pelas ruas, são as que excitam maior aversão.

Diz-se que, sempre que a ocasião se lhes depara, roubam tudo o que vêem à mão. Faz-se uma distribuição de pão duas vêzes por semana, mas em rações muito exíguas, pois não se esperava êste cêrco e as reservas de farinha são diminutas. Breve estarão esgotadas. Os refugiados, que tendo arrastado com êles uma cabra ou uma vaca, tinham podido viver de leite, no comêço, viram-se forçados a abater seus descarnados animais, já semimortos de fome, e assim sobreviveram mais algum tempo à custa dessa carne, que consumiam ou trocavam por farinha e outros víveres. Agora já nada lhes resta. Diz-se, é verdade, que escondem carne e estão em melhores condições do que os habitantes da cidade, mas não acredito nisso, pois o aspecto dêles não é nada atraente. Estão esquálidos e parecem exaustos. Se digo isto, não é porque tenha simpatia alguma por essa gente. Compartilho da aversão geral dos cidadãos a respeito dos refugiados. Apáticos como todos os camponeses, permanecem horas e horas sentados sem mugir nem tugir, de olhos fixos não sei onde. Não têm relações com os outros, agrupam-se de acôrdo com suas antigas aldeias e povoados, e passam a maior parte do tempo em seus imundos acampamentos, os cantos das praças públicas onde empilham seus andrajos e que parece considerarem uma espécie de lar. À noite, sentam-se em tôrno das suas fogueiras, se conseguiram arranjar alguma lenha, e conversam longamente em seu estú-

pido idioma, de que só se entende uma palavra aqui, outra ali. Aliás, mesmo que se entendesse o que dizem, estou certo de que não valeria a pena escutá-los.

A sujeira e o fedor de tôda essa humanidade sem teto são insuportáveis. Para mim, que sou particularmente sensível ao asseio dos que me cercam, pois cuido com esmêro do meu corpo, a promiscuidade e imundície desta gente me causa verdadeiro suplício. Muita gente acha ser exagerado o meu horror aos excrementos humanos e ao cheiro que dêles se desprende. Ora, êsses sêres primitivos são como o gado com quem estão habituados a conviver: aliviam-se em qualquer lugar, sem levar em conta as conveniências. É ignóbil. O ar está empestado. Pela parte que me toca, considero o estado das ruas e praças tão repugnante que evito o mais possível ir à cidade. Já não tenho de levar recados depois da extraordinária mudança da princesa e da morte tão oportuna de Don Ricardo.

Tôda essa multidão sem lar dorme ao relento nas ruas e por certo seus andrajos não lhe oferecem o calor reconfortante de que precisa neste inverno particularmente rigoroso. Segundo parece, tôdas as manhãs se encontram alguns mortos de frio! Um montão de andrajos continua deitado por terra, em vez de erguer-se como os outros. Quando o levantam, já nenhuma vida resta dentro dêle. Mas são mais os que morrem de fome que de frio, exceto os velhos — que já não têm resistência nem calor natural suficientes. Ninguém deplora a morte dêsses infelizes; para os outros, são apenas um fardo e já existe gente demais na cidade, excesso de bôcas a sustentar.

Aos homens de Boccarossa nada falta. Têm todo o país à sua disposição e fazem incursões cada vez mais profundas no interior, queimando aldeias onde tomam tudo o que necessitam. Podemos ver amiúde, no céu noturno, reflexos de longínquos incêndios. A província que cerca a capital já foi há muito completamente devastada.

Coisa curiosa. Êles não fizeram ainda tentativa alguma de ataque à cidade. Estou surpreendido, pois seria uma prêsa deveras fácil. Talvez pensem ser mais cômodo deixar-nos morrer de fome; um cêrco não lhes desagrada, uma vez que podem ao mesmo tempo pilhar os campos.

ANGÉLICA vagueia pelo paço sem fazer coisa alguma. Antes tinha sempre entre os dedos alguma obra de costura. Agora permanece a maior parte do tempo sentada na margem do rio e dá de comer aos cisnes ou contenta-se em observar a água corrente. Por vêzes, passa noites inteiras à sua janela, os olhos fixos nas fogueiras do acampamento inimigo, ou circundando as tendas e os campos devastados. Acho que pensa no seu príncipe.

É espantoso como as pessoas ficam com um ar idiota quando se apaixonam, sobretudo quando amam em vão. A expressão delas torna-se estranhamente bôba e não consigo entender como se pode afirmar que o amor embeleza. Os olhos de Angélica estão, se possível, ainda mais inexpressivos e idiotas do que antes, as faces pálidas, bem diferentes do que vi durante o banquete. Mas a bôca ficou maior, os lábios são carnudos, percebe-se que já não é mais uma criança.

Sou o único que conhece seu pecaminoso segrêdo.

Para meu espanto, a princesa perguntou-me hoje se eu acreditava que Cristo a odiava. Respondi nada saber a tal respeito, o que é a pura verdade. Ela pousou em mim seu olhar febril e pareceu-me angustiada. Sim, Êle devia odiá-la, pois não lhe concede um instante de paz. Deve odiá-la por causa de todos os seus pecados. Reconheci que era bastante verossímil. O fato de eu compartilhar de sua opinião pareceu aliviá-la; deixou-se cair molemente numa cadeira, soltando profundos suspiros. Eu não sabia muito bem o que estava fazendo ali, pois, como de costume, a princesa não tinha qualquer tarefa a confiar-me. Instantes depois, perguntei-lhe se podia sair; volvendo para mim um olhar suplicante, como se estivesse implorando a minha ajuda, respondeu-me não lhe competir uma decisão a respeito. Achei a situação deveras embaraçosa e retirei-me. Quando estava no limiar da porta, ela jogou-se de joelhos aos pés do crucifixo e começou murmurando suas preces com expressão desesperada, apertando o rosário entre os dedos finos e nervosos.

Tudo isso me causou estranha impressão, verdadeiramente perturbadora. Que teria acontecido, afinal, a essa velha tonta?

E' EVIDENTE que a princesa se julga odiada por Cristo. Voltou hoje ao assunto. Suas orações de nada servem, disse-me ela, pois Êle recusa-se perdoá-la. Não quer escutá-la e, ao mesmo tempo que parece ignorar sua existência, não lhe concede um momento de paz. É uma provação de tal modo terrível que ela não pode mais suportá-la. Respondi que, em minha opinião, deveria consultar seu confessor, que sempre demonstrara calorosa compreensão por suas dificuldades espirituais. Ela abanou a cabeça — já o fizera mas o confessor não podia ajudá-la. Não a compreendia. Pensava sempre que ela era uma mulher sem pecados. Sorri irônicamente dessa afirmação do astucioso monge. A princesa pediu-me então a minha opinião pessoal a respeito dela. Disse-lhe que a considerava uma mulher corrupta, que estava convencido de que ela se encontraria entre as almas condenadas a arder no inferno por tôda a eternidade. Então, a princesa atirou-se sùbitamente de joelhos a meus pés; torcendo as mãos até ficar com os nós dos dedos brancos, soltava suspiros e gemidos entrecortados, e suplicava-me que tivesse piedade dela, que aliviasse sua imensa angústia. Deixei-a convulsa a meus pés, em parte porque não possuía meio algum de ajudá-la e em parte porque achava perfeitamente justo que ela sofresse. Agarrou minhas mãos e alagou-as de lágrimas candentes, tentou beijá-las mas eu retirei-as, tentando impedir semelhante gesto. Minha atitude fê-la gemer e choramingar ainda mais, mergulhando-a visìvelmente num estado de agitação desesperada.

— Confessa teus pecados! — disse eu. E senti que minha expressão era muito severa.

Então, ela começou confessando todos os seus pecados, sua vida licenciosa, suas relações ilegítimas com certos homens por quem o Diabo fizera despertar nela baixos desejos carnais, seu prazer voluptuoso quando se sentia prêsa nas malhas de Satanás. Forceia-a a descrever pormenorizadamente seus pecados e a horrível satisfação que com êles obtinha; fi-la indicar o nome de todos os homens com quem mantivera relações pecaminosas. A princesa obedecia-me e tive assim um quadro abominável de sua vida dissoluta. Mas nunca indicou o nome de Don Ricardo. Como lhe apontasse essa lacuna, ela olhou-me interrogativamente e tinha o ar de quem compreendera mal a minha idéia. Então, também isso era um pecado? Respon-

di-lhe que sim, que era o mais horrendo de todos. Encarou-me demoradamente, com uma expressão de perplexidade e quase de dúvida, sem entender bem o que eu queria dizer. Mas notei em seguida que refletia sôbre minhas palavras, nessa noção inteiramente nova para ela, e que suas reflexões lhe causavam enorme ansiedade. Perguntei-lhe se não amara Don Ricardo acima de todos os outros. "Sim", murmurou numa voz quase imperceptível. E recomeçou o pranto, mas de um modo mais natural que antes. Continuou chorando por tanto tempo que acabei por fartar-me daquilo tudo.

— Agora tenho de sair, — disse eu.

Com um olhar suplicante e desesperado, ela reteve-me por uma aba do gibão.

— Também tu não podes consolar-me? Que devo fazer para que Cristo tenha piedade de mim?

— É muito presunçoso de vossa parte pretender semelhante coisa, Alteza, — retorqui. — Estais tão carregada de pecados que me parece muito natural Cristo não escutar vossas preces. Êle não foi crucificado para a redenção de pessoas como vós.

A princesa ouvia-me humildemente e respondeu que tinha exatamente essa mesma impressão. Sim, era isso o que ela sentia no fundo da alma quando se ajoelhava diante do crucifixo. Sempre suspirando, mas agora mais calma, sentou-se e confiou-me que se considerava a maior pecadora de tôda a humanidade, não podendo por isso contar com a mercê do perdão divino.

— Amei muito. Mas não era a Deus e a seu Filho que eu amava. Portanto, é justo que seja punida.

Agradeceu-me então a bondade que tivera em escutá-la. Isso a aliviava de uma confissão, embora não pudesse, como compreendia muito bem, obter o perdão para seus pecados. E fôra essa a primeira vez que pudera chorar.

Deixei-a sentada em seus aposentos, os olhos vermelhos, os cabelos desalinhados como um ninho de galinha.

O PRÍNCIPE e Fiammetta estão freqüentemente juntos. Ficam muitas vêzes a sós depois da ceia e sou eu quem os serve. A princesa e êle também tinham o hábito de se atardar em tais bate-papos noite adentro, porém mais raramente. Fiammetta é uma verdadeira beleza. Jamais vi numa mulher rosto mais duro que o dela: não fôsse tão belo e seria fácil perceber que não existe nêle o menor traço de bondade. Seus olhos negros, onde brilha um lampejo invariável, exercem um poder irresistível.

Suponho que ela também é fria no amor, dando pouco de si e exigindo muito em troca: a submissão completa do homem a quem ela se digna conceder seus favores amorosos. Isso não desagrada ao príncipe. Pode ser, pelo pouco que sei a tal respeito, que em amor a frieza seja tão apreciada quanto o calor.

Pela parte que me toca, não sinto animosidade alguma contra esta mulher. O mesmo não acontece com os outros. Ela trata os servidores como se êstes fôssem lixo desprezível, o que os deixa inconformados, tanto mais que Fiammetta não é a senhora mas uma simples concubina. Além disso, não parece considerar as damas da côrte como suas iguais. Pergunto a mim próprio se esta bela mulher terá admitido alguma vez que outra mulher a possa igualar. Essa impressão me parece causada mais por um orgulho inato do que por simples atitude altaneira. E, naturalmente, é exasperante. Mas os outros não se atrevem a revelar sua cólera, pois se a princesa não se recuperar é muito possível que Fiammetta acabe ocupando o lugar dela.

Todo o mundo afirma que ela se "deixou seduzir" por pura ambição, que seu sangue é frio como o de um peixe e que seu comportamento denuncia a mais completa depravação. Não entendo o que querem dizer com isso pois, em comparação com as outras, que se conduzem com tanto despudor, até que Fiammetta me parece muito comedida.

O príncipe está fascinado por ela e comporta-se sempre com a maior cortesia e delicadeza de espírito na sua presença. O resto do tempo, êle me parece muito inquieto, nervoso e irritadiço; é capaz de se deixar arrebatar violentamente contra seus servidores — o que antes nunca ocorria — ou mesmo contra os altos dignitários da côrte. Dizem que está furioso

com a reviravolta dos acontecimentos e com o descontentamento que lavra entre seus súditos, porquanto deixou de ser o que se pode verdadeiramente chamar um príncipe "popular". Os famintos que vêm por vêzes reclamar pão em altos gritos sob as janelas do paço deixam-no de péssimo humor.

Considero indigno de um príncipe dar a mínima importância à opinião da populaça que o cerca. A plebe tem sempre de gritar e reclamar, por um motivo ou outro. Um príncipe não teria tempo para mais nada se se preocupasse com os clamores da gentalha.

Fala-se que meu amo mandou fustigar em segrêdo o grande astrólogo da côrte, Nicodemus, para puni-lo, por seus prognósticos exageradamente favoráveis. É possível, pois seu pai fêz, certo dia, a mesma coisa mas, dessa vez, porque as previsões tinham sido desagradáveis.

Não é fácil ler nas estrêlas. E ler de tal modo que os homens fiquem sempre contentes com o que nelas se vê.

A SITUAÇÃO da cidade piora cada vez mais. É forçoso reconhecer que a fome grassa agora na capital. Dia após dia, aumenta o número de pessoas mortas de fome — ou de fome e frio ao mesmo tempo, é impossível apurar. As ruas e praças estão repletas de gente que já não tem fôrça para caminhar e parece indiferente a tudo o que a rodeia. Outros vagueiam à-toa, rosto esquálido, em busca de alguma coisa que se possa comer ou, pelo menos, acalmar a atroz sensação de fome. Caçam-se gatos, cães e ratos, ora considerados iguarias suntuosas. Os ratos, de que se falava no início do cêrco como de um flagelo para os acampamentos de refugiados, onde os montes de lixo e despejos os atraíam em grandes mandos, são agora uma carne muito procurada. Mas já se diz que estão prestes a desaparecer, sendo cada vez mais difícil apanhar um. Parece que foram atingidos por uma doença contagiosa, pois por tôda a parte se vêem seus cadáveres. Começam pois escasseando no momento em que maior falta faziam.

Não me surpreende que os ratos não suportem o convívio de gente como essa!

OCORREU algo verdadeiramente incrível. Vou tentar narrá-lo com calma, acompanhando a ordem dos eventos. Não é assim tão fácil, porquanto tive um papel importante e ativo no que se passou e ainda me encontro sob o impacto da emoção. Mas, como já tudo acabou e, posso desde já dizê-lo, acabou de maneira feliz, dando-me fartos motivos para estar satisfeito com o papel que desempenhei e com o desfecho, vou dedicar uma parte da noite a relatar o que aconteceu.

Estava sentado ontem à noite junto da minha janela e observava os fogos no acampamento de Boccarossa, como tenho o costume de fazer antes de ir para a cama, quando surpreendi, de súbito, um vulto humano deslizando furtivamente entre as árvores que marginam o rio, na direção da ala oriental do palácio. Pareceu-me deveras estranho que alguém andasse lá por fora a tais horas e perguntava a mim próprio se seria uma pessoa do paço. Embora fizesse luar, havia tanta neblina que só a muito custo era possível divisar os contornos dêsse homem que, além disso, devia estar envôlto em larga capa. Vi-o então correr em disparada até à ala e sumir por uma pequena porta lateral. Dir-se-ia ser um residente do palácio, pois dava provas de conhecer bem o lugar. Mas algo em suas maneiras despertou minha desconfiança, já espicaçada pelo modo como o desconhecido vinha agindo até agora. Decidi esclarecer o mistério e, saindo apressado para a noite, encaminhei-me para a mesma porta por onde o vulto desaparecera. Empurrei-a de leve. Uma completa escuridão reinava na escada mas não existe outra em todo o palácio que eu conheça melhor do que essa, por ter sido forçado inúmeras vêzes a passar por ela há alguns anos. Conduz ao setor do palácio onde se encontra o quarto de Angélica. E atualmente só leva até aí, porquanto as demais peças estão tôdas desocupadas.

Alcancei tateando a porta de Angélica e agucei o ouvido. Para meu espanto inexprimível — se bem que minhas suspeitas já me tivessem preparado para isso — ouvi duas vozes lá dentro. Uma era a de Giovanni!

Os dois jovens falavam baixo mas meu excelente ouvido pôde captar o que diziam. Era, evidentemente, uma "felicidade" comovente e infinita, essa de que eu estava sendo a invisível testemunha. "Meu bem amado!" suspirava um,

"Minha querida!" respondia outro, e outra vez "Bem amado!" e "Bem amada!". Não se ouvia outra coisa. Ao diálogo faltava todo o interêsse para um terceiro. Não fôsse a gravidade da situação, teria achado ridícula essa repetição monótona das mesmas frases mas, desgraçadamente, nada havia de ridículo na ocorrência. Eu sentia um frio glacial em minhas veias enquanto os escutava repetindo incansàvelmente essas palavras tão ternas quanto imprudentes. Sem dúvida, teriam ficado petrificados de horror se se apercebessem de tudo o que elas implicavam e do significado que as revestia proferidas por seus lábios. Ouvi então os dois criminosos beijarem-se e jurarem amor eterno, à sua maneira infantil e um pouco canhestra. Era de causar arrepios.

Afastei-me a tôda a pressa. Onde poderia encontrar o príncipe? Estaria ainda na sala de jantar, após a ceia, onde eu o deixara há menos de uma hora com Fiammetta, quando o príncipe disse que já não precisava mais dos meus serviços?

Já não precisava mais de mim! A expressão me parecia estranha agora, enquanto, tateando as paredes, me apressava em descer a escada. Um príncipe tem sempre necessidade do seu anão.

Atravessei o pátio nobre, estugando o passo, até ao arco que liga a ala antiga e a ala nova do palácio. Também aí as escadarias e corredores estavam escuros como breu. Prossegui meu caminho e encontrei-me, finalmente, um pouco esbaforido, diante da grande porta de duplos batentes. Nada se ouvia. Mas êles podiam, mesmo assim, estar aí dentro. Gostaria imenso de ter podido certificar-me. Infelizmente, para minha viva contrariedade, a fechadura estava muito alta para mim e não pude entreabrir a porta. Fiquei escutando mais um instante. Depois, tive de afastar-me sem conseguir adquirir certeza alguma.

Dirigi-me então para o quarto de dormir do príncipe. Não fica longe mas está no andar superior. Quando cheguei à sua porta, encostei-lhe o ouvido e pus-me de nôvo à escuta. Tampouco notei qualquer som, nada que me pudesse dizer se o príncipe meu senhor se encontrava em seus aposentos privados. Estaria dormindo? Era possivel. Deveria despertá-lo? Não, isso estava fora de cogitações. Jamais me atreveria a fazer tal coisa. Entretanto, minha mensagem era de extrema

importância. Jamais estivera à minha guarda tão urgente e grave informação.

Reuni tôda a minha coragem e bati. Nenhuma resposta. Volteì a bater com tôda a fôrça, de punhos fechados. Nada,

Certamente êle não estava. Sei como é leve o sono do meu amo. Onde estaria? Minha agitação crescia. Estava perdendo um tempo precioso. Onde poderia encontrar o príncipe?

Talvez no quarto de Fiammetta. Era possível que se tivessem ambos retirado para aí, a fim de se sentirem ao abrigo dos indiscretos. Era a minha última esperança.

Precipitei-me de nôvo escadas abaixo e atravessei o pátio de honra. Fiammetta habita numa outra parte do palácio, para dissimular suas relações com o príncipe. Tive de atravessar o pátio em diagonal.

Alcancei o arco mas, como conheço menos esta parte, tive certa dificuldade em encontrar o caminho certo. Enganei-me de escada, tive de voltar a descer e subir de nôvo por outra. Era terrìvelmente difícil orientar-me através dos corredores escuros e, cada vez mais contrariado pelo tempo assim perdido, precipitava-me por aqui e ali às cegas. Estava fazendo o papel de uma toupeira errando em suas galerias subterrâneas, em busca de alguma prêsa. Tal como as toupeiras, felizmente, eu também sou capaz de ver no escuro. Meus olhos parecem ter sido feitos para isso. Por outro lado, eu também sabia para onde dava a janela de Fiammetta e, pouco a pouco, acabei por achar-me no bom caminho e cheguei à porta certa.

Colei o ouvido à porta. Havia alguém la dentro? Sim.

Escutei primeiro o riso frio da dama de honor. Embora nunca o tivesse escutado antes, sabia que seu riso tinha de ser assim. Era uma risada breve e dura, talvez um pouco forçada, mas sedutora, de qualquer modo. Ouvi pouco depois o riso do príncipe, macio e contido. Soltei um suspiro de alívio.

Percebi em seguida as vozes de ambos mas não o que diziam; deviam estar no fundo do quarto. Êles não se contentavam em repetir a mesma frase; mantinham uma autêntica conversa. Ignoro se falavam de amor mas ponho as minhas dúvidas; o tom do diálogo não era disso. Depois, fêz-se um brusco silêncio. Por mais que aguçasse o ouvido, nada conseguia ouvir. Momentos depois, percebi uma espécie de respiração ofegante e compreendi que ambos se entregavam a

um ato vergonhoso. Senti uma ligeira náusea. Embora estivesse convencido de que meu estado de super-excitação me impediria de experimentar verdadeiro sofrimento, afastei-me pelo corredor para o recanto mais distante possível sem me arriscar a perder a saída do príncipe. E esperei. Esperei todo o tempo que me era possível, para evitar ouvir de nôvo aquêles repugnantes sons. Pareceu-me que a espera durava uma eternidade.

Quando voltei ao pé da porta, enfim, êles conversavam na cama sôbre não sei o quê. Essa inesperada mutação causou-me tanto prazer quanto perplexidade, e fiquei esperando poder em breve dar conta do meu recado. Êles pareciam não ter pressa; continuavam deitados, falando sôbre coisas que, sem dúvida, eram despidas de qualquer importância. Isso me irritou imenso, ter de ouvi-los e, ao mesmo tempo, pensar em tôdas estas horas perdidas. Mas que podia eu fazer? Não me atrevia a revelar minha presença, surpreender meu amo e sua favorita em semelhante situação.

Finalmente, ouvi o príncipe levantar-se e começar se vestindo de nôvo, embora continuasse discutindo com sua companheira de alcova alguma questão sôbre a qual era evidente não estarem de acôrdo. Afastei-me novamente da porta e voltei para o meu esconderijo nas trevas do corredor.

Quando o príncipe saiu, veio sem saber na minha direção.

— Vossa Graça! — murmurei, mantendo-me prudentemente a certa distância.

Ficou furioso quando notou a minha presença e apostrofou-me da maneira mais insultuosa.

— Que fazes aqui? Que andas tu espionando, monstrozinho miserável? Serpente pegajosa, onde estás que te esmago!

E tateava no corredor, de braços estendidos. Mas não pôde alcançar-me, é claro, por causa da escuridão.

— Deixai-me falar, Alteza! Deixai-me contar-vos o que me trouxe aqui! — disse eu no tom mais calmo de voz que pude encontrar, embora, em meu íntimo, estivesse terrìvelmente atordoado. Êle consentiu então em que me explicasse.

Atirei-lhe logo na cara que sua filha ia ser violada pelo filho de Ludovico Montanza, que penetrara no castelo para vingar seu pai lançando eterna desonra sôbre tôda a casa.

— É mentira! — gritou o príncipe. — Que história idiota estiveste inventando? É mentira!

— Não, é a pura verdade, — protestei, aproximando-me cautelosamente dêle. — Giovanni está no quarto da princesa e escutei os preparativos do crime. Chegareis tarde demais, talvez. O ato já deve ter sido perpetrado, mas ainda é possível que o encontreis perto dela.

Percebi que o príncipe acreditava, enfim, em minhas palavras, pois parecia ter sido fulminado por um raio.

— Impossível! — disse êle mas, ao mesmo tempo, caminhou apressadamente para a saída. — Impossível! — repetiu. — Como poderia êle penetrar em nossa cidade... e no palácio, que está tão guardado?

Correndo o mais que podia para acompanhar as largas passadas do meu amo, respondi que também não entendia semelhante coisa mas que vira primeiro o jovem príncipe na margem do rio e que êle certamente viera por êsse lado, talvez de barca ou coisa parecida — quem sabe que idéias podem ocorrer a um môço tão temerário? — esquivando-se depois, furtivamente, pelo pátio nobre até alcançar a pequena porta.

— Impossível! — insistia o príncipe. — Ninguém pode entrar na cidade pelo rio, entre as fortalezas das duas margens, onde há arqueiros e artilheiros postados de sentinela dia e noite. Isso é completamente absurdo.

— Sim, também acho, — admiti. — Não consigo entender nem o diabo explicaria como o jovem conseguiu chegar até aqui, mas a verdade é que chegou. Ouvi a voz dêle. Foi a voz dêle que ouvi, tenho certeza.

Tínhamos chegado ao pátio de honra. O príncipe afastou-se apressadamente na direção da porta de armas, para ordenar aos guardas que exercessem a mais rigorosa vigilância em todo o castelo, a fim de que Giovanni não tivesse oportunidade alguma de escapar. A precaução era sábia e lógica... mas, se por acaso o criminoso já estivesse em fuga? Se ambos tivessem fugido? Esta horrenda suspeita obrigou-me a correr tão velozmente quanto minhas curtas pernas consentiam, cruzando primeiro o pátio de honra e, depois, galgando a escada que leva aos aposentos de Angélica.

Encostei o ouvido à porta. Nenhum ruído. Já teriam os enamorados partido? Após minha louca correria e à idéia

de que tivessem podido escapar, meu coração batia tão forte que me impedia, talvez, de ouvir qualquer outra coisa. Tentei me acalmar e retomar uma respiração tranqüila e normal. Escutei de nôvo. Não, nenhum som saía do quarto. Que raiva a minha! Tive a impressão de que enlouqueceria. Finalmente, não podendo suportar mais essa incerteza, decidi entreabrir levemente a porta. Consegui-o sem fazer barulho. Pela estreita abertura, pude ver que havia luz lá dentro... mas nenhum som, nada que revelasse uma presença humana. Deslizei para dentro do quarto e recuperei de chôfre a minha tranqüilidade de espírito. À luz da pequena vela que tinham esquecido de apagar, vi-os — para meu júbilo — repousando lado a lado no leito de Angélica. Tinham adormecido como um casal de crianças fatigadas após sua primeira experiência da natureza bestial do amor.

Apanhei a vela e acerquei-me dêles. Estavam deitados com o rosto voltado um para o outro, as bôcas entreabertas, ainda corados da emoção do terrível crime que acabavam de cometer mas de cuja gravidade o sono parecia ter-lhes roubado a noção consciente. Tinham os cílios úmidos e pequenas gôtas de suor sôbre o lábio superior de ambos. Contemplei o sono dêles, quase inocente em sua ingênua despreocupação, em seu esquecimento do perigo e do mundo inteiro. Será a isso que os homens chamam felicidade?

Giovanni estava deitado à beira da cama. Uma madeixa de cabelos negros tombava-lhe sôbre a testa e um tênue sorriso deslizava-lhe nos lábios, como se êle tivesse cometido uma bela proeza. Do pescoço pendia-lhe a fina corrente de ouro com o medalhão que continha o retrato de sua mãe, a princesa que, segundo parece, está no Paraiso.

Ouvi então o príncipe meu senhor e seus homens na escada. Instantes depois, êle entrava de repente, seguido de dois guardas-nobres, um dêles empunhando um archote. O aposento ficou iluminado mas nada perturbava o sono profundo do casal adormecido. O pai quase cambaleou quando se acercou do leito e constatou sua incomparável desonra. Pálido de raiva, apanhou a espada de um dos guardas e, de um só golpe, separou a cabeça do corpo de Giovanni. Angélica, despertada em sobressalto, assistiu com os olhos dilatados pelo terror como arrancavam do leito seu amante ensangüentado, para lançar seu corpo e logo a cabeça destroncada pela janela, até se ouvir

o baque surdo da queda nos montes de lixo embaixo das muralhas. Angélica desmaiou e ainda não recuperara a consciência quando partimos.

Tremendo de emoção, após êsse ato tão eficientemente cumprido, o príncipe teve de apoiar-se à ombreira da porta ao sair. Regressei aos meus aposentos. Caminhava lentamente, pois não havia motivo algum para pressa. No pátio, vi o archote que alumiava o caminho do príncipe, até desaparecer além do arco, como se as trevas o tivessem apagado.

ANGÉLICA sofre de uma febre maligna que o doutor não consegue explicar e ainda não recuperou a consciência. Ninguém sente compaixão por ela. Admite-se que não opôs resistência alguma à sedução e que, pelo contrário, a favoreceu. Também se considera que sua desonra maculou a casa principesca e todo o reino. Está aos cuidados de uma velha plebéia. Nenhum membro da côrte vai visitá-la.

O corpo do seu criminoso amante foi lançado ao rio, porque não queriam continuar a vê-lo junto do palácio. Soube que não afundara nos remoínhos mas fôra levado pela corrente até ao mar.

Uma doença muito estranha fêz sua aparição na cidade. Dizem que começa por tremores e uma horrível dor de cabeça, depois inflamam-se os olhos, a língua incha tanto que não se pode mais falar, o corpo fica todo vermelho e um sangue impuro ressuma por tôda a pele. Os doentes reclamam água o tempo todo, em altos gritos, como se um fogo interior os devorasse. Os médicos são impotentes — mas isso não é de estranhar, pois sempre foi assim. Quase todos os que foram atingidos pela doença já morreram e não se sabe o número certo.

Na côrte ainda não tivemos, naturalmente, qualquer caso. A epidemia continua limitada aos mais pobres e menos alimentados, sobretudo entre os refugiados, o que é devido, sem dúvida, à incrível imundície de seus acampamentos e de tôda a cidade. Não me espanta que morram por causa da sujeira em que vivem.

Angélica não pode ter contraído essa doença. Sua febre é a mesma de que ela sofreu na infância, já não me lembro quando e em que circunstâncias. Sempre teve estranhas enfermidades, por motivos que não têm influência alguma na saúde de outrem. Sim, agora me lembro de repente que a doença começou no dia em que degolei seu gatinho de estimação.

A EPIDEMIA alastra dia a dia. Já não atinge apenas os pobres. As casas enchem-se de gemidos, as praças e ruas também, pois o número de habitantes em umas e outras é sensìvelmente idêntico. Os transeuntes podem ver os doentes contorcendo-se por terra sôbre suas camas de trapos e ouvem-nos soltar gritos desesperados. O sofrimento é tão cruel que levou às raias da loucura alguns dêsses infelizes. Nada mais horrível do que percorrer a pé a cidade; as descrições que nos fazem estão repletas de pormenores repugnantes, verdadeiramente intoleráveis. O hálito dos enfermos espalha na atmosfera um terrível cheiro fétido, o seu corpo enche-se de abscessos que, ao rebentarem, vertem um líquido nojento. Não consigo escutar êsses relatos sem sentir vertigens e náuseas.

A maioria das pessoas põe sem hesitar a culpa da epidemia nos refugiados. Detestam-nos cada vez mais. Outros dizem que é castigo de Deus pelos grandes pecados da humanidade, que êste sofrimento vai purificá-la e torná-la mais submissa à vontade divina.

Estou bastante inclinado a considerar a atual epidemia um castigo. Mas se é o Deus dos homens quem brande o flagelo, isso não sei. Pode muito bem ser uma outra potência sobrenatural — bem mais sombria.

Sentado à minha janela de anão, contemplo a cidade.

A PRINCESA leva uma vida bizarra. Seu quarto, que ela nunca abandona, permanece em constante penumbra, pois mandou colocar espessos reposteiros em tôdas as janelas. Diz não ser digna de desfrutar a luz do sol. As paredes estão

nuas, não há mesas nem cadeiras, sòmente um genuflexório aos pés do crucifixo. Dir-se-ia a cela de um convento. A cama ainda continua no quarto mas a princesa já não se serve dela e passou a dormir num monte de palha que, como nunca é mudado, está cada vez mais sujo e mal cheiroso. Quando se entra no quarto, começa-se por não enxergar coisa alguma. É preciso habituar-nos gradualmente à falta de claridade. Depois, descobre-se a princesa, semivestida, cabelos em desalinho, completamente indiferente ao aspecto físico. Seus olhos são febris, o rosto macerado, pois quase nada come para se mortificar. Sua rústica e estúpida camareira não pára de gemer que a senhora recusa quase tudo o que lhe leva para comer. Por vêzes, aceita apenas um pouco de alimento para se ver livre dos prantos daquela idiota. Quanto à camareira, é gorda e luzidia, empanturrando-se de tudo o que lhe caia à mão. Sem parar seus lamentos, devora os bons pratos suculentos que sua ama recusou.

A arrependida passa a maior parte do tempo diante do crucifixo, repetindo suas vãs preces. Ela sabe que nada conseguirá e, antes de começar, dirige uma súplica especial ao crucificado rogando-lhe perdão por ainda se lhe dirigir. Por vêzes, em seu desespêro, abandona o rosário e, fixando os olhos febris no Salvador, improvisa suas próprias orações. Mas nem por isso Êle a escuta mais. Acontece amiúde ela não ter sequer fôrças para se levantar sem a ajuda de sua aia; não poucas vêzes tem desmaiado de exaustão, ficando prostrada por terra até que a aia entre no quarto e a arraste até seu monte de palha.

A princesa julga-se responsável por todos os males que nos ferem. Seu estado de pecadora seria a causa de nossos sofrimentos e dos terríveis acontecimentos que nos vitimam. Não sei até que ponto se dá conta do que acontece à sua volta; estou inclinado a crer que não tem uma idéia precisa. Mas deve ter um vago pressentimento de que tudo o que a cerca está impregnado de horror. Entretanto, penso que êsse mundo lhe deve ser inteiramente indiferente e que considera desprovido de importância o que se passa fora do seu quarto. Vive num mundo particular em que as outras questões não a preocupam.

Ela compreende agora que o amor por Don Ricardo foi o seu maior pecado, pois a levava a conferir demasiada importância à própria vida. A princesa amava-o acima de tudo e, confiou-me ela um dia, os sentimentos que Don Ricardo lhe inspirava enchiam todo o seu ser, faziam-na infinitamente feliz. Ora, não se deve amar tanto uma criatura humana. Só a Deus se pode amar assim.

Não sei em que medida a sua humildade e abatimento serão fruto de eu ter-lhe aberto os olhos para sua vida criminosa e para os terríveis castigos que a esperam no inferno. Descrevi-lhe os tormentos dos danados, das almas perdidas a quem Satanás seduziu, e ela escutou-me contritamente. Há algum tempo que a princesa começou a flagelar-se.

Mostra-se sempre imensamente reconhecida por tudo o que fiz, quando venho visitá-la. Evito fazê-lo com muita assiduidade.

ANGÉLICA melhora de sua doença e convalesce. Mas nunca aparece nas refeições e muito menos na côrte. Vi-a apenas algumas raras vêzes no roseiral ou sentada na margem do rio, de olhos fixos nas águas. Seus olhos tornaram-se, se isso é possível, ainda maiores e mais vítreos. Dir-se-ia serem os olhos de uma cega.

Notei que usava ao pescoço o medalhão de Giovanni e que na jóia há uma pequena mancha de sangue. Deve tê-lo encontrado na cama e decidido conservá-lo como lembrança do môço. Mas poderia ter começado por limpá-lo.

Penso que a mãe deve estar no paraíso ao passo que seu filho, degolado em pleno sono do pecado, sem orações nem sacramentos, deve consumir-se no inferno. Assim, mãe e filho têm escassas probabilidades de se reencontrarem. Talvez Angélica reze pela alma de Giovanni. Mas suas preces certamente não serão ouvidas.

Aliás, ninguém sabe em que ela verdadeiramente pensa. Não voltou a proferir palavra desde que despertou, naquela noite fatídica — ou, melhor dizendo, desde que dirigiu suas derradeiras palavras ao bem-amado. Que palavras foram essas

posso fàcilmente adivinhar, sabendo como sei o gênero de conversa que êles tinham.

Ela vagueia sòzinha e todo o mundo lhe foge.

Os que consideram a peste e outros males um castigo divino a que não se pode fugir mas que, pelo contrário, devemos agradecer ao Todo-Poderoso, percorrem atualmente as ruas proclamando sua fé e flagelando-se, para ajudar Deus a salvar-lhes a alma. Andam em grupos, olhos encovados, tão emagrecidos pela fome que não poderiam agüentar-se de pé se o êxtase não os amparasse. O povo segue-os por tôda a parte e acredita que tal conduta deverá abrir caminho a uma verdadeira renascença religiosa. Para aderir a êsses místicos, há quem abandone lar, família, profissão, até mesmo seus pais moribundos. De tempos em tempos, ouve-se alguém soltar uma exclamação de júbilo, penetrar no grupo e na mesma hora começar se flagelando e soltando gritos exaltados. Todo o mundo se põe louvando o Senhor, enquanto os transeuntes, em redor dêles, se ajoelham na rua. Esta vida terrestre, de que só se vê a miséria e o horror, deixou de ter para êles interêsse e valor. Apenas se preocupam com o destino de sua alma.

Os padres não vêem com bons olhos êsses fanáticos, que afastam os crentes das igrejas, impedem-nos de se incorporarem nas procissões solenes em que se carregam os andores dos santos e os meninos de côro balançam seus turíbulos de incenso nas ruas nauseabundas. Dizem os padres que êsses magarefes de si mesmos não têm fé e, por causa de seus excessos, privam-se das consolações da Santa Madre Igreja. Deus não pode ver com satisfação os atos dêsses fanáticos. Mas acredito que se alguém possui verdadeiramente uma alma religiosa, é aquêle que leva a sério a sua fé e a renúncia aos prazeres do corpo.

Também há muitas pessoas sôbre as quais os horrores ambientes apenas produzem o efeito de lhes tornar a vida ainda mais cara: o mêdo da morte leva-as a quererem gozar intensamente o que lhes possa restar de vida. Em certos palácios da cidade sucedem-se dia e noite, segundo parece, as mais desenfreadas orgias mas, entre os mais infelizes, alguns com-

portam-se de maneira análoga, entregando-se aos vícios que seus recursos lhes permitam. Agarram-se à sua existência miserável e não querem perdê-la a todo o custo. Quando na porta do castelo se faz a distribuição de pequenas rações de pão, podemos assistir às disputas que se travam entre êsses pobres diabos, dispostos a despedaçarem-se uns aos outros por uma insignificante migalha.

Por outro lado, segundo dizem, há gente que se sacrifica pelos seus semelhantes, que cuida dos enfermos, embora isso só sirva para que êsses abnegados também contraiam a peste. Indiferentes à morte e ao resto, parecem não se aperceber dos riscos que correm. Têm uma certa afinidade com os maníacos religiosos, embora suas manifestações sejam diferentes.

Em suma, a acreditar nos relatos que me chegam aos ouvidos, os habitantes da cidade vivem como antes, cada um segundo seu feitio e sua natureza, mas de um modo mais exagerado, mais histérico, e o resultado me parece destituído de qualquer valor aos olhos do Deus dêles. Por isso pergunto a mim próprio, muitas vêzes, se teria sido realmente Êle quem mandou a peste e demais aflições.

FIAMMETTA passou hoje por mim. Evidentemente, não se digna sequer dirigir-me um olhar. Mas como é bela em sua altaneira indiferença por tudo o que a cerca! No meio da fealdade e da agitação febril, ela exerce o efeito de uma brisa refrescante. Há em sua pessoa orgulhosa e inacessível algo que transmite uma sensação de repouso e segurança. Não se deixa influenciar pelos horrores da vida; pelo contrário, domina-os. Sabe até explorá-los em seu próprio proveito. Pouco a pouco, imperceptìvelmente, dignamente, como se fôsse a coisa mais natural do mundo, Fiammetta está tomando o lugar da princesa. Os cortesãos, considerando que nada se pode fazer contra êsse estado de coisas, resignam-se. É impossível deixar de admirar Fiammetta.

Se uma outra pessoa qualquer passasse por mim sem me olhar, eu ficaria furioso. Mas, da parte dela, essa atitude me parece muito natural.

Compreendo perfeitamente que o príncipe esteja apaixonado por tão extraordinária mulher. Eu também seria capaz de amá-la, mas o meu caso é diferente. Serei capaz de amar alguém? Não sei. Em todo o caso, se isso me acontecesse, teria sido a princesa. E, pelo contrário, detesto-a.

Entretanto, reconheço que ela teria sido a única pessoa a quem eu poderia amar. Não entendo porque. É inexplicável.

Verdadeiramente, não se sabe o que é o amor.

ANGÉLICA afogou-se no rio.

Deve ter feito isso ontem à noite, ou na noite anterior, pois ninguém a viu. Mas deixou uma carta que não permite dúvida alguma sôbre o modo como pôs têrmo à vida. Procurou-se seu corpo durante o dia todo, no trecho do rio que atravessa a cidade sitiada. Deve ter sido arrastada pela corrente, como Giovanni.

Uma terrível agitação reina na côrte. Todos estão comovidos e ninguém se habitua à idéia da morte de Angélica. Por minha parte, acho o acontecimento muito natural. Seu amante está morto e agora ela também está morta. Mas os cortesãos lamentam-se, dirigem-se censuras recíprocas e, sobretudo, comentam e discutem a carta. Seu texto é repetido de bôca em bôca. O príncipe, aparentemente, ficou muito emocionado quando tomou conhecimento dessa carta, mas ainda mais ficou pelo sucedido. As aias da princesa suspiram e soluçam, derretem-se em lágrimas sôbre as frases enternecedoras dessa carta. Não entendo semelhante atitude. Não consigo ver o que há de extraordinário nessas linhas que em nada alteram o que se passou nem atenuam o crime cometido, sôbre o qual todos estavam de acôrdo, tão recentemente, que merecia a mais severa condenação. A carta nada contém de nôvo.

Fui obrigado a ouvi-la tantas vêzes que já a sei quase de cor. Eis o seu texto:

"Não quero continuar junto de vós. Fôstes muito bom para mim, mas não vos compreendo. Não com-

preendo como pudestes arrebatar-me o meu bem-amado, aquêle que viera de tão longe, de um outro país, para me anunciar a existência de uma coisa que se chama amor — um sentimento cuja existência eu ignorava. Desde o momento em que vi Giovanni, adivinhei que o amor é a única coisa que existe no mundo e percebi por que motivo a vida me parecera até então algo insuportável.

"Agora, não quero continuar aqui, onde êle já não se encontra, e meu único anseio é segui-lo. Roguei a Deus e Êle prometeu-me que irei unir-me a Giovanni para ficarmos eternamente juntos. Mas não pôde dizer-me onde tem intenção de me levar. Vou deitar-me tranqüilamente no rio e Êle me conduzirá onde tiver de ser.

"Não deveis acreditar que atentei contra a minha vida, pois contento-me em fazer o que me foi ordenado. E não estou morta, pois fui simplesmente juntar-me ao meu bem-amado por tôda a eternidade.

"Levo comigo o medalhão, embora não me pertença, porque assim me foi dito que fizesse. Abri-o: a imagem que êle contém encheu-me do desejo de abandonar êste mundo.

"Ela me pediu que vos dissesse que vos perdoou. Eu também vos perdôo de todo o coração.

Angélica."

Meteu-se na cabeça da princesa que foi a culpada pela morte de Angélica. Foi a primeira vez que notei um pouco de interêsse dela por sua filha. Flagela-se mais cruelmente que nunca para apagar mais êsse pecado, faz jejum e implora perdão ao crucificado.

O crucificado nada responde.

ESTA manhã, o príncipe mandou-me entregar uma carta a Mestre Bernardo, no convento franciscano de Santa Cruz.

Há tempo que o artista não se mostra no paço e os acontecimentos dos últimos meses quase fizeram esquecer sua existência.

Foi com relutância que me dirigi à cidade. Ainda aí não estivera desde que a peste começou grassando. Não que tenha mêdo da doença mas certos espetáculos são tão desagradáveis que lhes fujo. Minha repugnância viu-se logo justificada, pois o que fui obrigado a presenciar encheu-me, simultâneamente, de sombria exaltação e de um sentimento da precariedade das coisas, do desmoronamento de um mundo de vaidade e ostentação. Doentes e moribundos orlavam meu caminho e os que já tinham perdido a vida eram amontoados pelos frades coveiros, cujo capuz negro tem dois orifícios aterrorizantes no lugar dos olhos. Suas silhuetas vêem-se por tôda a parte e dão algo de fantasmagórico ao ambiente lúgubre que reina na cidade. Eu tinha a impressão de percorrer o próprio reino da Morte. Mesmo as pessoas válidas já pareciam marcadas como suas próximas eleitas. Vagueiam pelas ruas, ainda existia vida na terra. Era impressionante observar a segurança de sonâmbulos com que evitavam pisar os montes de farrapos que lhes barravam o caminho e sob os quais era impossível adivinhar se existia ainda algum sôpro de vida. É impossível imaginar algo mais lamentável que essas vítimas da peste e fui obrigado muitas vêzes a desviar-me do caminho para não vomitar. A maior parte tinha apenas sôbre o corpo uns míseros andrajos, através dos quais se podia entrever repugnantes abscessos ou uma pele arroxeada indicando que o fim estava bem próximo. Outros gritavam selvàticamente para mostrar que ainda tinham vida, enquanto alguns jaziam inconscientes, com seus constantes movimentos convulsivos dos membros, de que já não tinham o contrôle. Eu jamais testemunhara tamanha degradação humana. Em alguns brilhava o olhar sem fundo da loucura; apesar de exaustos, lançavam-se sôbre as pessoas que tinham ido buscar água nas fontes para os doentes e arrancavam-lhes das mãos os baldes com tamanha violência que quase todo o líquido era derramado por terra. Outros rastejavam nas ruas como animais para alcançarem os poços, que pareciam ser a única meta comum de tôdas essas desditosas criaturas; para se agarrarem a uma existência sem valor, deixavam de comportar-se como sêres humanos e, tendo perdido tôda a noção de dignidade, rastejavam e uivavam como lôbos esfaimados. Não quero falar do fedor que exalavam. Só lembrar-me disso me causa vômitos. Na praça do mercado tinham-se instalado

piras onde eram queimados montões de cadáveres. O cheiro acre que se desprendia daí espalhava-se por tôda a cidade. Sôbre as casas pairava uma fumaça tênue, através da qual soava o badalar incessante dos sinos das igrejas.

Encontrei Mestre Bernardo absorto na contemplação da sua famosa Ceia, como tantas vêzes antes. Sentado, a cabeça grisalha inclinada para diante, parecia mais velho do que de costume. Na mesa da Ceia, Cristo repartia o pão entre os discípulos. Seus cabelos e fronte continuavam aureolados pela mesma luz sobrenatural. O cálice cheio de vinho dava uma volta à mesa, coberta de uma toalha alvinitente. Ali ninguém sofria de fome ou sêde. Mas o velho pintor tinha uma expressão pensativa e melancólica, no meio de seus pincéis.

Não me respondeu quando lhe anunciei que era portador de uma carta do príncipe e contentou-se em esboçar um movimento que significava poder eu depositar a carta onde quisesse. Mestre Bernardo não se deixava separar do seu próprio universo. Que espécie de universo seria êsse?

Saí de Santa Cruz entre mil reflexões.

De regresso passei diante do campanário, aquêle que deveria erguer-se mais alto que todos os outros. Bem entendido, a construção fôra interrompida durante a guerra e, na verdade, a obra fôra completamente esquecida. Assim inacabada, com uma última camada de pedras desiguais e em desordem porque as obras tinham sido bruscamente paralisadas, tinha o aspecto de ruínas. Só os baixos-relevos em bronze, representando cenas da vida do crucificado, tinham sido acabados e eram excelentes.

Aconteceu exatamente o que eu previra.

TODO o palácio está de luto. As paredes e os móveis foram recobertos de panejamentos negros; caminha-se sem ruído e só se fala em voz baixa. As damas de companhia trajam vestidos de sêda prêta e os cortesãos envergam gibões de veludo negro e luvas pretas.

Tudo isso se deve à morte de Angélica. Sua vida não exercera influência alguma na côrte. Mas agora há uma febre de luto por causa dela. Para chorar Angélica, deixou-se de

prantear Don Ricardo que está verdadeiramente morto, afinal de contas. Não se discute a defunta, pois Angélica nada tinha de especial, nada que pudesse suscitar o mínimo interêsse — aliás, ninguém sabe exatamente o que ela era. Contentam-se em chorá-la. Por tôda a parte se ouvem suspiros sôbre o destino dessa jovem princesa, e até sôbre o de Giovanni, embora êle fôsse um inimigo e membro de uma família detestada. Suspira-se a propósito do amor dêles, do qual, na verdade, não é lícito duvidar, e da morte a que o amor os conduziu. O amor e a morte são dois temas muito apreciados por esta gente, que acha delicioso derramar lágrimas a respeito de ambos, sobretudo, quando as duas coisas por acaso se reúnem.

O príncipe parece muito abatido. Pelo menos, é essa a minha impressão; anda ensimesmado e a ninguém se confia. Não sei se a ninguém mas, de qualquer modo, não a mim que, entretanto, já tive muitas vêzes o prazer de receber suas confidências. Mas isso era em circunstâncias muito diferentes. Agora, dir-se-ia que, pelo contrário, êle me evita, não recorre a meus préstimos com a mesma freqüência de outrora. Por exemplo, não me entregou pessoalmente a carta para Mestre Bernardo; mandou-ma entregar por um cortesão.

Em certos momentos, sou levado a pensar que êle começa a ter mêdo de mim.

A rubicunda aia da princesa está doente. Parece ter perdido, enfim, um pouco de suas côres. Ignoro o que ela terá.

É estranho, mas não temo em absoluto a peste. Sinto que ela não me atingirá. Por quê? Sinto-o, é tudo.

A peste é para os sêres humanos, para as criaturas que me rodeiam. Não para mim.

A princesa definha a olhos vistos. É penoso assistir à sua morte interior e ver a negligência, o desmazêlo e a sujeira que reinam à sua volta. De sua alta estirpe e de sua antiga personalidade apenas restam a obstinação e a fortaleza de alma com que aceita o seu destino e impede aos que a cercam de

tentarem qualquer mudança, ainda que ínfima, em seu modo de vida.

Depois da doença de sua aia, ninguém tem licença de aproximar-se dela e a imundície de seus aposentos é pior que nunca. Não come e, diante do seu estado de magreza, pergunto como pode ainda sobreviver.

Sou o seu único visitante. Ela me suplica que a ampare em sua aflição e que consinta em escutar sua confissão de antigos pecados.

ESTOU profundamente agitado. Saio do quarto da princesa e sinto-me prêso de pavor diante do poder que exerço, por vêzes, sôbre os sêres humanos. Vou contar o que foi a minha visita.

Quando cheguei nada enxergava, como de costume. Depois, as janelas, apesar de seus pesados reposteiros, destacaram-se das paredes em retângulos mais claros e, enfim, pude ver a princesa prostrada aos pés do crucifixo, imersa em suas eternas preces. Estava tão absorta que não me ouviu abrir a porta.

O quarto estava de tal modo irrespirável que me senti quase asfixiado; um arrepio de náusea percorreu-me o corpo. O cheiro, a semi-obscuridade, seu corpo prostrado, a esquálida e indecente nudez de seus ombros, os músculos salientes de seu pescoço, os cabelos desgrenhados como um ninho de gralhas, enfim, tudo o que um dia já fôra digno de amor me causava agora uma incontrolável repugnância. Senti-me furioso. Embora eu deteste os homens, não gosto de vê-los aviltarem-se.

De súbito, ouvi minha própria voz gritando nas trevas, mesmo antes da princesa ter notado minha presença.

— Por que rezas? — gritei. — Não te disse já que não devias rezar? Que não quero tuas orações?

Ela voltou-se sem espanto, gemendo docemente como uma cadela espancada, e encarou-me com humildade. Semelhante atitude não foi feita para diminuir a cólera de um anão. Continuei implacável:

— Pensas que Êle se preocupa com tuas preces? Que te perdoará porque não páras de orar e de confessar teus pecados? Ah, como tudo é simples com uma confissão! Acreditas que Êle se deixará ludibriar por tais ardis? Que não penetra no íntimo de tua alma?

Ela continuava imóvel, com o rosto voltado para mim.

— É então a Don Ricardo que tu amas, e não a Êle? — continuei. — Pensavas que eu não sabia? Pensas que me podes iludir com teus diabólicos artifícios, tuas mortificações, a flagelação de teu corpo lascivo? É teu amante que desejas, enquanto finges ansiar por Aquêle que está ali pregado na parede! É Don Ricardo que amas!

Ela olhou-me aterrorizada. Seus lábios exangues tremiam. Depois, lançou-se a meus pés balbuciando:

— É verdade! É verdade! Salva-me! Salva-me!

Senti-me violentamente emocionado por essa confissão.

— Prostituta licenciosa! — gritei. — Finges amar o teu Salvador enquanto, em segrêdo, repartes a cama com um debochado do inferno! Enganas o teu Deus com quem Êle precipitou nas profundezas do Inferno! Mulher diabólica, os olhos cravados no crucifixo, juras-Lhe o teu ardente amor mas todos os teus pensamentos evocam os abraços e as carícias de um outro! Não compreendes que Êle te odeia? Não compreendes?

— Sim... Sim... — gemia ela, contorcendo-se a meus pés como um verme que tivesse sido pisado. Senti nojo ao vê-la assim rastejando diante de mim. Coisa estranha, essa atitude, em vez de me causar um certo prazer, só serviu para me exasperar ainda mais. Estendeu os braços para mim.

— Castiga-me! Castiga-me, flagelo de Deus! — implorava ela. Tateando o chão, apanhou o chicote caído e entregou-mo, encolhendo-se como um cachorro subserviente. Agarreio-o com um misto de repugnância e raiva, e fiz o chicote silvar sôbre seu corpo execrável, enquanto gritava:

— É o Crucificado! É Aquêle que pende da parede que te pune agora, Aquêle que tantas vêzes beijaste com teus lábios impuros e escaldantes, Aquêle que tu, hipòcritamente, finges amar! Saberás tu o que significa o amor? Saberás o que êle exigiria de ti? Eu sofri por ti, mas isso jamais te preocupou! Vais aprender agora a conhecer o sofrimento!

Eu estava fora de mim, sem realmente saber o que fazia. Sim, eu sabia! Vingava-me, desforrava-me de todos e de tudo! Fazia justiça por minhas mãos! Exercia o meu terrível poder sôbre os homens. Não obstante, juro que não sentia júbilo algum.

Ela não proferiu queixa alguma durante a punição. Pelo contrário, manteve-se calma e silenciosa. E quando terminei, ficou quieta onde estava, sem se mexer, como se eu a tivesse libertado de sua angústia e seu tormento.

— Que possas tu arder eternamente no fogo da danação! Possam as chamas lamber eternamente o teu ventre ignóbil que desfrutou os horríveis pecados do amor!

Pronunciada esta sentença, deixei-a estendida por terra, como que desfalecida.

Voltei para o meu quarto. O coração latejante, subi a escada que conduz aos aposentos dos anões e fechei a porta...

Enquanto escrevo estas linhas, a minha excitação já desapareceu. Sinto apenas um vazio e um cansaço infinitos. Meu coração já não lateja. Já não o sinto. Fixo o espaço à minha frente e meu rosto solitário permanece taciturno e sem alegria.

Talvez ela tenha razão em chamar-me o flagelo de Deus.

Fui sentar-me à janela, na noite dêsse mesmo dia, e fiquei contemplando a cidade que se estende a meus pés. Banha-a a luz do crepúsculo, os sinos cessaram seu repicar dolente, os telhados das casas e os zimbórios das igrejas começam se dissipando. Na semi-obscuridade, vejo ainda a fumaça das piras funerárias serpenteando por cima de tudo e seu cheiro acre penetra-me as narinas. Um manto espêsso alastra por sôbre a cidade. Em breve a escuridão será completa.

A vida terá alguma finalidade? Para que serve? Qual é o seu sentido? Por que continua, tão morna e tão vazia?

Viro o archote para extingui-lo contra o chão negro. Caiu a noite.

A rústica camareira da princesa morreu. Suas bochechas vermelhas não impediram que ela morresse. Foi a peste que

a levou, embora durante muito tempo ninguém o acreditasse, porque a mulher não parecia sofrer tanto quanto os outros.

Fiammetta também morreu. Caiu doente esta manhã e ao cabo de algumas horas deixou de existir. Vi-a quando os fantasmas encapuzados vieram buscá-la. Tinha um aspecto horrível. Seu rosto estava inchado e desfigurado. Todo o seu corpo também devia assim estar. Nada mais existia nela que pudesse excitar admiração nos homens. Não passava de um cadáver repugnante. Estenderam uma mortalha sôbre suas formas monstruosas e levaram-na.

Na côrte, as pessoas têm mêdo do contágio da peste e queriam que o corpo de Fiammetta fôsse levado o mais depressa possível. Mas anunciou-se que seria sepultada essa tarde com honras especiais. Isso não serve para grande coisa, agora que ela já está morta.

Ninguém a lamenta.

O PRÍNCIPE talvez a lamente. Sim, deve lamentá-la. A menos que se sinta aliviado. As duas coisas, sem dúvida. Nada se sabe, pois êle a ninguém fala. Pálido e de expressão fatigada, já não é o mesmo homem. Tem a testa enrugada, sob a franja de cabelos castanhos, e caminha curvado. O olhar tem um brilho estranho. Parece inquieto.

Entrevi-o hoje, por instantes, e pude observar tudo isso. Vejo-o raramente de algum tempo para cá.

Já não o sirvo à mesa.

Não voltei ao quarto da princesa. Parece que ela jaz numa espécie de torpor. Diz-se que o príncipe vai vê-la com freqüência. Senta-se perto do seu leito e vela pela espôsa. Agora, que Fiammetta morreu...

Os sêres humanos são deveras bizarros. Jamais conseguirei entender seus amôres.

O EXÉRCITO inimigo levantou o cêrco e afastou-se assim que a peste começou também a atingi-lo. Os mercenários de Boccarossa não estão muito empenhados em lutar contra tão terrível adversário.

E, assim, a epidemia pôs fim à guerra de um modo que ninguém seria capaz de fazer. Os dois países estão agora devastados, sobretudo o nosso. E os dois povos exaustos demais para pensarem em recomeçar a luta. Montanza não conseguiu nada e suas tropas talvez levem com elas a peste para o lar de cada um.

No palácio, o número de mortes é cada vez maior. Os panejamentos negros em honra de Angélica ainda estão nos seus lugares e harmonizam-se muito bem com a atmosfera sombria.

Estou excluído dos serviços da côrte. Ninguém me chama, ninguém me pede seja o que fôr. Ainda menos o príncipe, naturalmente. Nunca mais o vi.

Observo na fisionomia dos outros que anda alguma coisa no ar. Mas não desvendo o quê.

Alguém me teria caluniado?

Retirei-me completamente para os aposentos dos anões. Nem mesmo desço em busca de comida e contento-me com um pouco de pão rançoso que guardei comigo. É suficiente, nunca fui pessoa de muito apetite.

Estou sòzinho, sob o teto baixo, mergulhado em meus pensamentos.

Cada vez aprecio mais esta completa solidão.

HÁ já muito tempo que nada escrevia em meu caderno. Isso foi devido a acontecimentos que afetaram profundamente a minha vida e me impediram de continuar redigindo notas. Estas mesmas notas não estavam à minha disposição. Só agora consegui reavê-las.

Estou acorrentado à parede de uma das masmorras do castelo. Ainda não há muito estava algemado, embora fôsse

uma medida supérflua, pois eu não podia evadir-me. Agora tenho as mãos livres, enfim, ignoro porquê, já que não pedi que as soltassem. Nada pedi. Se bem que não tivesse mudado em nada, minha situação tornou-se, pois, um pouco mais suportável. Convenci Anselmo, meu carcereiro, a subir no alojamento dos anões e trazer para aqui minha escrivaninha e meu maço de notas, a fim de que possa, por vêzes, entregar-me a êste pequeno divertimento de rabiscar umas linhas e ordenar o que já foi escrito. Talvez Anselmo tenha corrido algum perigo trazendo-me tudo isso, porquanto, embora minhas mãos estejam agora livres, não estou certo de que me permitam entregar-me a esta despretensiosa ocupação; e, como êle próprio me disse, não tem o direito de me conceder seja o que fôr, mesmo que gostasse de o fazer. Mas Anselmo é um homem condescendente e simplório, de modo que consegui convencê-lo sem muito custo.

Reli as minhas notas desde o princípio, um pouco cada dia, e senti uma certa satisfação em reviver a minha vida e a de muitos outros, e em refletir longamente sôbre o assunto durante estas horas silenciosas. Vou tentar agora reatar a minha narrativa no ponto em que a interrompi e introduzir, assim, um pouco de variedade em minha existência inegàvelmente monótona.

Não sei ao certo há quanto tempo aqui me encontro. Meus dias de prisioneiro são tão desprovidos de incidentes, parecem-se tanto uns com os outros, que desisti de contá-los e deixei de me interessar pelo curso do tempo. Mas lembro-me nìtidamente das circunstâncias que me trouxeram a esta enxovia, acorrentado a esta parede.

Estava tranqüilamente sentado, certa manhã, em meu quarto de anão, quando um dos ajudantes do carrasco se apresentou no limiar da porta e me ordenou que o acompanhasse. Não me deu qualquer explicação e tampouco fiz qualquer pergunta, considerando que estava abaixo da minha dignidade dirigir-lhe a palavra. Conduziu-me à câmara de torturas, onde encontrei o carrasco, grande e rubicundo, nu até até à cintura, como que esperando por mim. Havia também um escrivão e, depois de me mostrarem todos os instrumentos de suplício, foi êle quem me exortou vivamente a fazer uma

confissão completa de tudo o que se passara durante as minhas visitas à princesa e que a tinham mergulhado em tão lamentável estado. Recusei, é claro. O escrivão insistiu duas vêzes, mas sempre em vão. Então o carrasco apoderou-se de mim e deitou-me sem esfôrço no cavalete. Como o instrumento não fôra feito para indivíduos do meu tamanho, tive de descer e esperar que o adaptassem a um corpo de anão. Fui obrigado a escutar seus gracejos obscenos e estúpidos, e as garantias de que fariam de mim um belo e desenvolto mocetão. Voltaram então a pôr-me no cavalete, onde sofri as mais horrendas torturas. Apesar do sofrimento, não proferi um único som e contentava-me em encará-los com ar de desprêzo, enquanto cumpriam sua ignóbil tarefa. O homem da Lei, debruçado sôbre mim, tentava arrancar o meu segrêdo, mas nenhuma palavra saiu de meus lábios. Não traí a princesa. Não queria que sua degradação fôsse conhecida.

Por que agi assim? Ignoro. O fato certo é que não me ocorreu sequer a idéia de nada revelar que pudesse desonrar a princesa. Foi uma atitude instintiva. Mais valia suportar os piores sofrimentos. Mordendo os lábios, deixei-me torturar por causa dessa mulher execrável. Por quê? Por quê? Talvez, no fundo, não me desagradasse sofrer por ela.

Finalmente, tiveram de me deixar e desprender as correias que me atavam ao potro, soltando horríveis imprecações. Fui conduzido a uma das masmorras e carregado de grilhões que tinham sido feitos para mim quando ofereci o sacrifício da missa ao meu povo oprimido e que, afinal, sempre vieram a servir para alguma coisa. Êsse cárcere era mais acolhedor do que êste onde me encontro agora. Dois dias depois, levaram-me de nôvo à câmara de suplícios, onde sofri o mesmo tratamento que da primeira vez, mas sempre em vão. Continuei a guardar o segrêdo no fundo do meu peito.

Passado algum tempo, compareci perante uma espécie de tribunal que me notificou ter sido eu acusado de tôdas as malfeitorias possíveis e imagináveis, entre elas, ter causado a morte da princesa. Eu ignorava que ela morrera, mas estou convencido de que nenhum movimento do meu rosto traiu a emoção que senti ao escutar a notícia. Ela morrera sem sair de seu torpor.

Perguntaram-me se tinha alguma coisa a declarar em minha defesa. Não me dignei responder-lhes. Veio então a sentença. Pelas minhas malfeitorias e por todos os infortúnios e desgraças que eu engendrara, fui condenado a ficar acorrentado na mais sombria masmorra do castelo e aí permanecer perpètuamente. Eu era uma serpente venenosa, o gênio mau de Sua Alteza o Príncipe, e êste desejava expressamente que me tornassem inofensivo para sempre.

Ouvi a sentença sem pestanejar. O meu velho rosto de anão apenas exprimia desprêzo e sarcasmo, e notei que os meus juízes me contemplavam com pavor. Levaram-me para fora do tribunal e nunca mais voltei a ver qualquer dessas desprezíveis criaturas, exceto Anselmo, que é por demais insignificante para que eu possa desprezá-lo.

Serpente venenosa!

É verdade que preparei um veneno, mas por ordem de quem? É verdade que causei a morte de Don Ricardo, mas quem desejava essa morte? É verdade que flagelei a princesa, mas quem me suplicou que o fizesse?

Os sêres humanos são fracos e exaltados demais para poderem forjar seu próprio destino.

Poder-se-á perguntar como todos êsses crimes atrozes não me valeram a morte no patíbulo, mas só ficarão espantadas as pessoas irrefletidas ou que conhecem mal o meu nobre senhor. Conheço-o de sobejo para temer que tal sorte me pudesse ser destinada. Em suma, êle não tem sôbre mim poder para tanto.

Poder sôbre mim! Que importa que eu esteja atirado numa enxovia! Para que servirá ter-me acorrentado! Com tudo isso, ainda ficarei fazendo parte mais integrante do próprio castelo. Prenderam-me às suas muralhas para demonstrá-lo. Estamos ligados um ao outro! Não podemos escapar um ao outro — o príncipe meu senhor e eu! Se sou prisioneiro, êle também é! Está acorrentado a mim, como estou a êle!

Vivo no meu buraco uma obscura vida de toupeira, ao passo que êle passeia em seus magníficos salões. Mas minha vida é a sua. E sua nobre vida rodeada de honrarias me pertence, na realidade.

PRECISEI de muitos dias para contar tudo isto. Só posso escrever durante o breve momento em que um raio de sol, filtrando-se pela estreita frecha da muralha que serve de janela nesta sombria masmorra, vem alumiar um pouco o meu papel. Tenho de aproveitá-lo sem perda de um instante. Êsse raio passeia durante uma hora bem contada pelo chão mas não posso acompanhá-lo em meu trajeto por causa das correntes que me prendem à parede. Mal posso deslocar-me donde estou. Também preciso de um tempo infinito para reler o que escrevi mas isso é uma vantagem, pois assim prolongo esta pequena distração.

O resto do tempo nada tenho a fazer. Às três horas já é escuro e tenho de passar a maior parte do dia mergulhado em trevas. Os ratos se aproveitam disso para passear por tôda a parte com seus olhinhos brilhantes. Descubro-os imediatamente, porque, como êles, também sou capaz de ver nas trevas noturnas e estou ficando cada vez mais uma espécie de animal subterrâneo. Detesto êsses bichos gordos e imundos, caço-os ficando imóvel e silencioso até que êles se acercam de mim o bastante para poder esmagá-los com os pés. É uma das raras manifestações de vitalidade que ainda me restam. Pela manhã, ordeno a Anselmo que os jogue fora. Não sei de onde vêm. Deve ser pela porta, que não fecha hermèticamente.

A umidade exsuda das paredes e a masmorra tem um cheiro a môfo que me faz sofrer mais do que o resto. O chão de terra batida foi endurecido pelos passos de todos aquêles que estiveram e estiolaram aqui antes de mim. Não estariam acorrentados, pelo menos nem todos, pois a extensão do solo parece rijo como pedra. À noite, repouso sôbre um monte de feno... como ela também fazia. O meu leito de palha está, entretanto, menos imundo que o dela. Ordeno a Anselmo que a mude uma vez por semana. Eu não sou um penitente. Sou um homem livre e não me degrado.

Assim decorre minha existência nesta masmorra. Penso na vida e nos homens, como sempre fiz, e não creio que minhas idéias estejam sofrendo qualquer mudança. Sinto-me cada vez mais firme.

Se julgam poder-me dobrar, estão redondamente enganados.

TIVE um ligeiro contato com o mundo exterior graças ao bom homem que é o meu carcereiro. Quando me traz a comida, conta-me à sua maneira ingênua o que se passa, acrescentando alguns comentários de sua lavra. Está muito interessado nos acontecimentos e compraz-se em expressar suas opiniões, que lhe custam grande esfôrço mental. Em sua bôca tudo se torna simples e infantil; êle pergunta, sobretudo, o que Deus teria querido que se fizesse em tal ou tal caso mas, com a minha maior experiência do mundo, consigo formar uma idéia bastante exata do que está acontecendo. Assim tomei conhecimento das circunstâncias que acompanharam o declínio e morte da princesa, bem como diversos incidentes que ocorreram após minha prisão. O príncipe passava dias inteiros à cabeceira de sua espôsa, viu o rosto dela tornar-se cada vez mais transparente, mais diáfano ou, como se dizia na côrte, completamente espiritualizado. Uma verdadeira Madona, afirma Anselmo como se êle próprio a tivesse visto. Eu, que a vi, sei muito bem o que pensar a tal respeito. Mas acredito, na verdade, que o príncipe se dedicou inteiramente à espôsa que ia abandoná-lo. Talvez êle revivesse o seu grande amor da juventude, embora o fizesse sòzinho, pois a princesa já estava bem longe de todos os vínculos terrestres. Conhecendo-o como eu o conheço, suponho que achava muitíssimo comovente êsse desprendimento, essa espécie de imaterialidade. Devia estar, ao mesmo tempo, desconcertado por uma conversão em que êle não participara e gostaria, sem dúvida, de poder chamar de nôvo a princesa à vida. Mas ela fugia-lhe entre os dedos, imperceptìvelmente, sem lhe dar qualquer explicação. Êsse mutismo aumentava certamente o seu amor, como sempre acontece em tais casos.

Foi nesse estado de espírito que o príncipe ordenou que me torturassem e prendessem. Êle amava-a porque a princesa se tornara inacessível e, ao mesmo tempo, fazia-me sofrer porque ela assim ficara. Tal atitude não me espanta, pois nada neste mundo merece o meu espanto.

Mestre Bernardo e muitos outros foram visitá-la. O velho mestre disse, ao que parece, que o rosto dela apresentava um interêsse extraordinário e que começava a compreendê-la. E a entender por que motivo não tivera êxito em seu retrato. Aliás, êle não tem a certeza de que o retrato seja um fracasso, em-

bora a princesa, no fim da vida, tenha certamente deixado de se lhe assemelhar. Suponho que se apercebeu disso e que essa constatação lhe terá propiciado ampla matéria de reflexão.

Os padres intervieram então e espalharam-se por todo o paço; declaravam que o ingresso da princesa na vida eterna era um espetáculo sumamente edificante e magnífico. O seu próprio confessor também lá devia estar, dizendo a quem quisesse ouvi-lo que a princesa estava imaculada e sem pecado, em puro estado de graça. Quando o fim se aproximou, o arcebispo em pessoa veio conceder-lhe a comunhão e a extrema-unção; os aposentos encheram-se de prelados e dignitários eclesiásticos de uma ponta à outra da hierarquia, todos vestidos em grande pompa. Mas ela morreu sòzinha, ignorando que havia tanta gente em seu redor.

Após sua morte, encontrou-se um pedaço de papel sujo e amarfanhado em que a princesa escrevera ser seu desejo que queimassem, como faziam aos pestíferos, seu desprezível corpo pecaminoso e lançassem as cinzas à rua para serem pisadas e dispersas pelos pés dos passantes. Tais palavras foram consideradas pura divagação e não se levou em conta suas derradeiras vontades que, no entanto, eram muito sinceras. Optou-se por um meio têrmo: seu corpo foi embalsamado mas colocaram-no num humilde esquife de ferro, sem qualquer espécie de ornamentos. Assim saiu o préstito fúnebre pelas ruas da cidade, até à cripta dos príncipes na catedral. O cortejo foi tão pouco imponente que possibilitou à princesa ser devotamente acompanhada pela gente mais comum, os pobres diabos que tinham sobrevivido à peste. Anselmo descreveu-me o percurso, que achou muito comovente, através da cidade devastada pela epidemia. Talvez sua impressão esteja certa.

As pessoas acreditavam saber tudo a respeito da princesa e seus últimos momentos de vida, apoderavam-se dela como se fôsse propriedade legítima de cada um, transformando ao sabor da fantasia, como sempre ocorre em tais casos, o que tinham ouvido contar. A imaginação dessa gente era excitada pela vista de um simples e feio esquife de ferro no meio das suntuosas urnas de prata e dos mármores artìsticamente esculpidos da cripta da família reinante. À plebe pareceria que a princesa já lhes pertencia também um pouco. E suas mortificações e flagelações, que a camareira privada acabara por

contar a muitas pessoas, fizeram da morta uma espécie de eleita, que sofreu mais do que outras a sua degradação por ser de uma classe mais alta, tal como Jesus sofreu muito mais do que os outros por ser filho de Deus, embora não tenham sido poucos os crucificados no seu tempo, alguns de cabeça para baixo e muitos tenham sofrido, ao que parece, torturas ainda piores do que as d'Êle. Assim foi que a princesa se converteu numa santa, desprezando e renunciando à vida ao ponto de martirizar voluntàriamente seu próprio corpo, até lhe causar a morte. E elaborando a história dêsse jeito, sem se preocuparem com a realidade, essas pessoas ignaras deram por concluída sua obra de acôrdo com seus íntimos desejos. Quem sabe se elas não terão feito surgirem milagres em redor do esquife de ferro que contém seus restos? Pelo menos, Anselmo está crente de que sim. Disse-me que uma irradiação luminosa cerca o túmulo da princesa tôdas as noites. É possível. Como a catedral está sempre fechada a essas horas, ninguém pode negar nem afirmar a veracidade do fato. E quando os crentes têm de escolher entre o que é verdadeiro e o que não é, já se sabe que escolhem sempre o que não é. A mentira é mais impressionante e mais requintada do que a verdade. Por isso a preferem.

Quando ouço contar tudo isso, sou obrigado a reconhecer que fui, involuntàriamente, o criador dessa auréola sobrenatural ou, pelo menos, que contribui em grande parte para o seu ilusório esplendor. E pensar que por causa disso estou acorrentado a uma parede! Naturalmente, ninguém sabe disso mas, se o soubessem, por certo não se interessariam no meu martírio, que deve ser para êles um episódio perfeitamente secundário. Tampouco estou interessado em que saibam ou deixem de saber. Mas estou muito espantado pelo fato de um profano como eu ter sido escolhido para instrumento de semelhantes acontecimentos!

Certo dia — já não me lembro quando — Anselmo contou-me que Mestre Bernardo pintara uma Madona com os traços fisionômicos da princesa. O príncipe e tôda a côrte estavam altamente interessados nessa obra, que lhes causava imenso prazer. O velho mestre declarara ser sua intenção transmitir à tela a personalidade mais íntima da defunta, tudo o que êle só pudera adivinhar vagamente antes de tê-la visto em

seu leito mortuário. Não sei se êle conseguiu seu intento, pois nunca tive sua obra diante dos olhos; apenas ouvi dizer que se trata de uma extraordinária obra-prima. Aliás, dizem isso de tudo o que Bernardo faz. Trabalhou demoradamente no retrato da Madona mas sempre o acabou, afinal de contas, ao passo que a sua famosa Ceia, com o Cristo repartindo o pão entre os que o cercam à mesa, ficará para sempre incompleta. Talvez fazer uma espécie de retrato seja mais fácil. O quadro foi pendurado na catedral, junto de um dos altares à esquerda da nave, e Anselmo confessou-me ter sentido uma admiração infantil quando o viu pela primeira vez. Descreveu-mo em seu modo ingênuo e disse que, na opinião de todo o mundo, jamais fôra pintada Madona como aquela, uma Mãe de Cristo tão terna e divina. O sorriso misterioso, um pouco enigmático, que flutua em tôrno dos lábios, seduz profundamente as pessoas. Parece-lhes ter algo de inexplicável, algo de celestial, repassado de um misticismo sôbre-humano. Compreendi que o pintor mantivera o sorriso do primeiro retrato, em que a princesa se parecia a uma mulher de maus costumes.

Não era fácil fazer uma idéia dessa obra de arte através das descrições rústicas de Anselmo; entretanto, compreendi que o mestre lograra realmente criar algo que exercia grande atrativo sôbre as almas devotas. Embora Bernardo não deva ser um crente muito convicto da mãe de Deus, êle foi capaz, mesmo assim, de impregnar o rosto da Madona de um sentimento religioso sincero e de inspirar no espectador uma piedosa emoção. Verdadeiras multidões acorrem a ver a nova Madona e não tardou muito que não começassem ajoelhando diante do quadro com uma vela na mão. Contam-se aí mais genuflexões do que diante de qualquer outro altar; e são tantos os candelabros acesos em frente e por todos os lados do retrato da defunta, que suas chamas são as primeiras a ver-se logo ao entrar na catedral. Os humildes, em especial, todos os infelizes e oprimidos, numerosos nestes agitados tempos, juntam-se aos pés do retrato para suplicar um consôlo para suas atribulações. Ela tornou-se a Madona favorita, que escuta pacientemente o relato das preocupações e dores de cada um, ajudando-os e aliviando-os, quando afinal, que eu saiba, jamais se preocupou em vida com a sorte dos pobres. Tal como eu,

Bernardo despertou nas pessoas, graças ao seu enorme talento, um profundo sentimento religioso.

Enquanto conto estas coisas, não posso deixar de concluir que elas são deveras estranhas. Quem acreditaria que essa mulher ainda seria entronizada na catedral como doce Madona consoladora, objeto de adoração popular, e que reinaria, pura e celeste, à luz das velas oferecidas em preito à sua bondade? O seu outro retrato, em que ela tem o ar de uma prostituta, está no palácio, porque o príncipe mandou-o emoldurar e pendurar numa parede, embora Mestre Bernardo não esteja satisfeito com a obra. Apesar do flagrante contraste, as duas imagens talvez sejam verdadeiras, cada uma a seu modo, e ambas têm o mesmo sorriso longínquo que os fiéis freqüentadores da catedral consideram tão celeste.

Os homens gostam de ver-se refletidos em espelhos enevoados.

DEPOIS de ter escrito tudo isto, quer dizer, tudo o que aconteceu depois da minha prisão, dou-me conta de que nada mais tenho a registrar. Anselmo continua me informando do que se passa na cidade e na côrte mas nada ocorre de especial. A peste acabou por se extinguir, após ter ceifado uma grande parte da população; desapareceu quando muito bem lhe aprouve, tal como viera; os casos tornaram-se cada vez mais raros e, finalmente, sumiu da cidade. A vida retomou, pouco a pouco, o seu curso habitual e a cidade, apesar de tudo, recupera sua antiga fisionomia. Os camponeses reconstruíram suas casas e fazendas queimadas e o país todo refaz lentamente suas perdidas fôrças, embora esteja ainda muito depauperado. As dívidas de guerra são terríveis e os cofres do Estado encontram-se vazios; portanto, como Anselmo me explicou, o povo está sendo carregado de impostos. Mas temos paz, acrescenta Anselmo, e tudo acabará por se arranjar. Há contentamento no país, diz êle ainda, com seu rosto ingênuo radiante de satisfação.

Com sua contínua tagarelice, meu carcereiro fala-me de todos os assuntos possíveis e imagináveis, e, naturalmente, eu o escuto porque, embora possa por vêzes ser bastante cansativo,

não tenho mais ninguém com quem falar. Um dêstes dias veio dizer-me que a vultosa dívida com Veneza fôra liquidada, finalmente, e que o país já estava livre dêsse pesado encargo.

— O futuro está clareando um pouco e melhores tempos virão depois de tão duras provações, — declarou êle. — Isso já se vê numa porção de coisas.

Recomeçaram as obras do campanário, abandonadas há anos, e espera-se que fique concluído dentro em breve. Menciono êste fato embora o considere insignificante. Na verdade, nada se passa que seja particularmente interessante.

Estou sentado em minha cela, depois de ter aguardado o raio de sol durante o que me pareceu um tempo infinito. Mas quando êle apareceu, enfim, eu nada tinha a confiar a êste papel que sua luz ilumina. A pena repousa ociosa em minha mão.

A minha existência é tão monótona que já nem tenho vontade de escrever.

Amanhã é a consagração solene do campanário, cujos carrilhões soarão pela primeira vez. Os sinos contêm uma grande parcela de prata, resultado de uma coleta feita em todo o país. Acredita-se que isso lhes dará um timbre mais belo.

O príncipe e tôda a côrte assistirão à cerimônia.

A CONSAGRAÇÃO teve lugar e Anselmo contou-me a propósito muitas coisas, que êle ouviu dizer as pessoas que assistiram ao solene ato. É um acontecimento inesquecível, garante-me Anselmo. Quase tôda a população estêve presente. O príncipe caminhou a pé, à frente dos cortesãos, e as ruas estavam orladas de gente que queria vê-lo e participar da cerimônia. Parecia grave, mas direito e flexível como antes, e visìvelmente feliz por êsse dia. Êle e todo o seu séquito ostentavam trajos soberbos. Chegado à grande praça da catedral, o príncipe foi o primeiro a entrar no santo lugar, fêz uma genuflexão junto do túmulo da princesa, depois diante do altar onde se encontra o quadro que a representa, e todo o mundo o imitou. Cumprido êsse ato de devoção, regressaram à praça

da catedral e os sinos do campanário começaram tocando. O seu timbre é tão belo que a multidão, empolgada de emoção, escutou em silêncio essa melodia indescritível, que mais parecia vir do céu. Os carrilhões retiniam sôbre a cidade e os homens sentiam-se felizes ao escutá-los. Na praça, o povo reunido em tôrno do príncipe comentava nunca ter vivido momentos iguais. E era a pura verdade, declarou Anselmo.

Para sua grande mágoa, êle não pudera assistir à cerimônia por ser a hora em que tem de levar comida aos prisioneiros. Por isso tivera de contentar-se em escutar os sinos de longe, aqui mesmo na tôrre das masmoras. Assim que êles começaram repicando, veio correndo para me chamar a atenção. No seu entusiasmo, deixou a porta aberta a fim de que também eu pudesse ouvi-los. Creio que o bom homem tinha lágrimas nos olhos e jurou nunca ter escutado sinos como aquêles. Na realidade, soam como todos os outros e nada têm de especial. Fiquei contente quando êle voltou a fechar a porta e me deixou tranqüilo.

Continuo acorrentado, os dias correm sem trazer qualquer mudança. É uma vida completamente vazia e triste, mas aceito-a sem queixumes. Espero tempos melhores, que certamente virão, pois certamente não estou fadado para jazer aqui até à eternidade. Terei ocasião de continuar minha crônica à luz do dia, como outrora, e meus serviços serão de nôvo necessários. Se conheço bem o príncipe meu senhor, êle não poderá passar muito tempo sem o seu anão. Eis o que digo a mim próprio em minha masmorra e assim continuo de bom humor. Penso no dia em que virão libertar-me dos grilhões, porque êle me terá mandado buscar.

A MENSAGEM DE HERMANN HESSE
ENCONTRA-SE AO SEU ALCANCE

O LÔBO DA ESTEPE

— romance autobiográfico que debate
a dualidade da alma humana;

SIDARTA

— narrativa romanesca impregnada pela
sabedoria oriental;

DEMIAN

— a história intranqüila de uma juventude
envolvida por inquietações e dúvidas;

VIAGEM AO ORIENTE

— alegoria de rara grandeza espiritual
que é uma ansiosa busca da verdade

e

CONTOS

— coletânea fascinante de narrações que
reúnem páginas de enrêdo denso e mágico estilo;

são obras de

HERMANN HESSE

— Prêmio Nobel de 1946 —
que valorizam qualquer biblioteca e enriquecem,
pelo seu conteúdo e beleza artística, a
sensibilidade e a inteligência de todos
os leitores.

Não deixe de *ter* e de *ler* êsses
lançamentos de categoria da
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

De estilo direto e límpido, despido de imposturas sentimentais ou de forma, e, ao mesmo tempo, um ser empolgado pelas belezas da vida, mesmo quando áspera e dura,

ERNEST HEMINGWAY

— detentor de inúmeros prêmios de projeção internacional, inclusive o *Nobel* — deixou romances, contos, memórias e reportagens de rica e perturbadora vivência, de tocante interêsse humano e de invulgar grandeza artística, como as seguintes obras lançadas por esta Editôra:

DO OUTRO LADO DO RIO, ENTRE AS ÁRVORES (romance)
O SOL TAMBÉM SE LEVANTA (romance)
CONTOS
PARIS É UMA FESTA (memórias)
e HEMINGWAY REPÓRTER:
I — TEMPO DE VIVER
II — TEMPO DE MORRER

— dois volumes que reúnem os seus melhores artigos, entrevistas, comentários e depoimentos pessoais em tôrno dos mais diversos e variados assuntos. Para bem compreender êsse espírito lúcido, êsse homem e escritor sofridos, não deixe de ler

PAPÁ HEMINGWAY, de A. E. HOTCHNER

— um retrato vivo, palpitante e comovedor de um dos maiores escritores norte-americanos e universais do nosso tempo

Todos lançamentos de categoria da
CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA

Autor de romances de entretenimento, capaz de engendrar enredos de ação intensa; escritor engajado, que se coloca a serviço da libertação do homem; analista comovido dos conflitos e sofrimentos da criatura humana ou, ainda, criador de um universo de ficção irônico, malicioso e satírico,

Graham Greene

em tôda a sua obra — consagrada pela crítica universal e aplaudida pelo público em todo o mundo — pode ser lido no Brasil através dos seguintes livros em que também surpreende a grandeza e a miséria, o grotesco e o ridículo, o idealismo e a gratuidade, as dores e as alegrias de uma humanidade perplexa e desnorteada:

OS COMEDIANTES (romance)
O CREPÚSCULO DE UM ROMANCE (romance)
UM CASO LIQUIDADO (romance)
BELA E QUERIDA INGLATERRA (romance)
É UM CAMPO DE BATALHA (romance)
TREM DE ISTAMBUL (romance)
UMA SENSAÇÃO DE REALIDADE
(novelas e contos)
EMPRESTE-NOS SEU MARIDO
(novelas e contos)
e VIAGENS COM MINHA TIA (romance)

Todos lançamentos de categoria da
C I V I L I Z A Ç Ã O B R A S I L E I R A

Êste livro
foi composto
e impresso na
GRÁFICA
URUPÊS

Rua Cadiriri, 1161
Fones: 273-4483
273-0905
Caixa Postal 30.174
São Paulo - Brasil
1970